

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E TECNOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS
HUMANOS**

GABRIEL GONÇALVES RIBEIRO

**ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO E A EXPLORAÇÃO NO MUNDO DA BOLA - O
JOGADOR DE FUTEBOL ENQUANTO MERCADORIA: ESTUDO DE CASO
PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS DO SIAPERGS**

**PELOTAS
2024**

GABRIEL GONÇALVES RIBEIRO

**ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO E A EXPLORAÇÃO NO MUNDO DA BOLA - O
JOGADOR DE FUTEBOL ENQUANTO MERCADORIA: ESTUDO DE CASO
PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS DO SIAPERGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Política Social e Direitos Humanos.

Linha de Pesquisa: Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas.

Orientador: Professor Dr. Tiago de Garcia Nunes.

**PELOTAS
2024**

Ficha catalográfica

Ribeiro, Gabriel Gonçalves

Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola - o jogador de futebol enquanto mercadoria: estudo de caso Projeto Atletas Livres - Polo Pelotas do Siapergs./ Gabriel Gonçalves Ribeiro. - Pelotas: UCPEL, 2024.

128 f.

Orientador: Tiago de Garcia Nunes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos. - Pelotas, BR-RS, 2024.

1. Mercadoria. 2. Mundo do trabalho. 3. Precarização.
3. Mercado do futebol. I. Nunes, Tiago de Garcia. II.
Título.

Bibliotecária responsável: Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

GABRIEL GONÇALVES RIBEIRO

**ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO E A EXPLORAÇÃO NO MUNDO DA BOLA - O
JOGADOR DE FUTEBOL ENQUANTO MERCADORIA: ESTUDO DE CASO
PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS DO SIAPERGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Política Social e Direitos Humanos.

Linha de Pesquisa: Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas.

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Garcia Nunes
Universidade Católica de Pelotas

1º Examinador: Prof. Dr. Felipe Lazzari da Silveira
Universidade Católica de Pelotas

2º Examinador: Prof. Dr. Juliano Oliveira Pizarro
Instituto Federal do Piauí

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que já sonharam,
aos que sonham e aos que um dia ainda irão sonhar em
ser um jogador de futebol profissional.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus pais e filha, pelo apoio e incentivo no meu retorno ao universo acadêmico depois de um longo período.

Ao professor Tiago de Garcia Nunes por ter sido meu orientador e ter contribuído para que este trabalho fosse realizado.

Aos professores componentes das bancas de Qualificação e Defesa pelas sugestões para que esse trabalho pudesse apresentar sua contribuição da melhor maneira possível.

Aos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa Questão Agrária, Urbana e Ambiental e Observatório dos Conflitos da Cidade pelas trocas de conhecimentos a cada encontro realizado.

À Universidade Católica de Pelotas, instituição fundamental na minha formação acadêmica, na qual já havia realizado graduação e pós-graduação/especialização na primeira década do século.

Aos docentes do PPG-PSDH que proporcionaram conhecimentos e reflexões transformadoras.

Aos coordenadores e jogadores do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas pela confiança e participação na pesquisa desenvolvida neste trabalho.

À CAPES pelo benefício Taxa Escolar concedido e fundamental para a realização e conclusão deste mestrado.

O bairro tem inveja dele: o jogador de futebol profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar. Os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo; e ele se deixa levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso.

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho visa compreender e realizar uma análise crítica acerca dos principais desafios de atletas na busca pela carreira profissional de jogador de futebol. O estudo faz uso do materialismo histórico dialético quanto ao método e em seu percurso metodológico apresenta uma pesquisa qualitativa, sem renunciar a um suporte quantitativo do tema. Ademais, seu objetivo é exploratório e tem como procedimentos uma pesquisa bibliográfica, uma pesquisa documental e um estudo de caso. Seu aporte teórico usa de conceitos marxianos e de interpretações de autores marxistas para abordar o jogador de futebol enquanto uma mercadoria, detentor de um valor de troca. Ademais, perpassa a trajetória do futebol dentro do modo de produção capitalista para apontar e suscitar reflexões acerca das relações de trabalho cada vez mais precárias existente na sociedade contemporânea, onde a espetacularização tem papel preponderante para a manutenção de um exército de reserva. Através de técnicas, como entrevista semiestruturada e observação assistemática, não participante, em equipe e com trabalho de campo, foram coletados dados junto a integrantes do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul que permitiram que este trabalho intensificasse sua análise crítica acerca da manifestação dessa espetacularização e da precarização das relações de trabalho.

Palavras-chave: Mercadoria. Mundo do Trabalho. Precarização. Mercado do Futebol.

ABSTRACT

This work aims to understand and carry out a critical analysis of the main challenges faced by athletes in their search for a professional career as a football player. The study makes use of dialectical historical materialism in terms of method and in its methodological path it presents qualitative research, without renouncing quantitative support for the theme. Furthermore, its objective is exploratory and its procedures include bibliographical research, documentary research and a case study. Its theoretical contribution uses Marxian concepts and interpretations of Marxist authors to approach the football player as a commodity, holding an exchange value. Furthermore, it goes through the trajectory of football within the capitalist mode of production to point out and raise reflections on the increasingly precarious labor relations that exist in contemporary society, where spectacularization plays a preponderant role in maintaining a reserve army. Through techniques such as semi-structured interviews and unsystematic, non-participant, team observation and fieldwork, data were collected from members of the Free Athletes Project – Polo Pelotas of the Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul, which allowed this work would intensify its critical analysis regarding the manifestation of this spectacularization and the precariousness of work relations.

Keywords: Commodity. World of Work. Precariousness. Soccer Market.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gabriel Barbosa, Jean Chera e Neymar.....	77
Figura 2 – Card de convite para a inauguração do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	86
Figura 3 – Primeiro treino do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	87
Figura 4 – Primeiro treino do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas no campo do SESI.....	87
Figura 5 – Primeiro amistoso do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	88
Figura 6 – Calendário das competições oficiais da FGF em 2023.....	89
Figura 7 – Calendário das competições oficiais da FGF em 2024.....	89
Figura 8 – Primeiro treino após as enchentes de maio de 2024 em Pelotas.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	93
Gráfico 2 – Perfil ocupacional do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	94
Gráfico 3 – Participação em categorias de base.....	95
Gráfico 4 – Escolha por categorias de base de clubes profissionais.....	96
Gráfico 5 – Remunerações dos atletas do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.....	97
Gráfico 6 – Atletas com familiares que atingiram a profissionalização com o futebol.....	101
Gráfico 7 – O que consomem acerca de futebol na televisão.....	103
Gráfico 8 – Consumo de produtos materiais dos atletas do projeto.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo das carreiras de jogadores do Santos.....	76
Quadro 2 – Onde fica(m) cada um dos atletas analisados.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Países associados à FIFA (1904-2024)	46
Tabela 2 – Os 10 esportes mais populares do mundo em 2024.....	48
Tabela 3 – Campeonatos mundiais de clubes de 1961 a 1995 (até a Lei Bosman)	57
Tabela 4 – Campeonatos mundiais de clubes de 1996 a 2023 (após a Lei Bosman)	57
Tabela 5 – Competições entre seleções Europa x América do Sul (Copa do Mundo, Copa das Confederações e Copa dos Campeões UEFA-Conmebol)	57
Tabela 6 – Os maiores patrocínios do futebol brasileiro em 2024.....	63
Tabela 7 – Percentual de jogos suspeitos em 2023.....	64
Tabela 8 – Os 10 jogadores mais valiosos do mundo do futebol.....	69
Tabela 9 – As 10 transferências mais caras de todos os tempos.....	69

LISTA DE SIGLAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPG-PSDH	Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos
SAD	Sociedade Anônima Desportiva
SAF	Sociedade Anônima do Futebol
SESI	Serviço Social da Indústria
SIAPERGS	Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. A MERCADORIA JOGADOR DE FUTEBOL.....	23
2.1 FORÇA ESPORTIVA.....	23
2.2 EXÉRCITO DE RESERVA E O FETICHE DA MERCADORIA.....	29
3. FUTEBOL NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	35
3.1 DO BERÇO INGLÊS AO BRASIL.....	35
3.2 FIFA: UM BALCÃO DE NEGÓCIOS.....	44
3.3 EUROCENTRISMO: O ACÓRDÃO BOSMAN.....	53
4. ESPETACULARIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO.....	60
4.1 O FUTEBOL ESPETACULARIZADO.....	60
4.2 A PRECARIZAÇÃO NO MUNDO DA BOLA.....	72
5. PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS.....	82
5.1 NOTAS SOBRE A PESQUISA.....	82
5.2 RESULTADOS: O CONTEXTO ATUAL DO JOGADOR LOCAL.....	93
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA APLICAÇÃO NOS JOGADORES DO PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS.....	125
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	126
ANEXO II – COMPROVANTE DE ENVIO DE PROJETO – Nº CAAE.....	128

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos (PPG-PSDH) da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), junto à linha de pesquisa Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas. O tema da pesquisa se dá acerca das relações precarizadas de trabalho que ocorrem através da incidência da espetacularização do futebol masculino no Brasil.

“Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?”. O trecho, que compõe o refrão da música “É Uma Partida de Futebol”, da banda mineira Skank, destaca uma das principais paixões dos brasileiros: o futebol. Obviamente que não se pode generalizar, pois nem todos os 203,1 milhões de pessoas que fazem parte da população que vive em território nacional (IBGE, 2023) acompanham e consomem produtos dessa modalidade. Porém, cabe destacar que, sim, se trata de um número bastante expressivo o de adeptos que estimam o futebol no país. De acordo com Simões (2023), a cada cinco brasileiros com idade a partir de 16 anos, quatro deles afirmam torcer por algum time de futebol.

Torcer e jogar são coisas distintas. Nem todo torcedor conseguirá ser um jogador de futebol profissional, mas todo jogador que alcançou a carreira através desse esporte já foi um dia um torcedor. O futebol está inserido e consolidado na cultura da sociedade brasileira. Está no cotidiano das pessoas, nas ruas, nos grandes centros, no subúrbio, na zona rural. Em muitas localidades onde o Estado e as políticas públicas não chegam, lá está o futebol. Até por isso, muitas vezes ele foi e segue sendo utilizado como instrumento por lideranças e agentes políticos.

Os mais saudosos dizem que o futebol mudou, que já não é mais como antes. Essa é uma afirmação pertinente e correta, pois a sociedade do presente sofre constantes transformações e o futebol acompanha essas mudanças. De sua origem em terras chinesas (Galeano, 2024) aos dias atuais, muitas foram as inovações na modalidade. Cada uma com sua devida importância na linha do tempo do futebol. A mais conhecida da sociedade contemporânea e que justifica essa sentença proferida pelos mais saudosos se dá através das transmissões das partidas pela televisão. “Hoje em dia, o estádio é um gigantesco estúdio de televisão, que oferece a partida em casa. E a televisão manda” (Galeano, 2024, p. 165).

A chegada das transmissões dos jogos não foi por acaso. A entidade máxima da modalidade, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), durante meados dos anos 70, acabou reconfigurando as relações existentes entre futebol e mercado. Conforme Matias (2020), este foi o momento da principal transformação do futebol para o esporte que conhecemos hoje.

As relações das multinacionais de diferentes segmentos da economia, especialmente das emissoras de televisão, vão produzir profundas mudanças na organização do futebol, inclusive romper fronteiras espaciais e temporais de difusão dos espetáculos futebolísticos produzidos pelos principais clubes do mundo. As grandes jogadas dos atletas serão vistas em todos os lugares e os diversos parceiros do mercado e do Estado associados ao espetáculo futebolístico estarão lado a lado com os escudos dos clubes e seleções (Matias, 2020, p. 128).

À época, o mundo passava por uma transição, pois saía da crise do regime fordista-keynesiano, o qual havia sustentado a estabilidade e expansão da acumulação no capitalismo por pelo menos 25 anos, para uma reconstrução econômica e produtiva. Afinal, se fazia necessário romper com a rigidez do modo de produção fordista, pois este impedia a flexibilização das negociações (Harvey, 2010).

Com a consolidação destas relações, o principal produto desse esporte também foi atingido. O jogador de futebol, o qual já era visto e tratado como uma mercadoria, passa então a integrar um cenário glamourizado. Através das transmissões esportivas, a carreira do atleta profissional mudou. Aqueles que conseguem alcançar os holofotes promovidos pela televisão passam a acessar grandes quantias em salário, publicidade e premiações. Já aqueles que não desfrutam de tamanha sorte, seguem no ostracismo da modalidade.

O futebol é mercado, sendo todo e qualquer jogador um produto deste mercado. Porém, a palavra “mercadoria” pressupõe que eles sirvam para a troca e por isso existe uma diferenciação na precificação entre eles. Os clubes, donos do meio de produção e da força de trabalho dos jovens atletas, moldam suas mercadorias para atender ao futebol espetacularizado.

Matias (2020) aponta que o jogador apenas ao exercer suas funções como atleta não é de significativa relevância ao mercado, mas sim, aqueles que conseguem apresentar e entregar algo a mais nessa relação de troca em um futebol espetacularizado.

Os jogadores são os principais ativos no processo de produção do espetáculo futebolístico, ou melhor, são os meios de produção de outras mercadorias. Eles são a

pedra angular de todo o sistema que gera lucros e atrai investidores de todas as frações da burguesia. Mas somente alguns são alçados pelos meios de comunicação ao papel de verdadeiros ídolos, capazes de realizar façanhas que influenciam todo o processo produtivo e o consumo de diversas mercadorias direta ou indiretamente relacionadas com o futebol de espetáculo (Matias, 2020, p. 51).

Através dessa perspectiva, é possível identificar o papel que possui o jovem atleta oriundo da periferia nesse sistema. A glamourização promovida pela espetacularização do futebol desperta nesses jogadores a ideia da meritocracia, de que se é possível atingir o objetivo principal, que é viver do futebol sem depender de ninguém, somente e literalmente com o uso de suas próprias pernas.

Porém, um levantamento realizado pelas empresas Statista e Ernst Young junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2021 e, posteriormente, divulgado pela plataforma Cupom Válido, apresenta a dura realidade da profissão jogador de futebol quando esta não está enfeitada a serviço do capital. O estudo aponta que mais da metade dos 360 mil atletas registrados no país vivem com apenas um salário mínimo e que nem 25% deles têm o futebol como principal fonte de renda (Edição do Brasil, 2021).

Além disso, outra estatística desse mesmo levantamento reproduz a desigualdade social, política e econômica existente no Brasil. Ele apontou que o futebol movimenta por ano R\$ 52 bilhões, porém 80% desse valor está concentrado nas mãos de 7% dos profissionais registrados. Para Behring (2008), isso corrobora para que um número muito pequeno de trabalhadores possa ter estabilidade na profissão, mesmo que, ainda assim, eles sejam fundamentais porque são a propaganda necessária para aqueles que estão desempregados.

Já o empirismo trazido e aplicado desde o ponto zero desta pesquisa se dá na vivência deste pesquisador no mundo do futebol. Aqui, cabe ressaltar brevemente a trajetória percorrida nesse esporte, a qual proporcionou o desafio de investigar o tema com uma maior e melhor sustentação, potencializado, assim, os caminhos para a produção deste trabalho.

Após concluir a graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, o passo seguinte foi o de desempenhar a função de assessor de imprensa no Esporte Clube Pelotas. De torcedor a funcionário, rapidamente estava intermediando a relação do clube com a mídia esportiva. Uma atividade que durou sete anos e que, logo em seguida, foi responsável para que adentrasse ao Conselho Deliberativo da entidade, participando, a partir de então, ativamente da política interna do clube. Em 2017, veio o convite para ser vice-presidente da

instituição, ocasião em que, num mandato de dois anos, acontece uma participação direta e intensa nas principais decisões da direção executiva do clube sobre todos os aspectos, esportivos e administrativos. Em 2021, como diretor de comunicação, é aperfeiçoado e modernizado o relacionamento com os meios de comunicação, através da coordenação da equipe de assessoria de imprensa do clube. Enfim, no ano de 2022, como diretor de futebol, o momento foi de liderar todas as atividades esportivas do departamento profissional, com ênfase para as contratações de montagem do elenco das competições disputadas naquela temporada.

Pode-se dizer que, nesse percurso, foi oportunizada uma larga vivência nos dois lados do negócio. Um lado, vivenciado enquanto funcionário e colega dos atletas, e o outro, como aquele que contratava, dispensava e coordenava as ações diretamente ligadas aos jogadores que compunham o grupo. É importante frisar que, além da esfera esportiva, o início da jornada como jornalista e assessor de imprensa do clube fez a aproximação com outra mercadoria que anda lado-a-lado com o jogador de futebol contemporâneo: o futebol de espetáculo.

A partir de todos esses elementos elencados, o problema de pesquisa foi assim formulado: É possível afirmar a existência de precarização do trabalho no mundo da bola? Como a espetacularização da profissão jogador de futebol incide sobre o fenômeno do mercado de trabalho dos atletas de futebol de forma objetiva e subjetiva?

Diante desses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral compreender a manifestação da espetacularização do futebol e da precarização das relações de trabalho através da trajetória de vida dos jogadores do Projeto Atletas Livres do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul (SIAPERGS) – Polo Pelotas.

O Projeto Atletas Livres visa lançar e reinserir jogadores nos clubes de futebol profissional. Ele acolhe atletas desempregados, de férias e meninos que buscam uma primeira oportunidade no mundo do futebol. No Rio Grande do Sul, existem três polos de atuação do projeto. O pioneiro deles é sediado em Porto Alegre e os outros dois na zona sul do Estado, sendo um deles no município de Rio Grande e o outro na cidade de Pelotas. Escolhido como objeto do estudo de caso desta pesquisa, o Polo Pelotas.

A escolha pelo Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas se deu, não só pela questão geográfica, já que ocorre na mesma cidade onde reside o pesquisador, mas principalmente,

por abarcar os elementos necessários que possibilitaram que a pesquisa fosse concluída dentro do percurso metodológico previamente estabelecido.

Ademais, o Projeto Atletas Livres vai ao encontro do futebol à sombra¹, já que seus integrantes são jogadores que buscam a inserção, ou no caso de alguns, a reinserção no mercado de trabalho. Esse futebol à sombra está situado muito distante do que a espetacularização almeja: criar uma imagem passível de venda e atraente para troca no mercado global (Kurz, 2017).

Já os objetivos específicos da pesquisa foram: 1) compreender os motivos e suas variáveis que levam jovens atletas a perseguirem a profissão jogador de futebol; 2) analisar dados estatísticos sobre o mercado de trabalho no mundo do futebol masculino; 3) identificar a mercadoria “jogador de futebol” no contexto atual do modo de produção capitalista; 4) compreender a função desempenhada pela mídia ao promover a espetacularização do futebol e o quanto isso acelera o processo de precarização das relações de trabalho no futebol; 5) conhecer o perfil dos jogadores do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do SIAPERGS.

Ao se utilizar do método materialismo histórico e dialético, para que esses objetivos específicos fossem cada um deles atingido, o estudo perpassou durante todas as suas etapas duas categorias primordiais: a historicidade e a totalidade. A história é fundamental para a análise desse trabalho. O real em nossa sociedade está sempre em constante transformação, longe de ser algo finalizado. A atividade humana se materializa levando consigo peculiaridades pontuais de quando e como as coisas acontecem. Na linha do tempo do futebol não é diferente. Somado a isso, a totalidade também é essencial, já que o ponto inicial e final desse estudo é o concreto. É a totalidade que torna possível abranger uma análise recheada de determinações, como a acumulação, mercantilização da força de trabalho e espetacularização, do início ao fim dessa pesquisa.

Nesse sentido, além do materialismo histórico e dialético enquanto método, o trabalho apresentou uma pesquisa qualitativa quanto à sua natureza, sem renunciar à utilização de dados quantitativos como suporte. De acordo com Minayo (2014), o quantitativo busca interpretar dados, estatísticas e tendências comportamentais, enquanto o qualitativo possibilita compreender as relações sociais através das vivências dos sujeitos pesquisados. Gramsci

¹ Expressão retirada do título e obra de Eduardo Galeano “Futebol ao sol e à sombra”, onde ao sol estão os jogadores que vivem nos holofotes do futebol espetacularizado e à sombra aqueles que não conquistaram o espaço que tanto desejam.

(1995) sobre a dicotomia na esfera acadêmica da aplicação de pesquisas quantitativas e qualitativas estabelece:

Afirmar, portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto corpóreo do real, não significa que se pretenda esquecer a qualidade, mas ao contrário, que se deseja colocar o problema qualitativo da maneira mais concreta e realista, isto é, deseja-se desenvolver a qualidade pelo único modo no qual tal desenvolvimento é controlável e mensurável (Gramsci, 1995, p. 50).

Por isso, cabe a ressalva de que sendo uma pesquisa qualitativa, o pesquisador ao fazer a opção de quantificar dados de uma amostra pequena - relativa ao estudo de caso - é dada ciência de que ela não é representativa para fins quantitativos. Entende-se, todavia que, partindo do conhecimento do campo pesquisado, esses resultados podem, cuidadosamente, ser estendidos para outras situações de atletas na mesma condição.

Dentro da pesquisa realizada, de natureza qualitativa, portanto, se fez uso da análise textual discursiva, já que essa transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso para alcançar os seus resultados.

Quanto ao objetivo, foi uma pesquisa exploratória, haja visto a escassez de publicações acerca do tema na área das Ciências Sociais Aplicadas. Em três consultas realizadas² com as palavras-chave “futebol”, “trabalho” e “precarização” foram encontradas apenas cinco dissertações como resultado nos acervos do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. No Google Acadêmico, com filtro de pesquisa para publicações pós-pandemia, constam 3.002 artigos, porém a maior parte deles são oriundos de cursos das Ciências da Saúde e Biológicas.

Desse modo, trazer o tema futebol para uma análise acadêmica com ênfase no aspecto sociológico é um desafio, que até então foi pouco explorado, o que converge com Gil (2008), que diz:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (Gil, 2008, p. 27).

Essa escassez evidenciou a esta pesquisa um horizonte a ser desbravado pelo campo sociológico, passível de originar novas reflexões. Bourdieu (2004) atenta para o quanto a sociologia do esporte é desdenhada pelos sociológicos e menosprezada pelos desportistas em

² Consultas realizadas no dia 1º/02/2024 nos seguintes sites: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico.

geral. Nesse sentido, no prefácio da obra “A Busca da Excitação”, Eric Dunning complementa:

O desporto parece ter sido ignorado como objeto de reflexão sociológica e de investigação, em especial, porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no complexo dicotômico de sobreposição e convencionalmente aceito, como, por exemplo, entre os fenômenos de trabalho e lazer, espírito e corpo, seriedade e prazer, econômico e não econômico. Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais que a mente, e sem valor econômico (Elias; Dunning, 1992, p.17).

O futebol pode ser compreendido por diversas formas de interações entre os sujeitos que o compõem (Proni, 2007). Por isso, este estudo fez uso dos seguintes procedimentos: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental e Estudo de Caso, tendo o Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas como objeto. Entre as técnicas utilizadas no estudo de caso destacamos: entrevistas semiestruturadas, observação assistemática não participante, em equipe e com trabalho de campo.

Em relação ao aporte teórico analisado através de uma análise crítica das revisões de literatura e pesquisas documentais realizadas, este estudo extraiu como suporte as seguintes categorias: mercadoria; valor de uso e de troca; mais-valia absoluta e relativa; trabalho material e imaterial.

Desta forma, a dissertação está dividida em quatro capítulos que, interligados, dialogam e se complementam. No primeiro capítulo são apresentadas e detalhadas categorias marxianas e interpretações de autores marxistas para o entendimento e desenvolvimento da análise crítica, na qual se propõe este estudo, dentro da esfera do futebol, inserido no modo de produção capitalista.

O segundo capítulo trata da delimitação temporal na linha do tempo da história do futebol, explicando o porquê, desta análise optar pela origem ocorrida em terras inglesas no século XIX até chegar ao futebol espetacularizado promovido, principalmente, pela FIFA a partir de meados da década de 1970.

O terceiro capítulo destaca as implicações diretas e indiretas que ocorreram no mundo das relações de trabalho, salientando os aspectos objetivos e subjetivos que levam à precarização de um grande contingente dentro da profissão jogador de futebol.

No quarto capítulo são apresentadas notas sobre o desenvolvimento do Estudo de Caso junto ao Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do SIAPERGS, passando pela sua elaboração e aplicação, análise das entrevistas e obtenção dos seus resultados.

Assim sendo, a expectativa é que essa dissertação possa atender os anseios de quem procura uma análise crítica, estruturada tanto de maneira empírica como teórica, acerca do futebol que se existe na atualidade: espetacularizado para todos através da televisão e possível enquanto carreira profissional para muito poucos.

2. A MERCADORIA JOGADOR DE FUTEBOL

Karl Marx viveu entre os anos de 1818 e 1883, portanto, mesmo que o futebol possa não ter despertado sua atenção, coexistiram juntos em uma mesma sociedade. Pode ser que Marx tenha visto uma partida na Inglaterra em seus últimos anos de vida. Pode ser que tenha visto alguém chutar uma bola pelas ruas de Londres. Pode ser que tenha simpatizado com as cores de algum uniforme. Pouco provável que tenha imaginado que um dia aquele esporte incipiente pudesse ser visto num cenário de luta de classes. Afinal, o jogador tem seu valor de uso, seu valor de troca e, no mundo do futebol espetacularizado, sua força de trabalho é forjada enquanto mercadoria através da sua força-esportiva. Neste capítulo, um recorte do léxico marxista é detalhado e aprofundado para um melhor entendimento dentro da temática proposta por este trabalho.

2.1 FORÇA-ESPORTIVA

Todos os jogadores de futebol possuem um valor de uso e um valor de troca, por isso todos eles são mercadorias no mercado do futebol. Para que estes atletas não sejam divididos entre mercadorias boas e más, que prestam e que estão estragadas, a mercadoria em análise nesta pesquisa é denominada de força-esportiva. Porém, antes de conceituar força-esportiva³ é preciso discorrer sobre outras categorias marxianas.

Nessa perspectiva, mercadoria é tudo aquilo que satisfaz a necessidade de quem não a produz ou, não é detentor de sua posse. A mercadoria tem um valor de uso e um de troca. Se um objeto não tiver essas duas unidades ele não é uma mercadoria (Carcanholo, 1998). Além disso, a mercadoria é a correlação que existe entre os meios de produção e a força de trabalho. Assim, quanto maior é o número de mercadorias que uma pessoa possui, maior é a sua riqueza e o seu poder.

Marx (2017), no capítulo inicial do primeiro livro “O Capital”, destaca que a mercadoria possui dois fatores: valor de uso e valor de troca. Matias (2020, p. 23) compreende que “o valor de uso é a capacidade que uma mercadoria possui de satisfazer uma

³ A expressão força-esportiva está contida nos estudos de Brohm (1982), quando o autor trata das semelhanças entre o sistema de produção capitalista e o sistema esportivo.

necessidade, sendo este o suporte do valor de troca, que é a possibilidade de comprar outras mercadorias”.

Trazendo para a contemporaneidade, Kurz (2017) aponta para o quanto o modo de produção do capitalismo globalizado potencializa a mercadorização de todas as esferas da vida. Bauman (2007, p. 140), sobre os objetos serem os próprios seres humanos diz que esse “é um pensamento reconfortante, mas também, prenhe de sofrimento quando ‘as coisas’ a serem consumidas pelos consumidores são outros seres humanos”.

Existem, então, mercadorias boas e estragadas? Mercadorias que servem e as que são descartadas? Sim, enquanto mercadoria força-esportiva é exatamente assim que o mercado enxerga os atletas profissionais de futebol. Bauman (2008, p. 51) enfatiza esse descarte ao destacar que “a economia consumista se alimenta do movimento das mercadorias e é considerada em alta quando o dinheiro muda de mãos, e sempre que isso acontece, alguns produtos de consumo estão viajando para o depósito de lixo”.

“Prescindindo do valor de uso dos corpos das mercadorias, resta nelas uma única propriedade a de serem produtos do trabalho” (Marx, 2017, p. 60). Assim, o valor de uma mercadoria é mensurado através da quantidade daquilo que cria valor, o trabalho. Este trabalho é realizado de duas maneiras: trabalho concreto e trabalho abstrato.

O trabalho concreto é aquele capaz de produzir valor de uso. No mundo do futebol, é aquele desenvolvido através do corpo do jogador com o propósito de ser melhor que o adversário em termos competitivos. Já o trabalho abstrato contém todo o gasto de força humana socialmente necessária para produzir uma mercadoria, ou seja, para forjar a mercadoria força-esportiva, que, posteriormente, vá servir para troca no mercado.

Assim, o que é posto em comparação na troca de mercadorias no mercado é o trabalho abstrato, sendo o valor de troca a representação desse trabalho. Kurz (2017) ressalta a tendência à desmaterialização da economia, onde o que interessa ao mercado não se dá na produção material, mas sim, no espectro recheado de simbolismos.

Para poder apreender o caráter processual da relação entre o valor de uso e o valor de troca é necessário reencontrar essa contradição no conceito de produtividade ou de trabalho produtivo. O enorme e assombroso dilema do marxismo consiste em sua persistente incapacidade de dar esse passo: a contradição entre o valor de uso e o valor de troca permanece inflexível porque ela não é mais apreendida como uma contradição no conceito de trabalho produtivo. Nesse conceito, o aspecto material

(em termos de valor de uso) e o aspecto pelo valor (em termos de valor de troca) aparecem misturados sem qualquer diferenciação analítica (Kurz, 2017, p. 18-19).

No mercado os produtos são trocados por dinheiro, que é a mercadoria pela qual todas as demais expressam seus valores de troca. “É um cristal gerado necessariamente pelo processo de troca e que serve, de fato, para equiparar os diferentes produtos do trabalho, portanto, para convertê-los em mercadoria” (Marx, 2017, p. 111).

E, nesse mercado, cada vez mais as relações não são entre os homens, mas entre as coisas que trocam. Marx (2017, p. 93) atenta para o fato onde a “relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.

No capitalismo as trocas sempre têm como propósito a aquisição de mais dinheiro. Na produção mercantil a troca de uma mercadoria, através de um equivalente em dinheiro, tem como finalidade a aquisição de outra mercadoria. Através da figura do comerciante, que não participa do processo de produção, mas possui dinheiro, uma mercadoria é comprada por uma quantia e essa mesma mercadoria é vendida por um valor acrescido, visando assim a obtenção de lucro. O objetivo do comerciante não é ter uma outra mercadoria, mas obter uma quantia superior a que foi gasta repassando uma mesma. Já o capitalista, que não participa do processo de produção e não opera como o comerciante, tem na produção o ambiente para acumular capital. Ele compra a força de trabalho para que esta utilize os seus meios de produção, produzindo novas mercadorias e, conseqüentemente, gerando lucro ao capitalista.

No futebol não é diferente. Com dinheiro um clube adquire um jogador (força de trabalho) e com a atuação do atleta através do futebol desempenhado dentro de campo (trabalho concreto) e do quanto ele mobiliza e transforma pessoas em consumidores (valor abstrato), ele obtém a mercadoria necessária para a troca no mercado, a força-esportiva (Matias, 2020). O lucro do clube se dá quando:

Ao ser utilizada, ela [força de trabalho] produz mais valor que o necessário para reproduzi-la, ela gera um valor superior ao que custa. E é justamente aí que se encontra o segredo da produção capitalista: o capitalista paga ao trabalhador o equivalente ao valor de troca da sua força de trabalho e não o valor criado por ela na sua utilização (uso) – e este último é maior que o primeiro. O capitalista compra a força de trabalho pelo valor de troca e se apropria de todo o seu valor de uso (Netto; Braz, 2009, p. 100).

Nesse sentido, o jogador recebe pela sua força de trabalho (força-esportiva) e não pelo trabalho que realiza ao longo da sua jornada de trabalho. Até porque o capitalista, dono dos meios de produção, quer sempre pagar o menos possível e assim se dá a relação dele para com quem vende a sua força de trabalho. O que lhe interessa é o trabalho produtivo, ou seja, aquele que vai lhe dar lucro, aumentando, assim, sua riqueza.

Desse ponto de vista, o conceito de trabalho produtivo deve ser compreendido como um conceito dual: primeiramente, em referência ao valor de uso do lado material do processo de trabalho, como processo metabólico entre o homem e a natureza; em segundo lugar, em referência ao valor de troca, ao processo de formação do valor, como metabolismo social dos seres humanos entre si, no qual o trabalho aparece, mas na condição de trabalho desmaterializado, de trabalho humano abstrato (Kurz, 2017, p. 19).

Quanto ao trabalho produtivo, Antunes (2020) evidencia que é produtivo quando se é criado mais-valor pago por capital-dinheiro, e não por renda; resulta de trabalho coletivo, social e complexo, e não mais de forma individual; valoriza o capital, independente se o produto é material ou imaterial; só pode ser definido dependendo da sua relação social; e tende a ser assalariado.

Já para exemplificar acerca do trabalho improdutivo, Bruschi (2016) traz um exemplo simples e objetivo para entendimento:

- a) Se faço um bolo em casa para meus amigos, crio valor de uso, mas não valor de troca;
- b) Se faço um bolo como trabalhador assalariado em uma confeitaria capitalista, o valor e o mais-valor são produzidos. O trabalho é produtivo;
- c) Se faço o mesmo bolo como trabalhador assalariado em uma casa de família, produzo o valor de uso para meus patrões. O trabalho é improdutivo (Bruschi, 2016, p.126).

No mundo do futebol só há espaço e interesse pelo trabalho produtivo, aquele que gera mais valia ao empregador. Porém, cabe uma distinção nessa conceituação. A mais-valia é a diferença entre a quantia gasta para obtenção dos meios de produção e da força de trabalho em relação ao dinheiro já acrescido obtido pela nova mercadoria comercializada. Deste modo, o jogador de futebol concentra nele o valor de uso e o valor de troca, que o capitalista, detentor de contrato entre as partes, irá comercializar no mercado. Cabe resguardar que, nem

sempre a figura do capitalista está no agente vinculado ao clube. Por inúmeras vezes, essa função é desempenhada por empresários e até mesmo familiares dos atletas.

Porém, existem dois tipos de mais-valia. A mais-valia absoluta é aquela obtida pelo capitalista ao estender a jornada de trabalho sem aumentar o salário, fazendo assim aumentar a produção excedente. Algo que no futebol já não ocorre há muito tempo. Primeiro pelo fato das leis trabalhistas no Brasil que, seguindo uma totalidade mundial, amparam os atletas quanto a esse risco. E, em segundo lugar, é posto cientificamente que para um melhor aproveitamento do atleta dentro de campo (valor de uso) essa condição do aumento da carga de treinamentos e jogos não favorece em nada.

Já a mais-valia relativa, com a limitação da jornada de trabalho, ocorre através do desenvolvimento técnico-científico. Marx (2017) entende que essa mais-valia é bem mais quista pelo capitalista, já que as inovações nos meios de produção e na formação do trabalhador levam a um aumento da mais-valia no produto da ponta final do processo.

Isso no futebol atual é visto através dos fortes investimentos que os clubes fazem nas mais diversas áreas que podem lapidar e valorizar sua principal mercadoria, o jogador de futebol. Na grande maioria, esses investimentos se tornam imperceptíveis, já que os olhares estão direcionados para o rendimento competitivo, aquele realizado pelo jogador dentro de campo.

A coisa fica ainda menos clara quando o trabalho intelectual tecnológico, que se encontra separado do processo de produção imediato, não é mais inteiramente reconhecível em determinado produto, mas, se estende em uma ampla gama de produtos e assim, possivelmente, muito além da cooperação ou do trabalho total na respectiva empresa individual. Sem dúvida, esses trabalhos entram assim indiretamente e de forma mediada no processo de trabalho material; em sentido material, eles são claramente identificados como trabalho produtivo (Kurz, 2017, p. 25).

Assim, a força-esportiva é lapidada em cada jogador para que este possa cumprir com sua única utilidade no mercado: servir para a troca. Nesse processo, como visto, o trabalho imaterial é tão valorizado quanto o material, aquele desenvolvido dentro de campo pelo atleta. Isso leva ao mercado considerar não apenas o desempenho do jogador durante os jogos, mas também, todo o seu engajamento em outras atividades, como as publicitárias e de relação com os meios de comunicação. Ambas atendem a função inserida na força-esportiva, enquanto essa é lapidada: a da mobilização do torcedor para ser um imediato consumidor.

Outra questão importante trazida por Brohm (1982) é a de que, mesmo no futebol ao sol, ou seja, aquele situado nos holofotes do mundo espetacularizado, a força-esportiva construída nesses atletas padece na busca pelo alto rendimento e performance. A saúde do atleta se torna secundária, já que o que interessa é que ele sirva ao mercado e, para isso, ele tem que render o máximo possível dentro e fora de campo.

Essa mercantilização da força-esportiva resulta numa alienação completa, pois, o atleta passa a ser visto perante todo o contexto futebolístico – torcedores, diretores, patrocinadores, crônica esportiva – cada vez mais como uma mercadoria e menos com um trabalhador que desenvolve sua atividade através do esporte. Essa alienação se torna coletiva, já que:

[...] apesar de na maioria das vezes ser direcionado a um trabalhador específico, o assédio repercute sobre o coletivo. Em se tratando de uma ferramenta de gestão, sua prática, apesar de personificada na figura de um chefe, supervisor ou outro agente cuja relação de poder possa desencadeá-la, encontra-se em consonância com o conjunto de diretrizes que ordenam o trabalho coletivo na empresa. As práticas dessa natureza são ferramentas de gestão voltadas para garantir, por meio da pressão institucionalizada, tanto o aumento constante da produtividade como o isolamento e a exclusão daqueles que se constituem como barreiras para a sua plena realização (Antunes, 2020, p. 153).

Nota-se que, mesmo ao comandar suas próprias pernas, o jogador deixa de carregar consigo o controle da situação dentro desse contexto. Pois, mesmo sendo o principal personagem em uma partida de futebol, o mesmo precisa atender, além das quatro linhas do gramado, a expectativa comercial de dirigentes e patrocinadores, não bastando apenas corresponder às boas apresentações dentro de campo, mas, sim, retribuir às demandas publicitárias e dos meios de comunicação que cobrem e promovem esse futebol espetacularizado.

Atualmente, o jogador é independente e flexível, fácil de se moldar, sendo assim um empregado ideal, pois, não possui vínculos, compromissos ou emoções anteriores. Ele está sempre pronto para se reajustar e se reconcentrar abraçando novas prioridades e abandonando as anteriores (Koch, 2024).

Novamente é evidenciado o quanto o futebol mudou, principalmente nas últimas três décadas. Aquela sentença dos mais saudosos de que os jogadores não jogam mais por amor à camiseta, se dá na construção dessa força-esportiva nos atletas. As atrações não são mais os times e sim os jogadores através de sua respectiva força-esportiva do momento. Os vínculos

que víamos no passado, de atletas defenderem as mesmas equipes por longos períodos, já não existem mais. “Numa vida líquida moderna não há laços permanentes, e se caso tenhamos algum ele deve ser frouxo para que possa ser desfeito quando as circunstâncias mudam” (Bauman *apud* Thorpe 2016, p. 142).

Sobre as consequências dessa alienação, Koch (2024) ressalta que o atleta foi modificado e se moldou como força-esportiva para atender ao mercado:

[...] dentro do mercado dos pés-de-obra e da mercantilização do jogo, são eles as principais ferramentas para gerar receitas aos clubes, investidores, patrocinadores e empresários; contudo não possuem instrumentos suficientes para administrarem suas próprias carreiras, tornando-se assim reféns da sociedade de consumidores. São bens, produtos e mercadorias que perdem o valor facilmente. Uma lesão, uma temporada ruim, um técnico exigente e antipático ao atleta, um clube distante, a idade que avança, além de tantas outras variáveis, e tudo poderá estar perdido. São todos aspectos ligados à adaptação do atleta (Koch, 2024, p. 5).

A força-esportiva compreendida e inserida no atual modo de produção capitalista resulta naquilo que o mercado deseja e necessita para a troca. A cultura do futebol como meio de expressão e o simbolismo do atleta como esportista, dão lugar a essa mercadoria lapidada e que tem uma única finalidade: atender às demandas de um futebol espetacularizado. Um futebol que priva – ou constantemente tenta privar - a quem o consome de uma análise crítica em cima da figura do jogador.

Um longo percurso na carreira do jogador é previamente traçado e precisa ser percorrido por todos aqueles que almejam conquistar êxito na carreira esportiva. Nesse percurso, duas categorias são importantes: o exército de reserva e o fetiche da mercadoria. Ambos servem para uma análise mais precisa dentro da perspectiva dessa pesquisa. São essas categorias que foram exploradas no tópico a seguir.

2.2 EXÉRCITO DE RESERVA E O FETICHE DA MERCADORIA

Para o capitalista, quanto mais rápido a mercadoria dele girar no mercado, maiores serão as chances de se obter mais capital. O capitalista que não consegue fazer com que sua mercadoria gire rapidamente está fadado a crise e ao desaparecimento. O capitalista precisa

ampliar sua acumulação de capital e para isso, ele precisa imprescindivelmente, da maior quantidade de força de trabalho disponível.

No futebol, a mercadoria jogador de futebol, ou seja, a força-esportiva, segue a mesma tendência e prática nesse sistema. E, na definição de Marx (2017), sobre a relação da lei de acumulação de capital e as consequências dela na vida dos trabalhadores, podemos visualizar o quão afetada é a fatia maior desses atletas enquanto produto (força de trabalho) antes mesmo de virarem mercadoria (força-esportiva).

A lei que mantém a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva em constante equilíbrio com o volume e o vigor da acumulação prende o trabalhador ao capital mais firmemente do que as correntes de Hefesto prendiam Prometeu ao rochedo. Ela ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (Marx, 2017, 721).

Essa acumulação se dá, principalmente, através de dois processos: concentração e a centralização. Ambos resultam na formação de monopólios. E com a globalização, onde as empresas buscaram novos nichos, através da mão-de-obra barata, essa acumulação se deu ainda em maior escala. No futebol, aquele de grandes clubes, já se vê no exterior e em alguns clubes do Brasil, o movimento de expansão territorial. As equipes inglesas, espanholas e italianas já há algum tempo realizam suas pré-temperadas em outros continentes. Assim, elas arrematam um público que cresce cada vez mais de torcedores, que passam a consumir cada vez mais os seus produtos, sejam eles materiais ou imateriais.

Um exemplo do futebol nacional é o Clube de Regatas do Flamengo, que em janeiro de 2024 realizou sua pré-temporada em Orlando, nos Estados Unidos. Além de dois jogos amistosos, esse período em solo estadunidense serviu mais para a expansão da marca e o acréscimo de uma receita considerável. A única loja oficial do clube no exterior fica em Orlando, e, além disso, como a Copa do Mundo de 2026 será nos Estados Unidos⁴, o clube carioca recebeu um valor considerável para realizar sua pré-temporada naquele país.

Os clubes enxergam nessa expansão uma maneira de aumentar seus lucros. A busca pelo ganho é o que determina o segmento e área onde serão realizados os investimentos. O

⁴ A Copa do Mundo de 2026 terá a maioria de seus jogos disputados nos Estados Unidos, inclusive a final do torneio. Porém, esse mundial será realizado juntamente com México e Canadá.

capitalista jamais irá investir seu dinheiro sem a certeza que irá obter retorno. O que irá definir onde ele irá empregar seu dinheiro é a busca pelo lucro.

Nenhum capitalista emprega um novo método de produção, por mais produtivo que seja ou por mais que aumente a taxa de mais-valia, por livre e espontânea vontade, tão logo ele reduza a taxa de lucro. Mas cada um desses novos métodos de produção barateia a mercadoria. Ele as vende, portanto, originalmente acima do seu preço de produção, talvez acima do seu valor. Embolsa a diferença entre os custos de produção mais elevados. Pode fazê-lo porque a média do tempo de trabalho socialmente exigido para a produção dessas mercadorias é maior que o tempo de trabalho exigido pelo novo método de produção. Seu procedimento de produção está acima da média do social. Mas a concorrência generaliza-o e submete-o à lei geral. Então se inicia o descenso da taxa de lucro, [...] o que é totalmente independente da vontade dos capitalistas (Marx, 1986, p. 198).

A acumulação de capital acarreta a criação de um contingente expressivo de trabalhadores desempregados e subempregados, que faz a manutenção dos baixos salários e da exploração dos trabalhadores que estão empregados. No mundo da bola, principalmente no Brasil, por suas dimensões continentais, esse exército de reserva aponta números significativos. Atualmente, após os campeonatos estaduais⁵, que ocorrem no início do ano e têm curta duração, 86% dos jogadores dentre os 863 clubes registrados ficam sem calendário, ou seja, se veem na obrigação de buscar uma dupla carreira (Machado, 2024).

Esse mesmo levantamento aponta que o calendário nacional, composto pelas séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro, fica restrito a 14% dos clubes do país. Dos 863 clubes registrados junto à CBF, apenas 124 deles disputam uma dessas divisões nacionais. Isso escancara o expressivo contingente de exército de reserva no cenário futebolístico, que ainda precisa ter em si os jogadores que atuam nas categorias de base, tornando ainda maior esse número.

No contexto desse futebol precarizado, à sombra, onde está a maior fatia dos atletas, o exército de reserva se caracteriza por ser uma mão-de-obra excedente do sistema e que facilmente é substituída. Além disto, esses jogadores acabam normalizando práticas de precarização da atividade no futebol brasileiro, como contratos de curta duração, acordos sem amparo trabalhista, salários baixíssimos e, até mesmo, desempenhar a atividade sem remuneração alguma.

⁵ Em média, os campeonatos estaduais têm a duração de apenas quatro meses.

Essa questão da aceitação de baixos salários e de estruturas precárias se dá através de um sistema que pressiona esses trabalhadores, pois o calendário do futebol brasileiro permite que um número muito pequeno de atletas siga empregado por longos períodos e faz com que outro contingente numeroso, o de meninos das categorias de base, dispute os mesmos espaços. Nessas categorias de base o desafio é ainda maior, pois são poucos aqueles que conseguem se profissionalizar. Fonseca e Consoli (2022) sentenciam que de sete mil jogadores, apenas um vira profissional.

Isso corrobora com a importância não só da existência de um exército de reserva, mas, principalmente, de que quanto mais numeroso ele for, melhor será para esse sistema, pois atenderá às demandas do modo de produção capitalista. Assim, quanto mais acumulado e expansivo for o capital, maior também será o tamanho do exército de reserva formado.

Quanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume, o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto será maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio do seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial (Marx, 2017, p. 719).

Ao mencionar o pauperismo é necessário a distinção entre a pauperização absoluta e a pauperização relativa. A absoluta trata de diminuir a renda daquele que vende sua força de trabalho, diminuindo assim sua qualidade de vida e aumentando a degradação do seu trabalho. Já a relativa é quando, de maneira proporcional, o aumento do ganho do capitalista é bem maior do que o trabalhador, mesmo que este consiga manter suas condições básicas de vida.

Ceolin (2014) afirma que esses dois processos – pauperização absoluta e pauperização relativa – estão presentes no mundo do trabalho, mas que, a absoluta estaria perdendo cada vez mais espaço. Porém, o que se vê no futebol à sombra é, na realidade, cada vez mais atletas flertarem com condições deploráveis e precarizadas nos clubes onde realizam suas atividades.

Num mundo globalizado como o de agora, a inserção em alto grau de novas tecnologias e a busca desenfreada por uma maior produtividade, reduz a necessidade do trabalho humano, o que faz ampliar cada vez mais esse exército de reserva.

O capital cria, de forma tão necessária como inconsciente, o trabalho totalmente imediato, que vai para além da relação de valor, cuja força produtiva material reduz o tempo de trabalho social total, mas, com o único objetivo de elevar a taxa de exploração dos produtores imediatos. Ele desenvolve as forças produtivas sociais em função de objetivos e interesses associais e se enreda em contradições insolúveis em seus próprios fundamentos (Kurz, 2017, p. 51).

Sendo assim, o futebol está inserido em uma sociedade globalizada e, vê nesse contingente de atletas buscando a ascensão a faceta em crise do capitalismo, onde se tem a força de trabalho tornando-se cada vez mais comum e corriqueira. Kurz (2017) entende que, no capitalismo tardio⁶, após o regime fordista-keynesiano não mais se faz a manutenção da estabilidade e expansão da acumulação capitalista, o sistema acentuou e acelerou ainda mais essas ascensões e quedas, fazendo com que poucos se destaquem e atinjam altos rendimentos, em relação àquela maioria presa em situações precárias de trabalho e desempregada.

Como esse exército de reserva é amplamente difundido e de conhecimento de todos que praticam a modalidade, a meritocracia por si só, baseada no desempenho individual de quando se está começando na carreira, não se sustenta como a única justificativa para perseguir a profissão de jogador de futebol. O sistema necessita manter a chama dessa busca acesa permanentemente, e isso acontece através de outra categoria, o fetiche da mercadoria.

É através do fetiche da mercadoria que as relações sociais são transformadas. As relações entre os trabalhadores e os meios de produção se tornam, claramente, uma relação entre coisas, escondendo as relações de dominação e exploração. Essas mercadorias passam a ter uma singularidade ao se separarem de quem as produziu. O processo torna-se invisível aos trabalhadores para que as mercadorias assumam uma forma confusa de quantificação e precificação. Kurz (2017) ressalta que o capital financeiro especulativo colabora para essa situação ser ainda praticada. As relações entre trabalhadores e o processo de produção são encobertas via abstrações financeiras fazendo com que o mercado opere independentemente da produção material.

O capital não se interessa e nem pode se interessar pela criação absoluta de valor e se fixa única e exclusivamente nas formas mais superficiais da manifestação da mais-valia, ou seja, na proporção relativa ao interior do novo valor criado entre o valor da força de trabalho (seu custo de reprodução) e a parte apropriada de forma capitalista do novo valor (Kurz, 2017, p. 50).

⁶ Capitalismo tardio é o nome dado ao período do modo de produção capitalista ocorrido após a Época de Ouro, compreendida entre a Segunda Guerra Mundial (1945) e o início da década de 1970.

O mercado atual do futebol investe consideravelmente em capital fictício. Ações, juros e especulações geram mais-valia do que o processo de produção. Porém, essa é uma característica universal, onde existe “um capital que não gera bens, nem emprego, que não financia a produção, nem a pesquisa, nem o consumo, mas vive da compra e venda de papéis. Mais de 90% dos movimentos econômicos do mundo são compra e venda de papéis” (Matias, 2020, p. 80).

Portanto, fica evidenciado que a mercadoria se afasta do seu valor de uso para alcançar um valor de troca cada vez mais elevado devido a especulação financeira. O futebol espetacularizado, por exemplo, passa a ser visto cada vez mais como uma mercadoria, onde a relação travada com os jogadores, enquanto trabalhadores, é posta de lado, tornando invisível boa parte de toda exploração e precarização existente no futebol.

É através do fetiche da mercadoria que os jogadores de futebol atingem o status de ícones, completamente desconectados das suas relações de trabalho. Isso se aplica tanto para os atletas que estão nos holofotes, pois lucram tanto ou mais com publicidade e patrocínios individuais, como para aqueles que seguem em busca da profissão, já que nesse sistema, além da relação de exploração também existe a relação de alienação. Nela, a espetacularização do futebol promove uma imagem glamourizada de toda a cadeia envolvida, que distorce por completo a realidade material dos jogadores de futebol enquanto trabalhadores.

Sobre essa questão do jogador enquanto um ícone inserido nesse futebol espetacularizado, Bazanini *et al.*, (2014) relaciona da seguinte maneira:

Os jogadores são transformados em vedetes na sociedade do espetáculo e recebem um papel a desempenhar. Comprar uma camisa, assistir um jogo, adquirir produtos do clube ou dos jogadores fazem o indivíduo ser parte integrante do espetáculo, dando-lhe sentimento de status (Bazanini *et al.*, 2014, p. 141).

Como visto, o jogador tem a força-esportiva lapidada como mercadoria para atender a um mercado, esse promovido pelo futebol de espetáculo.

Na sequência desse trabalho foram apresentados desdobramentos dessas relações, porém, antes é preciso contextualizar em que ponto da história do futebol essa análise se utiliza. Para isso, o próximo capítulo perpassa a linha do tempo do futebol no modo de produção capitalista até o surgimento e consolidação da modalidade dentro da espetacularização.

3. FUTEBOL NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Existem relatos de disputas de jogos com bola que remetem à Antiguidade⁷, sendo esses praticados no Japão, Egito, Grécia, Império Romano e outras terras onde atualmente encontram-se localizado o México e a América Central (Silva, 2023), no entanto, os pioneiros foram os chineses. “No futebol, como em quase tudo, os primeiros foram os chineses. Há cinco mil anos, os malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés, e foi na China que tempos depois se organizaram os primeiros jogos” (Galeano, 2024, p. 28). Na Europa, no século XII, os ingleses comemoraram a expulsão de dinamarqueses chutando uma bola de couro simbolizando a cabeça do general do exército invasor. Porém, para a história e, principalmente para este estudo, os ingleses têm grande destaque no mundo do futebol. Neste capítulo, o qual inicia de forma explicativa do porquê o ponto de partida dessa análise ser a Inglaterra, se pretende enfatizar três momentos da linha do tempo do esporte mais popular do mundo: sua gênese e a chegada ao Brasil, a espetacularização promovida pela da FIFA na década de 1970 e o atual momento em que se encontra a modalidade.

3.1 DO BERÇO INGLÊS AO BRASIL

Como pontapé inicial para este estudo foi escolhido o futebol praticado na Inglaterra em meados do século XIX, pois foi neste período que o futebol surgiu como forma de distinção entre a burguesia e a classe média frente aos operários da época. Ademais, é neste momento da história que se deu a criação de regras para a modalidade, que segundo os autores Elias e Dunning (1992) ocorreu entre 1845 e 1862. Na realidade, um documento, conhecido por ter sido a primeira tentativa de criação de regramento para o futebol foi redigido em 1846, porém, teve seu conteúdo aplicado somente sete anos depois. Galeano (2024) detalha com precisão da seguinte maneira:

Na sua forma moderna, o futebol provém de um acordo de cavalheiros que doze clubes ingleses selaram no outono de 1863, numa taverna de Londres. Os clubes assumiram as regras estabelecidas em 1846 pela Universidade de Cambridge. Em Cambridge, o futebol se havia divorciado do rugby: era proibido conduzir a bola com as mãos, embora fosse permitido tocá-la e era proibido chutar os adversários.

⁷ Período da história humana que vai do surgimento da escrita (4000 a.C.) até 476 d.C.

Os pontapés só devem ser dirigidos para a bola, advertia uma das regras: um século e meio depois, ainda há jogadores que confundem a bola com o crânio do rival, por sua forma parecida (Galeano, 2024, p.33).

Entre meados do século XIX, as universidades da Inglaterra utilizavam do futebol para a formação dos filhos da elite. Através da prática da modalidade, era possível identificar e desenvolver novas lideranças através da imposição do respeito às regras, do máximo rendimento durante a prática esportiva e do trabalho em equipe. Essa regulamentação oportunizou à elite desfrutar dessa atividade como um passatempo, ao mesmo tempo que a utilizava como instrumento junto aos seus operários, já que com o aumento do tempo de não-trabalho, o futebol fazia com que praticassem algo não violento e que não dificultasse a presença deles no dia seguinte no local de trabalho. Assim, quando os operários passaram a jogar futebol, a burguesia viu isso de maneira positiva, já que ajudava a controlar os comportamentos daqueles que vendiam suas forças de trabalho (Matias, 2020).

De acordo com Proni (1998, p. 58) uma das funções do futebol praticado na Inglaterra naquele momento era a de “combater a delinquência nas populações miseráveis como Liverpool e Manchester, e estimular atitudes e aptidões relativas ao mundo do trabalho, como a resistência física, a disciplina funcional e a obediência às normas e aos comandos”.

Cabe destacar que, neste mesmo período a Inglaterra, assim como outros países da Europa, iniciava a expansão de sua urbanização e da industrialização. Já ao final do século era possível notar que os clubes não tinham mais apenas o caráter de espaço de descanso e diversão para as elites, mas também começava a aparecer a competitividade. De acordo com Souza (1991) e Proni (1998), esta relação se dava através da busca por resultados esportivos, das premiações nas competições, da presença de público acompanhando as partidas e pela compra de produtos das equipes, que permitia estimular e movimentar uma economia que até então era centralizada na força de trabalho esportiva. Nesse momento, os operários viam no futebol não só uma forma de lazer, mas principalmente, de aumentar suas rendas.

Após a aprovação das regras em 1863, as competições passaram a ser organizadas. As primeiras ocorreram em caráter local, já que os centros urbanos entre as cidades não possuíam transporte. Isso foi superado pouco depois com a construção de vias, principalmente de ferrovias. Com isso, o futebol começou a produzir as rivalidades locais e regionais. Os bons

resultados e desempenhos dentro de campo eram considerados façanhas frente às cidades e bairros vizinhos (Matias, 2020).

A questão da rivalidade se faz importante, pois no futebol atual muito se lucra com essa relação. Os meios de comunicação e os próprios clubes aperfeiçoaram maneiras de lucrar com a rivalidade, afinal, essa rivalidade leva à competição e essa competição leva ao aumento das vendas de produtos materiais e imateriais no mundo da bola.

Junto às rivalidades e as formas de lucrar com isso, surge no cenário do futebol, algo que a espetacularização potencializou ainda mais, a ação de comparar feitos, marcas e recordes. Esses produtos, dotados de valor imaterial, acrescentam consideravelmente cada vez mais a força-esportiva dos atletas nessa esfera da competitividade.

O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem sem sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados numa escala global (Sevcenko, 1994, p. 3).

A elite resistia à profissionalização, pois era mais digno à época se negar a disputar uma partida ou competição contra os operários ao entrar em campo e ser derrotada. Porém, com o avanço dessa competitividade e o consumo de bens oriundos dela, a elite inglesa que, até então via no futebol um instrumento para disciplinar os grupos sociais subalternos, enxergou uma maneira de aumentar sua renda através de uma nova organização amadora-profissional, a qual estabeleceu uma movimentação econômica até então desconhecida.

Junto a isto, a classe trabalhadora que enxergava no esporte uma chance de incrementar seus ganhos, considerou favorável essa nova organização. Funcionários trocavam de fábrica (local de trabalho) para ganhar mais, pois os proprietários tinham interesse de contratar não só um bom funcionário, mas também um jogador que se destacasse com a bola nos pés. Assim, os ingleses foram os primeiros a transformar clubes de futebol em sociedade limitada, com proprietários amadores, mas atletas profissionais

Em 1885, a Associação de Futebol da Inglaterra estabeleceu um modelo onde os dirigentes e os sócios-proprietários dos clubes não recebiam remuneração e os jogadores eram

assalariados-profissionais. Matias (2020) pontua que essa nova relação é baseada na evolução financeira que a elite vislumbrou naquele momento.

Assim, os dirigentes, além de atenderem às demandas dos sócios por conquistas esportivas, já incorporavam no seu dia a dia a necessidade de obtenção de superávits nas contas, afinal, era preciso garantir melhores condições de trabalho para os funcionários, especialmente para os futebolistas, bem como produzir, manter e adquirir os melhores profissionais dentro e fora de campo (Matias, 2020, p. 47).

No Brasil essa nova relação entre clubes e atletas demorou a acontecer. Somente em 1933 foi profissionalizada a atividade de jogador de futebol, sendo regularizada um bom tempo depois, na década de 1970. É preciso destacar que, o futebol brasileiro precisou de três importantes leis para o funcionamento da modalidade no país: a Lei Zico (nº 8.672/1993), a Lei Pelé (nº 9.615/1998) e o Estatuto do Torcedor (nº 10.671/2003). Nota-se que todas elas são recentes se comparadas com a regulamentação inglesa de 1885.

A importância de cada uma delas para este estudo no contexto do futebol brasileiro se dá da seguinte forma: 1) Lei Zico, possibilitou que os clubes pudessem se converter em sociedade empresária (clube-empresa), fazendo com que eles passassem a ter liberdade para manter suas gestões sob responsabilidade de sociedade com fins lucrativos, além de gozarem de maior autonomia, para não dependerem tanto das federações e confederações; 2) Lei Pelé, protegeu direitos dos atletas e regulou relações trabalhistas ao pôr fim à Lei do Passe⁸, ao estabelecer que os jogadores ficavam livres ao término de seus contratos, os quais não podiam ultrapassar cinco anos. Ademais, o primeiro contrato profissional passou a poder ser realizado com 16 anos e atletas com menos de 18 anos só poderiam se transferir para o exterior com a autorização do governo; 3) Estatuto do torcedor, regulamenta o consumo dos espetáculos esportivos, principalmente os do futebol. Frequentemente é acionado em conjunto com o Código de Defesa do Consumidor, equiparando as entidades esportivas com fornecedores de serviço.

Do pioneirismo inglês às recentes leis brasileiras acerca da regulamentação do vínculo clube-atleta, a transição do futebol como uma atividade de recreação para um evento de

⁸ A Lei do Passe estabelecia algumas condições como: o jogador ficava preso ao clube pelo passe; os atletas ganhavam 15% pelo valor de uma transferência, enquanto o restante do valor ficava com o detentor de seu passe, independentemente de ser o clube ou um empresário; jogadores com menos de 18 anos podiam ser negociados com clubes de outros países sem restrição; os contratos tinham duração mínima de três meses e máxima de quatro anos.

massas só foi possível devido à expansão do capitalismo industrial e do surgimento de uma cultura de consumo. Tanto na Inglaterra no final do século XIX, como no início do século XX no Brasil, os clubes foram abandonando gradativamente seu viés enquanto organizações comunitárias para estabelecer práticas empresariais e comerciais, faziam assim do futebol uma mercadoria.

Assim como a trajetória do futebol na Europa, no Brasil ela não foi tão diferente. No início, a modalidade era praticada pelas elites econômicas e sociais concentradas em São Paulo, já que foi naquela cidade que o futebol desembarcou junto com o jovem Charles Miller⁹. Em seus primeiros passos – e chutes – o esporte pertencia a essa classe majoritariamente branca e que via o futebol como um lazer refinado. Os jogos ocorriam em locais fechados e eram organizados pelos clubes sociais da época. Foi um período marcado pela forte exclusão de negros e mestiços nessas atividades. Porém, no início do século XX, as elites já perdiam o controle da prática do esporte no país.

Os anos 1910, 1920 e os primeiros da década de 1930 no futebol brasileiro foram marcados por duas disputas: a do elitismo *versus* a democratização e a do amadorismo *versus* a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira séria, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda. (Magalhães, 2010, p. 18).

A exclusividade social do futebol tomada pelas elites, refletia as desigualdades econômicas e raciais do Brasil naquela época. O país apresentava um número considerável de pessoas que formavam essas camadas populares, principalmente, com a população negra urbanizada resultante da abolição da escravidão, ocorrida em 1888.

Por mais que as elites fizessem uso das mais diversas artimanhas para afastar os pobres e negros do futebol, como a criação de pré-requisitos, que nada mais eram que barreiras raciais e sociais, os jogadores das classes populares, a partir de 1910, começaram a se infiltrar nas disputas das competições. Com a popularização da modalidade, começaram a

⁹ Charles William Miller foi um jovem brasileiro que foi estudar em Southampton na Inglaterra no final do século XIX. De lá trouxe para o Brasil em 1894 duas bolas de futebol e um livro com as regras do jogo. Em 14 de abril de 1895 organizou e registrou aquele que seria o primeiro jogo em que os times seguiram regras oficiais, ou seja, o primeiro jogo de futebol em território brasileiro.

se formar clubes de operários e de bairros, permitindo que aquelas pessoas pertencentes às classes menores pudessem praticar o esporte. Esses clubes não tinham o mesmo poderio do que aqueles das elites, mas foram preponderantes para a democratização do futebol no Brasil.

Dois exemplos ilustram bem essa popularização à época. O primeiro deles é o do Bangu Atlético Clube, que foi um dos primeiros clubes do Brasil a estabelecer uma relação entre empresa fabril e clube de futebol. Criado em 1904 por trabalhadores ingleses da Companhia Progresso Industriais no Rio de Janeiro, o clube recebia apoio dos donos e diretores da Companhia, que compravam os materiais necessários para a realização das partidas. Como a fábrica ficava localizada longe do centro e das áreas das classes altas, havia dificuldade para se chegar no número necessário de jogadores. Por isso, operários acabavam sendo recrutados para completar o grupo. Ao fazer parte da equipe, os operários selecionados gozavam de alguns favorecimentos, como menos horas na jornada de trabalho, tarefas mais leves e a possibilidade de promoção em menos tempo. Aqueles escolhidos passavam a trabalhar na sala do pano cortando tecido, pois precisavam descansar e economizar energia para os dias de jogos.

O outro exemplo é o do Sport Club Corinthians Paulista, o qual foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Retiro, localizado na cidade de São Paulo, composto naquele tempo majoritariamente por imigrantes e operários. A criação desse clube na cidade onde o futebol mais se desenvolvia visava formar um clube para as massas, com a participação de negros, brancos, imigrantes e operários. Dessa maneira, sua criação foi pioneira no rompimento com os pré-requisitos inventados pelas elites para definir quem poderia ou não praticar a modalidade. Por sua gênese e trajetória, o Corinthians é conhecido como Clube do Povo.

“Assim, a fundação do Bangu, no Rio de Janeiro, e a do Corinthians, em São Paulo, alguns anos depois, representou a abertura do futebol para as massas” (Magalhães, 2010, p. 19). Era o momento em que as camadas populares buscavam espaço na sociedade e o futebol possibilitava esse objetivo. No entanto, assim como no Velho Continente, já imersa à popularidade que atingia o futebol, as elites brasileiras mantinham o amadorismo da modalidade, fazendo o uso de remunerar os trabalhadores oriundos das camadas populares, para jogarem em suas equipes. Assim, um controle cada vez mais acirrado se estabelecia entre patrão-empregado e diretor-jogador.

Neste período, mesmo com a ascensão do número de jogadores vindos das classes mais baixas, o quantitativo de negros não acompanhava a mesma evolução. Nas primeiras décadas do século XX, a discriminação de atletas negros e mestiços no Brasil era naturalizada como regra. Os clubes proibiam, em alguns casos de maneira estatutária, a prática da modalidade em suas dependências por afrodescendentes.

Cabe salientar que os últimos anos do século XIX, assim como nas primeiras décadas do século XX, o negro e o mestiço carregavam consigo o fardo do Brasil estar engatinhando em um modelo de sociedade pós-escravagista. O futebol refletia um racismo estrutural, escancarado na sociedade daquele momento.

O negro e o mulato pretendiam as mesmas condições de vida e tratamento concedidos aos imigrantes, porém obstinavam-se em repudiar certas tarefas ou, o que era mais grave, o modo de dispor de seu tempo e energias. Assim, a escravidão atingia o seu antigo agente de trabalho no próprio âmago de sua capacidade de ajustar-se à ordem social associada ao trabalho livre. Tornava-se difícil ou impossível, para o negro e o mulato, dissociar o contrato de trabalho de transações que envolviam, diretamente, a pessoa humana (Fernandes, 1965, p. 13).

O racismo encrustado na sociedade daquela época era tão presente que originou diversos momentos históricos na linha do tempo do futebol. Um deles foi promovido por Arthur Friedenreich¹⁰, maior destaque do futebol brasileiro da época amadora. O atleta era descendente de alemães pelo lado paterno e afro-brasileiro pela parte de sua mãe. Portanto, por apresentar uma pele mais escura do que a dos demais jogadores da época, Friedenreich sofria permanentemente com a discriminação racial. Para fugir de tanto preconceito, o atleta clareava seu cabelo e forjava uma postura corporal dentro de campo como a dos jogadores europeus.

Friedenreich também foi fundamental para o futebol brasileiro na luta contra a discriminação racial. Sua ausência em diversas competições internacionais, levaram a Seleção Brasileira a sucessivas derrotas e péssimas apresentações. A pressão popular pelo retorno de Friedenreich à Seleção do Brasil foi um marco para que negros e mestiços pudessem ter cada vez mais oportunidades nos clubes daquele período.

¹⁰ Arthur Friedenreich, além do reconhecimento dentro das quatro linhas, onde possui 1.329 gols marcados em partidas oficiais e não oficiais, é considerado um dos expoentes na luta contra a discriminação racial no Brasil das primeiras décadas do século XX.

Outro caso emblemático na luta contra exclusão racial ocorreu com o Clube de Regatas Vasco da Gama. O clube fundado em 1898 no Rio de Janeiro tem sua história recheada de momentos frente ao combate do racismo. Em seus primeiros anos de existência, suas atividades eram voltadas a modalidade do remo. Em uma cidade onde este esporte era praticado majoritariamente pela elite e pelos brancos, o Vasco da Gama, em 1904, elegeu Cândido José de Araújo¹¹, o primeiro presidente negro dentre as entidades cariocas.

Entretanto, o Clube de Regatas Vasco da Gama também deu sua contribuição no futebol quanto a esta temática racial. Em 1923, ano em que o clube disputou seu primeiro campeonato carioca, com um time formado pela maioria de operários e negros, conquistou o título da competição, onde até então, o futebol do Rio de Janeiro apresentava amplo domínio de agremiações elitistas, como o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Football Club.

O Vasco da Gama também tem protagonismo na história do futebol da época amadora, pois, mesmo a modalidade não sendo profissional já existia a remuneração aos jogadores. Como o clube em questão não possuía as mesmas condições econômicas quanto aos seus adversários da elite carioca, o Vasco precisou se reinventar para atrair e manter jogadores. Guterman (2009) relata a forma de como isto era feito, apresentando uma remuneração que nasceu nos anos do amadorismo do futebol e existe ainda hoje, numa modalidade altamente espetacularizada.

Destoava também por outros motivos: o técnico vascaíno era o uruguaio Ramón Platero, que exigia de seus comandados uma maratona de treinos que não era comum nos demais times; graças aos esforços da comunidade portuguesa, os jogadores se alimentavam bem e tinham descanso nas dependências do clube, adquirindo preparo físico melhor que o dos adversários; finalmente, os jogadores eram atraídos ao clube com a promessa de remuneração por vitória – às vezes em dinheiro, às vezes em troca de animais, razão pela qual a prática viria ser conhecida como o bicho, hoje comum no futebol (Guterman, 2009, p. 54).

O “bicho” adentrou, foi moldado e se mantém presente no cotidiano do futebol mundial. Tanto na Europa, como no Brasil, numa época que existia a proibição de pagamentos aos atletas para disputar as competições na fase amadora do futebol, os dirigentes

¹¹ Cândido José de Araújo, também conhecido como Candinho, foi o primeiro presidente negro de clubes do futebol brasileiro. Eleito em 1904, em sua gestão conquistou os primeiros títulos do Vasco da Gama, sendo bicampeão no remo em 1905 e 1906.

adotaram a prática de distribuir presentes e benesses aos atletas. Prática essa que coexiste com os altos salários, patrocínios e demais premiações do futebol espetáculo.

Ainda durante o amadorismo da modalidade no Brasil, já que a profissionalização ocorreu somente em 1933, existia uma direta participação popular, ou melhor, das torcidas, pois esses grupos de torcedores pagavam pelos ingressos para assistir e colaborarem financeiramente com seus clubes, sendo realizada essa prática desde o final da década de 1910. Quando os resultados não eram satisfatórios, esses torcedores pressionavam os dirigentes para que eles contratassem jogadores melhores. Isso descontentava as elites, mantenedoras da grande maioria dos clubes existentes na ocasião.

De um lado, a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer; do outro, a classe proletária que, por determinação histórica da própria origem do futebol, começava a absorver um valor cultural, até então alheio ao seu universo lúdico (Caldas, 1990, p. 59).

A profissionalização do futebol no Brasil em 1933, pode ser considerada atrasada se comparada a da Inglaterra, em 1885. No entanto, o comportamento dos torcedores exigindo melhores jogadores para que seus times tivessem maiores chances de vitórias, deram celeridade à profissionalização da modalidade em meio a uma sociedade, tal como a brasileira à época, que ainda não havia regulamentado os direitos trabalhistas. Afinal, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) só aconteceu dez anos depois, em 1943.

Outra questão interessante é a de que, ao pagar ingressos para assistirem as partidas, os torcedores se sentiam no direito de pressionar os dirigentes para a contratação de melhores jogadores, conseqüentemente, melhores resultados. Nas bilheterias, os valores arrecadados pelos clubes com a venda de ingressos foram a principal receita destas instituições até a década de 1980, dando seguimento ao modelo de capitalismo tardio, que começava a vislumbrar na espetacularização o futuro da modalidade.

Concomitante ao surgimento desse capitalismo tardio, em meados da década de 1970, acontece uma grande reviravolta na forma de agir e de executar suas ações por parte da entidade máxima do futebol, a FIFA. A modalidade que já havia se profissionalizado em todo o planeta há algumas décadas, necessitava na visão dos seus dirigentes, aprender a fazer dinheiro com o futebol. Por ser a grande responsável por este futebol de cifras milionárias, de grandes transações entre clubes e patrocinadores, de mega contratos, das altas premiações, a

FIFA implementou um contexto futebolístico de viés neoliberal que fez aumentar sucessivamente o número de jogadores somente na esperança de um dia ganhar dinheiro jogando futebol (Matias, 2020).

Ao perpassar a linha do tempo do futebol escolhida para a análise deste trabalho, vale destacar que a presença da FIFA se dá desde os primeiros anos do século XX e se faz imprescindível a compreensão de suas ações para que se possa entender o quão importante – para o bem e para o mal – ela foi para o futebol. Sua criação, seu comportamento pacato em sua incipiência, sua mudança de atitude na década de 1970 e a busca até a consolidação do futebol de espetáculo, são os elementos apresentados no próximo tópico deste estudo.

3.2 FIFA: UM BALCÃO DE NEGÓCIOS

Em 1904, a FIFA foi fundada, sem a participação da Inglaterra, que, naquela época da história do futebol, já havia tornado a modalidade profissional, e os atletas que jogavam por seus times recebiam remuneração. Portanto, a entidade foi criada por países onde o futebol seguia no modelo amador e não tinham interesse de sair dele. Seus fundadores foram a França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça (Pacievitch, 2014). O motivo alegado para criar a entidade, estava na busca pela padronização das regras e da promoção de jogos entre esses países.

Cabe frisar que, a Inglaterra não aceitava deixar de ter o controle sobre as regras do jogo e nem do contrato amador das organizações esportivas, contudo, a profissionalização quanto à remuneração dos jogadores, a qual já existia nas cidades inglesas sedes de clubes, ganhava força nos demais países da Europa. Ao que entende-se, a profissionalização estava em curso e aos poucos estaria instaurada em todo Velho Continente.

Assim, entre a fase amadora e a profissional da relação clube-atleta houve um período de semiprofissionalismo, com resistências da classe dirigente. Ela esteve presente na maioria dos países da Europa e América até meados da década de 1920. A partir de então, com o crescente assédio dos maiores clubes europeus aos atletas dos clubes menores do próprio continente e também aos latinos foi gradativamente incorporada às relações profissionais dos jogadores com as equipes (Matias, 2020, p. 120).

Dessa maneira, a internacionalização do futebol quanto à criação da FIFA e nos anos seguintes estava em alta e era um caminho sem volta. Matias (2020) destaca quatro aspectos fundamentais nesse processo: o aumento do tempo livre; a relação com o Estado e as disputas geopolíticas; a constituição de um sistema federativo; o transporte e meios de comunicação.

Quanto ao tempo livre, as organizações e sindicatos dos trabalhadores, através de suas lutas, davam a garantia aos membros das camadas baixas da sociedade tempo livre e condições financeiras para a compra de ingressos para assistir as partidas. Além disso, a profissionalização que já estava posta, mesmo sem pagamento de altos salários, passou a fidelizar quem acompanhava os jogos, formando assim uma geração adepta a frequentar os estádios. Ademais, Damo (2005) aponta que a ascensão social ao desempenhar a função de jogador de futebol remunerado despertava interesse na juventude pobre, sendo um motivo para que os jovens procurassem os clubes para avaliações. Essa busca foi se acentuando ao longo do tempo, assim que os salários foram crescendo ela foi despertando o interesse pela profissão cada vez mais.

Já sobre a relação com o Estado e as disputas políticas, a questão deve ser analisada considerando e muito o recorte temporal de cada momento, pois os estados-nações sejam eles ditaduras, fascistas, socialistas ou democráticos estabeleceram ao longo dos anos relações com entidades representativas, como clubes, mas principalmente, as seleções nacionais, que davam suporte estrutural à modalidade e vice-versa. Servem como exemplos: o uso da Copa de 1934, na Itália, pelo ditador Benito Mussolini; os resultados insólitos favoráveis à Argentina no mundial de 1978, disputado em seus domínios em meio ao regime militar que mais executou pessoas¹²; a construção de grandes estádios durante a ditadura no Brasil; e recentemente, a realização do Mundial no Qatar, o qual precisou erguer a estrutura solicitada pela FIFA em um período de 10 anos (2010-2020), levando aproximadamente 6,5 mil pessoas a óbito¹³ durante suas jornadas de trabalho.

O terceiro aspecto, a constituição de um sistema federativo, serviu para consolidar a FIFA como a maior expressão organizacional do futebol. Se no passado alguns países

¹² Os números informados pela Assembleia Permanente pelos Direitos Humanos da Argentina (APDH) estimam que 30 mil pessoas foram vítimas de torturas, prisões e extermínio durante o período de regime militar no país.

¹³ Aproximadamente 6,5 mil trabalhadores faleceram desempenhando atividades durante as construções e reformas para a Copa do Qatar, conforme publicação de 2023 do jornal britânico The Guardian. O governo do país sede do Mundial de 2022 nega tal estatística.

optaram por não integrar a FIFA, como foi o caso da Inglaterra no começo do século, hoje em dia não há futebol profissional que não esteja sob sua supervisão. Sua força, com propósito de internacionalização, se deu desde cedo. Cinco anos após sua criação ocorreu a primeira filiação de uma país não europeu. Em 1909, a África do Sul optou pela filiação. Já o Brasil, passou a fazer parte da FIFA no ano de 1923. Obviamente que esses dois países decidiram por aderir a FIFA porque na época de suas filiações os clubes da Europa já pagavam boas quantias para ter esses atletas de países filiados nas suas equipes. Atualmente, a FIFA possui 211 países associados, número maior do que de componentes da ONU, que é de 193 nações. Na tabela abaixo é possível acompanhar a evolução da entidade com o passar dos anos.

Tabela 1 – Países associados à FIFA (1904 – 2024)

ANO	1904	1925	1950	1975	1990	2005	2007	2012	2024
Países	8	39	68	139	167	207	208	209	211

Fonte: FIFA, 2024.

Por fim, o quarto elemento que auxiliou na internacionalização do futebol foi o transporte e os meios de comunicação. No que se refere ao transporte, este contribuiu para que, primeiramente, na Europa, as produções e as pessoas pudessem se descolar internamente, porém, no contexto do futebol ele permitiu que clubes de países diferentes pudessem se enfrentar. Além dos clubes, as seleções também tomaram proveito das novas estradas e ferrovias, a fim de estabelecer um número expressivo de encontros por todo continente europeu. A América do Sul, mesmo com um número menor de estradas e linhas férreas, também utilizava de tais meios de transporte para embate entre clubes e seleções, mas todo esse sistema não teria conseguido êxito se não fossem os meios de comunicação. A imprensa escrita e as emissoras de rádio difundiram e mobilizaram suas audiências em torno da modalidade, pois ao mesmo tempo que informavam sobre o esporte, faziam com que aqueles que acompanhassem tais notícias ficassem esperando por novos acontecimentos. O trecho a seguir, escrito e interpretado pelo radialista Hélio Ribeiro da Rádio Excelsior expressa a importância do rádio.

[...] eu posso simultaneamente levar informações aos contrafortes das cordilheiras, às barrancas dos rios, ao interior de veículos que trafegam no centro nervoso das grandes cidades, à beira plácida dos lagos, à cabeceira dos doentes nos hospitais, aos operários nas fábricas, aos executivos nos escritórios, aos idosos que vivem só, e às crianças que só vivem. [...] Seja você quem for, eu chego lá, onde quer que você esteja! (Schinner, 2004, p. 16).

Logo após a consolidação do profissionalismo no futebol mundial, a partir da década de 1930, a qualidade dos jogos e das competições atraía cada vez mais público nos estádios e veículos de comunicação (jornais, revistas e rádios) nas coberturas esportivas. Porém, essa era uma realidade na Europa e na América do Sul. O restante do mundo ainda não havia aderido e concebido o futebol dentro desses padrões. Tanto que, na primeira Copa do Mundo da FIFA, disputada em 1930 no Uruguai, apenas 13 seleções participaram. A América do Sul teve 8 representantes e a Europa apenas 3. A baixa participação dos europeus se deu muito em razão da longa e dispendiosa viagem pelo Oceano Atlântico que precisava ser realizada.

Nas décadas seguintes – 1940, 1950 e 1960 - as competições entre clubes e seleções foram evoluindo, as coberturas desses eventos seguiam sendo realizadas pelas emissoras de rádio, jornais e revistas. As ligas e campeonatos internos em cada país da Europa e da América do Sul se consolidavam. As Copas do Mundo atraíam cada vez mais espectadores, que não só acompanhavam o produto partidas de futebol no estádio ou através dos meios de comunicação da época, como passavam a consumir outros produtos materiais e imateriais da modalidade.

A Copa do Mundo, por exemplo, se transformou através da organização da FIFA no maior evento esportivo do globo terrestre. A competição resulta em significativas receitas tanto para a entidade como para as seleções que participam dela. Afinal, foi através desse torneio que a FIFA fez com que o futebol alcançasse o posto de esporte mais popular do mundo. Um levantamento realizado pelo banco de dados *Statistics & Data* trouxe os seguintes dados sobre os dez esportes mais populares do mundo, conforme descrito na Tabela 2:

Tabela 2 – Os 10 esportes mais populares do mundo em 2024

Classificação	Esporte	Fãs (em bilhões)
1º	Futebol	4
2º	Críquete	2,6
3º	Hóquei	2
4º	Tênis	1,3
5º	Vôlei	0,935
6º	Tênis de Mesa	0,875
7º	Basquete	0,825
8º	Beisebol	0,538
9º	Rugby	0,476
10º	Golf	0,451

Fonte: CNN Brasil, 2023.

Toda essa popularidade do futebol não foi construída pela FIFA da noite para o dia. Da internacionalização, com os quatro elementos fundamentais (Matias, 2020), ao futebol espetacularizado que se tem nos dias de hoje, houve um marco e isso se deu quanto a FIFA resolveu acompanhar a expansão do capital para novos setores. Já no capitalismo tardio, aquele que havia superado a Época de Ouro, a entidade máxima do futebol promove mudanças que alteraram a história da modalidade por completo. O futebol passou a ser visto em primeiro lugar como negócio e não só um esporte popular. O futebol espetacularizado que é visto hoje iniciou com esse pensamento.

A FIFA, criada na França em 1904, desde o ano de 1932 tem sua sede não por acaso em Zurique, na Suíça. O local escolhido por seus dirigentes é conhecido como um dos maiores paraísos fiscais do mundo. Após cinco décadas já estabelecida, a FIFA soube aproveitar sua sede para transformar o futebol em um negócio altamente rentável para todos: dirigentes, seleções, as principais ligas, os grandes clubes e alguns poucos jogadores. Esse marco na postura da condução das ações da FIFA, tem como ponto de partida a eleição do brasileiro João Havelange como presidente em 1974, o primeiro não-europeu a comandar a entidade.

Havelange foi um atleta olímpico¹⁴ e dirigente esportivo da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) entre os anos de 1957 e 1974. Se candidatou em 1974 à presidência da FIFA como desafiante ao sistema que lá existia, controlada por europeus desde a sua criação. A disputa foi contra o ex-árbitro inglês e presidente à época, Stanley Rous. Sabendo que essa seria uma disputa bastante complicada, Havelange fez uso de um valioso instrumento como cabo eleitoral: a seleção brasileira de Pelé.

Vale contextualizar que, a seleção brasileira havia conquistado quatro anos antes a Copa do Mundo no México, onde Pelé foi o grande líder do Brasil dentro de campo. O atleta foi utilizado por Havelange em duas importantes frentes: jogos contra as seleções da África, onde o dirigente consolidou apoios das mais diversas confederações; e o estreitamento com Horst Dassler, proprietário da Adidas, com quem tinha bastante influência dentro da própria FIFA. Como já tinha o apoio da América do Sul e do Leste da Europa, os votos adquiridos junto à África e o Oriente Médio garantiram a vitória ao brasileiro, sendo ele o primeiro presidente não europeu da FIFA.

Galeano (2024, p. 142) destaca uma das frases proferidas por Havelange em seus primeiros dias como presidente da FIFA: “Vim vender um produto chamado futebol”. O dirigente, e então presidente, fez isso com maestria. Com as mudanças promovidas por João Havelange o futebol passou de vez à forma de mercadoria. Afinal, Havelange ficou 24 anos na presidência da FIFA, onde construiu um império, ganhou muito dinheiro para si e para os demais dirigentes que o apoiavam e, principalmente, mudou a forma de fazer a Copa do Mundo (Chade, 2015).

Assim como o capitalismo tardio, em meados da década de 1970, o futebol passava a intensificar suas relações nos antigos mercados e a explorar novos locais no mundo. A expansão do capital estava submetida a atingir novos setores, novos lugares. As multinacionais competem pelos territórios mais baratos para produzir e, conseqüentemente, atrair o maior número possível de consumidores. Por isso, Havelange teve como seus principais parceiros desde seus primeiros anos de mandato duas empresas multinacionais: a Adidas e a Coca-Cola. Elas queriam se expandir por todos os lugares do planeta e nada

¹⁴ João Havelange competiu como nadador nas Olimpíadas de Berlim (1936) e como atleta do polo aquático nas Olimpíadas de Helsinque (1952).

melhor do que o futebol para ajudar nisso. Em contrapartida o futebol visava a obtenção em larga escala de lucros e aumento de receitas.

Essa relação com empresas multinacionais teve início no ano de 1977, quando foi realizada na cidade de Tunes, na Tunísia, a Copa do Mundo sub-20 da FIFA, que também foi chamada de Copa FIFA/Coca-Cola. A competição reunia seleções com atletas de, no máximo, 20 anos. Nas edições seguintes Havelange seguiu privilegiando países de fora da Europa, cumprindo o prometido durante sua campanha à presidência da entidade. A segunda edição foi no Japão, em 1979. Dois anos depois, em 1981, a competição teve como sede a Austrália, onde a Coca-Cola pagou a quantia de US\$ 600 mil para estampar o nome da empresa no troféu, além das passagens aéreas e hospedagem das 15 seleções participantes, custeio da arbitragem do torneio, além dos gastos com 40 funcionários da FIFA (Ouriques, 1999). Até o momento já foram realizadas 23 edições da Copa do Mundo Sub-20, sendo apenas cinco delas em território Europeu.

Ainda, do quão transformador foi a gestão de João Havelange na presidência da FIFA, com duração de 24 anos, Ribeiro Júnior *et al.* (2014) destacam que o brasileiro assumiu a presidência da entidade com menos de US\$ 20 no caixa e 13 funcionários, ou seja, as receitas da FIFA mal pagavam seus custos básicos. Havelange saiu em 1998 deixando US\$ 4 bilhões nos cofres com centenas de funcionários com contratos em vigor.

A realidade dos clubes também foi modificada. Até meados da década de 1970, a principal receita dos clubes e federações vinha das bilheteria em dias de jogos. Já nos anos 80, os principais recursos eram oriundos das emissoras de TV e outros componentes do mercado. Segundo Matias (2020), a partir de então, os clubes passaram a investir em duas frentes: em capital constante (manutenção do estádio e campos de treinamento, academias, departamentos de fisioterapia e fisiologia, assessoria de imprensa e marketing) e em capital variável (a mercadoria jogador de futebol, que é a força esportiva através da força de trabalho qualificada).

As fontes de receita dos clubes atualmente são: público nos estádios; cotas dos direitos de transmissão na TV; patrocínios e investimentos de grupos econômicos; a venda de jogadores. Repara-se que todas estas fontes são produtos sob o guarda-chuva da espetacularização do futebol. Sem ela, todos esses componentes sofreriam depreciação, resultando então, numa diminuição de receita significativa para qualquer clube ou federação.

Para a FIFA, o cenário é um pouco diferente. Suas principais fontes de receita são: a comercialização dos direitos televisivos; cotas de patrocínios; venda de ingressos de jogos/eventos; o licenciamento de produtos. Matias (2020, p. 134) apresenta um levantamento de uma consultoria da empresa BDO onde “a FIFA tinha em 1930 cerca de 85% da sua receita proveniente de repasses das associações nacionais, 70 anos depois esse percentual não supera 1%”. Assim, as relações da FIFA junto ao setor privado, especificamente com empresas multinacionais, potencializaram a força da entidade.

Todo esse poder faz com que as grandes empresas tenham a certeza de que fixar suas marcas ao lado da FIFA é um caminho lucrativo. Desde o início da era dos grandes patrocínios – Copa do Mundo Sub-20 na Tunísia – a FIFA tem entre os direitos de TV e patrocínios de eventos aproximadamente 75% do seu faturamento anual. Assim, a missão proferida por Havelange nos primeiros dias como presidente da FIFA estava realizada, ele, enfim, conseguiu vender o futebol.

A sucessão de João Havelange na presidência da entidade se deu em 1998, quando o suíço Joseph Blatter assumiu o cargo. Nos sete anos de sua administração (1998-2015), a FIFA seguiu expandindo suas ações e se rentabilizou ainda mais no cenário esportivo. A acumulação cada vez maior e voraz passou a descortinar o lado sombrio da instituição.

A FIFA está presente nos rincões mais esquecidos do planeta, nos locais menos tradicionais para o futebol e nas cidades mais marginais dos centros de poder. Nos últimos vinte anos, Joseph Blatter consolidou sua base de poder construindo campos de futebol pelo mundo. Junto com eles, enviava agradecimentos, dinheiro, cheques em branco e supostos subornos à cartolas, que passaram a ser aliados incondicionais do suíço. Na prática, esse esquema garantiu a ele cinco vitórias seguidas em eleições, além de lhe conferir imunidades, prestígio, poder e ampla cobertura na imprensa local (Chade, 2015, p. 57).

Desde a década de 1970 o que interessa para a FIFA é o lucro, independente da sua origem. A estreita relação com países é estabelecida sem levar em conta o seu regime político. Isso faz com que a FIFA mantenha o monopólio que detém e os países mostrem ao mundo uma visão desenvolvimentista de seus territórios. O ex-secretário geral da FIFA, Jérôme Valcke, ao explicar as escolhas de Rússia e Qatar como sedes das Copas do Mundo de 2018 e 2022, respectivamente, afirmou:

“Vou dizer algo que é maluco, mas menos democracia às vezes é melhor para organizar uma Copa do Mundo. Quando você tem um chefe de estado forte, que pode decidir, assim como Putin poderá ser em 2018, é mais fácil para nós organizadores do que um país como a Alemanha, onde você precisa negociar em diferentes níveis” (UOL, 2015).

A declaração de Valcke, por mais impactante que tenha sido, não ecoava solitária. O próprio presidente Blatter, quando questionado sobre uma possível criação do sindicato internacional de atletas foi enfático ao dizer que a FIFA não fala com jogadores, pois eles são apenas empregados dos clubes (Galeano, 2019). Este desdenho para com os atletas não acrescentava em nada positivo à imagem da FIFA, que desde então, responde por uma série de denúncias de corrupção, sendo boa parte delas iniciadas ainda na gestão de Havelange, a mesma responsável pela espetacularização do esporte.

Já que o relacionamento com os atletas nunca foi prioridade ou sequer figurou num horizonte próximo do que realmente importa para a FIFA, mudanças na base jurídica dos clubes foram a saída encontrada pelos europeus nas décadas de 1980 e 1990 e, ao que parece, tem sido motivo de estudo e experimentação por clubes da América do Sul através do modelo denominado Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

Na Europa, a mudança jurídica dos clubes foi necessária para que agentes do mercado pudessem fazer circular capital no mercado do futebol. Porém, esse mercado, que é concentrado em um grupo de cinco países (Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha e França) denominado *Big Five* tem suas particularidades para uma breve análise em separado.

A Itália foi a primeira a modificar o ordenamento legal dos clubes. Isso ocorreu na década de 1970, o que nos anos seguintes fez com que o futebol italiano lucrasse bastante com as transmissões para diversos países, inclusive Brasil, que exportava um bom número de jogadores sistematicamente para aquela liga. Já na Inglaterra, o governo de Margaret Thatcher obrigou os clubes a modernizar seus estádios e implementarem mecanismos efetivos de segurança. Com o avanço, os clubes abriram em 1983, seus capitais na bolsa de valor. Na Espanha, na década de 1990, os clubes da primeira e segunda divisão passaram a adotar o modelo de Sociedade Anônima Desportiva (SAD), equivalente à SAF existente no Brasil. Na França e na Alemanha essas alterações só aconteceram nos anos 2000, quando os clubes abriam seus capitais no mercado, mesmo assim, no caso do futebol alemão, 51% das ações dos clubes são, obrigatoriamente, destinadas aos seus torcedores (Matias, 2020).

Todas essas modificações e particularidades foram essenciais para a implementação, manutenção e aperfeiçoamento do futebol de espetáculo. Ademais, o grande marco da espetacularização do futebol europeu se deu através do Acórdão Bosman, realizado em 1995, que fortaleceu o futebol europeu como nunca havia ocorrido antes. A espetacularização e as mudanças promovidas por esse dispositivo, concomitantemente, fizeram com que a Europa atingisse e se consolidasse de vez como o epicentro do mundo do futebol.

Esse eurocentrismo, sob uma leitura de perspectiva decolonial, foi abordado no tópico seguinte e, através da análise contida nele, é possível de maneira quantitativa mensurar o quão impactante foi na esfera esportiva as mudanças estabelecidas pelo Acórdão Bosman.

3.3 EUROCENTRISMO: O ACÓRDÃO BOSMAN

Durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos, o então presidente da FIFA, João Havelange, em entrevista ao documentário “Todos os Corações do Mundo¹⁵”, proferiu as seguintes palavras: “Enquanto a bola rolar, o mundo estará feliz e estará unido”. Essa frase, de sentido humanitário e esperançosa, mostra mais sobre os interesses do seu emissor do que propriamente do seu conteúdo. A FIFA, através de João Havelange, foi a responsável por espetacularizar o futebol via transmissões de TV e por transformar esse esporte num dos maiores balcões de negócios do planeta. Essas ações atendem ao neoliberalismo, que por sua vez, é uma arma para manter a colonização mesmo após a independência de países no continente americano.

Para descortinar o contexto à época da frase mencionada pelo presidente da FIFA em 1994, se faz necessário recordar que o mundo estava em pleno avanço da globalização, onde as grandes empresas passaram a se espalhar pelo mundo em busca do mesmo objetivo: a acumulação de capital. Porém, nos países considerados ao Sul, a mão de obra mais barata permitia uma acumulação ainda maior por parte das grandes empresas do Norte.

De imediato cabe a reflexão de que, enquanto um povo serve ao modo de produção capitalista, ele tem sua relevância no processo. Quijano (2005) destaca que, na chegada dos colonizadores hispânicos, os índios foram reconhecidos como como nação, já que era possível

¹⁵ Todos os Corações do Mundo é o documentário oficial da Copa do Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos.

estabelecer uma relação comercial junto deles. Por mais que essas trocas privilegiassem sempre aos europeus e fossem feitas em um ambiente fortemente violento, existia uma troca inter-nações. Porém, com a independência, os índios foram excluídos dessa nova sociedade.

Da chegada dos europeus através das grandes navegações em 1492, que deu início ao processo de colonização no continente americano, até os dias atuais, passando pelo exemplo destacado na Copa de 1994, se passaram mais de 530 anos. Durante todo esse período, à nossa sociedade sempre foi imposta uma brutal relação de dominação. Num primeiro momento, do europeu com os povos colonizados e, numa segunda etapa, dos países desenvolvidos que estabelecem uma relação de dependência com os países ainda em desenvolvimento, chamados de Sul Global.

Como mencionado anteriormente, é através de duas categorias centrais, a totalidade e a historicidade, que este estudo se utiliza em sua análise. E, para analisar o futebol como instrumento de ruptura dessa lógica centro-periferia, elas são primordiais. Sobre a análise nessa perspectiva, Quijano (2005) ressalta a dualidade entre homogeneidade/continuidade e heterogeneidade/descontinuidade:

Consequentemente, o processo de mudança dessa totalidade capitalista não pode, de nenhum modo, ser uma transformação homogênea e contínua do sistema inteiro, nem tampouco de cada um de seus componentes maiores. Tampouco poderia essa totalidade desvanecer-se completa e homogeneamente da cena histórica e ser substituída por outra equivalente. A mudança histórica não pode ser unilinear, unidirecional, sequencial ou total (Quijano, 2005, p. 117).

Essa perspectiva auxilia na análise da linha do tempo do futebol, perpassando sua origem na Europa, regramentos, expansão e descentralização – próprios do modo de produção do capitalismo tardio – e da espetacularização do esporte nos dias de hoje. Ademais, para uma melhor conceituação, dentro do contexto futebolístico, a relação centro-periferia é estabelecida neste estudo entre o futebol europeu e o sul-americano.

O pós-colonialismo ocasionou consequências. A maior parte dos países do continente americano foram descolonizados no século XIX, no entanto, suas marcas e cicatrizes continuam presentes no cotidiano das pessoas que nesses territórios vivem. Casanova (2007) traz um conceito objetivo e preciso daquilo que foi provocado internamente na América durante a colonização.

A definição do colonialismo interno está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal. Os povos, minorias ou nações colonizadas pelo Estado-nação sofrem condições semelhantes às que os caracterizam no colonialismo e no neocolonialismo em nível internacional: 1) habitam em um território sem governo próprio; 2) encontram-se em situação de desigualdade frente às elites das etnias dominantes e das classes que as integram; 3) sua administração e responsabilidade jurídico-política concernem às etnias dominantes, às burguesias e oligarquias do governo central ou aos aliados e subordinados do mesmo; 4) seus habitantes não participam dos mais altos cargos políticos e militares do governo central, salvo em condição de “assimilados”; 5) os direitos de seus habitantes, sua situação econômica, política social e cultural são regulados e impostos pelo governo central; 6) em geral os colonizados no interior de um Estado-nação pertencem a uma “raça” distinta da que domina o governo nacional e que é considerada “inferior”, ou ao cabo convertida em um símbolo “libertador” que forma parte da demagogia estatal; 7) a maioria dos colonizados pertence a uma cultura distinta e não fala a língua “nacional” (Casanova, 2007, p. 430).

A brutalidade e a intencionalidade da violência aplicada aos povos subjugados caracterizam e refletem sistematicamente a lógica do poder de dominação de um povo sobre o outro. Fanon (1968) destaca que, a natureza do colonialismo é destrutiva, onde uma identidade colonial subjugada cria consequências sociais nocivas aos povos subjugados em colônias.

As marcas dessa colonização, que ainda se reproduzem, são objeto dos estudos pós-colonialismo, que por sua vez, têm como objetivo a busca da quebra do pensamento eurocentrista exercido via o conhecimento (epistemologia) criado e reproduzido ao longo dos últimos seis séculos (Quijano, 2005).

Ao se utilizar da Teoria Sistema-mundo moderno de Wallerstein¹⁶, a qual divide o mundo em três esferas hierárquicas: centro, semiperiferia e periferia. Temos no centro, os países com alto nível de desenvolvimento tecnológico e industrial; na semiperiferia aqueles com um nível intermediário de desenvolvimento econômico e industrial; e na periferia os países com baixo nível de desenvolvimento tecnológico e industrial e com relação de dependência.

No futebol o sistema apresenta apenas uma lógica, com duas esferas hierárquicas bem definidas: a Europa e o resto do mundo. Próprios do modo de produção capitalista, adentros

¹⁶ Immanuel Wallerstein desenvolveu a obra Sistema Mundial Moderno em 1974, a partir da divisão internacional do trabalho produzido pelo modo de produção capitalista.

como a concentração e a descentralização se fazem presentes de forma avassaladora nesse contexto.

O pensamento de dominação de uma classe perante a outra já acompanha o futebol desde o seu surgimento. A dominação no mundo da bola de um país perante os demais foi só questão de tempo. Assim como o mundo e a sociedade sofreram transformações, o futebol também seguiu essa máxima. A maior delas enfatizou ainda mais a dominação através de relações comerciais. Isto ocorreu, assim com o Sistema-mundo moderno de Wallerstein, nos meados da década de 1970, com a FIFA acompanhando a expansão do modo de produção capitalista para diversos setores, transformando de vez o futebol em forma de mercadoria.

Nesse sentido, resta ao futebol da periferia/sul-americano, enquanto um instrumento decolonial, lutar contra esse sistema neoliberal, imperialista e globalizado que realiza a manutenção das desigualdades. É um pensamento formatado através de opções analíticas e práticas que confrontam e desvinculam a matriz colonial de poder (Mignolo, 2005) que precisa ser praticado na América do Sul, já que é aqui que boa parte da força de trabalho da modalidade é produzida e lapidada como mercadoria.

Na década de 1990, para poder atrair os melhores jogadores para o continente, o Tribunal de Justiça da União Europeia deu efeito ao Acórdão Bosman¹⁷, que permitiu que os jogadores tivessem mais liberdade para se transferir de um clube para outro. Com isso os clubes, principalmente os das cinco maiores ligas – Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e França – concentram os melhores jogadores do mundo em suas ligas, montando times que mais se parecem com seleções.

Por isso, urge a necessidade de se pensar e fazer o futebol na América do Sul como uma forma de desobediência e reconstrução epistêmica, fugindo da ideia do pensar europeu (Mignolo, 2010). Assim, é preciso que o grande objetivo dos atletas que daqui se originam não seja apenas de alcançar sucesso indo jogar na Europa. Galeano (2024) retrata bem o percurso padrão dos atletas sul-americanos:

¹⁷ Acórdão Bosman ou Lei Bosman foi aprovado em 1995, fruto de uma ação movida pelo belga Jean-Marc Bosman contra o seu então clube RFC Liege, que permitiu que jogadores deixassem seus times após o final de seus contratos para assinar com outras equipes, além de derrubar as restrições relacionadas ao número de atletas da União Europeia nas escalações.

Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa a um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução senão vendê-lo a um time grande; o time grande asfixiado pelas dívidas, vende-o a um outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa (Galeano, 2024, p. 201).

Esse êxodo culminou em um desequilíbrio gritante no mundo do futebol. As tabelas 3 e 4 demonstram o quanto as disputas de futebol entre europeus e sul-americanos sofreram alterações com o viés capitalista ratificado pelo Acórdão Bosman:

Tabela 3 – Campeonatos Mundiais de Clubes de 1961 a 1995 (até a Lei Bosman)

Equipes	Número de Títulos
América do Sul	20
Europa	14

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Tabela 4 – Campeonatos Mundiais de Clubes de 1996 a 2023 (após a Lei Bosman)

Equipes	Número de Títulos
América do Sul	6
Europa	23

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Porém, a lógica centro-periferia, ou melhor, futebol europeu *vs* sul-americano, tem nas competições entre seleções uma disputada mais acirrada, onde a lógica capitalista promovida pelo Acórdão Bosman não surtiu efeito, ou ao menos, não conforme os europeus gostariam. É o que traz a tabela a seguir:

Tabela 5 – Competições entre Seleções Europa x América do Sul (Copa do Mundo, Copa das Confederações e Copa dos Campeões UEFA-Conmebol).

Seleções	Copa do Mundo	Outras competições	TOTAL
América do Sul	10	7	17
Europa	12	5	17

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Vale destacar que, entre as seleções que já conquistaram a Copa do Mundo, o Brasil é o maior vencedor com 5 conquistas (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e se consolida como o único país que disputou todas as 22 edições do torneio.

Assim como as estatísticas descortinam essa relação Europa-América do Sul, fatos históricos e narrativas forjam essa disputa intercontinental no mundo do futebol. A mais emblemática e que esse trabalho deu destaque na ruptura eurocêntrica através dos feitos de um jogador dentro de campo. Trata-se do argentino Diego Armando Maradona, possivelmente o jogador com o comportamento mais decolonial de todos.

De família pobre, cresceu na periferia de Buenos Aires, mais precisamente no bairro Villa Fiorito. Viveu e sofreu com os reflexos daquilo que Quijano (1992) aponta como uma estrutura colonial de poder, que deu origem às castas, classificando os colonizadores no topo e os colonizados como membros de uma cultura inferior. Isso porque, na Argentina, assim como nos demais países do Cone Sul¹⁸, a maioria branca sufoca as raízes dos povos originários. Porém, como ressalta Quijano (2005), em Buenos Aires a situação é ainda mais acentuada.

Sua emergência como uma das áreas prósperas do mercado mundial foi rápida desde o último quarto do século XVIII, o que impulsionou no século seguinte uma massiva migração do sul, do centro e do leste da Europa. Mas essa vasta população migratória não encontrou uma sociedade com estrutura, história e identidade suficientemente densas e estáveis, para incorporar-se a ela e com ela identificar-se, como ocorreu no caso dos Estados Unidos e sem dúvida no Chile e no Uruguai. Em fins do século XIX a população de Buenos Aires compunha-se em mais de 80% por imigrantes de origem europeia. Levou tempo, por isso provavelmente, para que se considerassem com identidade nacional e cultural própria, diferente da europeia, enquanto rejeitavam explicitamente a identidade associada à herança histórica latino-americana e, em particular, qualquer parentesco com a população indígena (Quijano, 2005, p. 121).

Maradona alcançou em meio a uma trajetória difícil e polêmica, êxito no mundo do futebol. Foi campeão do mundo na Copa de 1986 no México como capitão e líder do seu time dentro de campo. Nessa competição, todavia, o jogador promoveu simbolicamente o maior feito da perspectiva decolonial no cenário futebolístico. Na vitória da Argentina contra a Inglaterra por 2x1 na fase de quartas-de-final do torneio, o atleta fez os dois gols de sua equipe. Um deles irregular, pois, utilizou a mão ao fazer o gol. Mão essa denominada pelo próprio jogador como “la mano de Dios”, em português “a mão de Deus”. Já o segundo gol,

¹⁸ Aníbal Quijano classifica Cone Sul como o bloco formado por Argentina, Chile e Uruguai.

além de importante é considerado o “Gol mais bonito da história das Copas do Mundo” (Folha de S. Paulo, 2002).

Não foi uma vitória só de uma seleção sul-americana contra uma europeia, tampouco apenas uma façanha contra os “inventores do futebol”. Na realidade essa vitória vingou um país inteiro, que havia defendido seu território na Guerra das Malvinas quatro anos antes, em 1982, e lá estiveram meninos e jovens despreparados militarmente mortos a mando do governo conservador de Margareth Thatcher do Reino Unido.

Nos gramados dos estádios mexicanos da Copa de 1986, Maradona rompeu com a lógica eurocêntrica centro-periferia. Derrotou a Inglaterra, vingou seu povo, deu um recado utilizando o nome de Deus, fazendo com que os europeus provassem do mesmo discurso que se utilizaram durante o processo de colonização e, por fim, fez o gol mais bonito de todas as Copas em cima daqueles que inventaram o que conhecemos por futebol. Maradona fez uso da decolonialidade sem sequer saber que esse pensamento existia. Simplesmente o fez!

Galeano (2019), ao abordar os feitos do jogador argentino fez questão de destacar o quanto à glamorização do futebol e a fama, prejudicaram o atleta num grau tão elevado, pois como indivíduo apresentava ser uma coisa e como jogador de futebol outra.

Esse ídolo generoso e solidário tinha sido capaz de cometer, em apenas cinco minutos, os dois gols mais contraditórios de toda a história do futebol. Seus devotos o veneravam pelos dois: não apenas era digno de admiração o gol do artista, bordado pelas diabruras de suas pernas, como também, e talvez mais, o gol do ladrão, que sua mão roubou. [...] A fama, que o havia salvo da miséria, tornou-o prisioneiro. Maradona foi condenado a se achar Maradona e obrigado a ser a estrela de cada festa, o bebê de cada batismo, o morto de cada velório. Mais devastadora que a cocaína foi a sucessoína. As análises, de urina ou de sangue, não detectam essa droga (Galeano, 2019, p. 34).

Esse sucesso é potencializado pelos meios de comunicação. O futebol espetacularizado está consolidado na sociedade de agora. Suas operações enriquecem federações, empresários, anunciantes, emissoras de TV e alguns poucos clubes e atletas, enquanto a maior fatia dos jogadores está distante dessas fartas remunerações. A relação existente entre essa espetacularização e a precarização do trabalho que dela resulta é o assunto abordado no próximo capítulo.

4. ESPETACULARIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO

A espetacularização do futebol é algo tão natural nos dias de hoje que passa despercebida a figura que dá sentido a esse sistema: o espectador. Não seria possível espetacularizar a modalidade se não houvesse pessoas interessadas em consumir o esporte como uma mercadoria. Portanto, antes mesmo do início das transmissões televisivas, o futebol já possuía interessados em acompanhar jogos, uniformes, notícias e produtos das mais diversas formas (materiais e imateriais). Um negócio altamente lucrativo para muitos, em especial confederações, federações, meios de comunicação, anunciantes e um pequeno contingente de jogadores, já que a maioria está distante de remunerações básicas. Isso resulta numa atividade em que a precarização em suas relações de trabalho é visível e gritante, porém, amenizada e naturalizada mediante às ações permanentes da espetacularização do futebol. Compreender, através de uma análise crítica, de que forma essa espetacularização incide na precarização das relações de trabalho no mundo da bola é o abordado nos tópicos seguintes deste capítulo.

4.1 O FUTEBOL ESPETACULARIZADO

Não foi ao acaso que as emissoras de televisão começaram a transmitir jogos de futebol para criar espectadores da modalidade. Esse público já existia. O que as emissoras de TV fizeram, e de maneira impecável, foi identificar quem eram essas pessoas e qual a forma mais rentável para acumularem capital, utilizando-se desse sentimento de pertencimento. Em meados da década de 1970, o futebol do amor à camisa era bonito, mas não interessava tanto assim. O dinheiro precisava circular e a acumulação capitalista levava com que monopólios e multinacionais enxergassem no esporte uma grande possibilidade de atingir seus objetivos.

Hobsbawm (1995) aponta para uma formação social com classes distintas, onde cada uma delas é capaz de criar um *status* próprio. Assim, com o início das transmissões, estava criado um público cativo e fiel que com essa reconfiguração da modalidade se transformava em espectadores-consumidores, os quais mesmo de maneira involuntária, passavam a usufruir do futebol já em forma de mercadoria.

Para elucidar o quão e como foi pensada pelas emissoras de TV à época das primeiras transmissões, é necessário conceber que esse é um processo oriundo de avanços tecnológicos. A televisão atingia esse novo público, de espectadores-consumidores, fazendo com que diversas classes fossem abstratamente unificadas e as desigualdades entre elas amortizadas.

As invenções tecnológicas no campo da comunicação acham aí sua forma: o sentido que vai tomar sua mediação, a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa. Ligar os meios de comunicação a esse processo não implica negar aquilo que constitui sua especificidade. Não estamos subsumindo as peculiaridades, as modalidades de comunicação que os meios inauguram, no fatalismo da lógica mercantil ou produzindo seu esvaziamento no magma da ideologia dominante. Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que neles e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos (Martín-Barbero, 1997, p. 191).

Adorno e Horkheimer (1985) introduziram o conceito de indústria cultural, onde através dele se torna possível uma melhor compreensão de como o sistema da espetacularização funciona. Em suma, a produção em massa de cultura e entretenimento forja uma mercadoria. No mundo do futebol, essa espetacularização reflete objetivamente esse fenômeno. A mudança do futebol enquanto apenas um esporte naquilo que é conhecido hoje, ou seja, um espetáculo de massa com finalidades de comercialização acontece imersa a essa indústria cultural.

Sendo o futebol consumido em escala universal, os eventos relacionados a ele, tais como as partidas, programas de debates esportivos, anúncios envolvendo clubes e atletas seguem um mesmo padrão e repetitividade, o que escancara o controle da indústria cultural sobre o esporte apresentado aos espectadores. Essa produção em massa permite que ocorra a homogeneização da experiência das pessoas junto ao futebol. Não por acaso que os jogos são formatados com o objetivo de maximizar a audiência televisiva. O editor responsável pelas imagens durante uma partida de futebol é quem irá priorizar o que deve ser mostrado – lances, jogadas, jogadores e publicidades – porém, sempre inserido no modelo padrão estabelecido pela indústria cultural.

“A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 105). Isso é facilmente constatado

no futebol. Pessoas que sequer acompanham o esporte sabem quem são as celebridades e as marcas propagadas por essa indústria.

Cabe salientar que, no futebol se vende de tudo, até mesmo produtos que representam o oposto da vivência e convivência esportiva. Exemplos disso são dois dos principais patrocinadores da Copa do Mundo FIFA, o McDonald's e a Coca-cola. Outro exemplo são os comerciais na TV durante os intervalos dos jogos e nas placas de publicidade envoltas ao gramado com anúncios de diversas marcas de cerveja e outras bebidas alcoólicas.

No presente momento, principalmente no futebol brasileiro, tanto as transmissões televisivas como os clubes e celebridades lucram, e muito, com anúncios de casas de apostas online, conhecidas também como *bets*¹⁹. O avanço nas negociações envolvendo esses atores remetem a números jamais vistos no marketing esportivo no Brasil. Dos 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, 19 deles recebem patrocínio de alguma empresa desse segmento. Já são mais de R\$ 630 milhões o somatório investido nessas equipes através de patrocínios (Pio, 2024).

O assédio aos principais clubes é tão grande que dentre os dez maiores patrocínios master²⁰ em 2024, apenas três não são de casas de apostas esportivas. A tabela 6, expressa em números o tamanho desses investimentos.

¹⁹ Os patrocínios oriundos das casas de apostas esportivas online ainda não passaram por uma regulamentação definitiva. Em outubro de 2024, o Ministério da Fazenda do Brasil definiu um regramento para a atuação dessas empresas até o final do ano. O objetivo do governo brasileiro é que, já no início de 2025, o Congresso Nacional defina uma legislação sobre o assunto.

²⁰ Patrocínio master é o nome dado ao principal anunciante em um clube de futebol. Geralmente, a marca desse patrocinador está localizada bem ao centro da parte frontal da camisa de jogo de um clube.

Tabela 6 – Os maiores patrocínios master do futebol brasileiro em 2024

Clube	Patrocinador	Patrocínio (em R\$)
Flamengo	Pixbet	105 milhões
Palmeiras	Crefisa	81 milhões
Corinthians	Esporte da Sorte	75 milhões
São Paulo	Superbet	52 milhões
Vasco	Betfair	47 milhões
Cruzeiro	Betfair	42 milhões
Fluminense	Superbet	42 milhões
Grêmio	Banrisul	30 milhões
Internacional	Banrisul	30 milhões
Santos	Blaze	28 milhões

Fonte: Poder Sports MKT, 2024.

Para Adorno e Horkheimer (1985) a lógica da eficiência do lucro domina a sociedade moderna, fazendo com que formas autênticas de razão e experiência sejam postas de lado. O futebol espetacularizado é um reflexo dessa lógica, também nomeada de racionalidade instrumental. Por isso, quando a indústria cultural promove um espetáculo através do futebol, na verdade ela busca gerar o máximo de receita possível para os envolvidos. Contraditoriamente, os jogadores ficam à margem dessa realidade. Porém, como são os principais e decisivos personagens desse esporte, passam, alguns deles, a serem alvos de uma rede criminosa, a qual só existe devido à espetacularização.

O capital especulativo corrobora com a precarização do trabalho no mundo do futebol. Para Matias (2020) ele se dá de três maneiras: 1) compra e venda de ações dos clubes: onde estes colocam ações no mercado para a aquisição de especuladores (bastante comum na Europa, principalmente na Inglaterra onde os clubes abriram seus capitais em busca de fôlego financeiro na década de 1980); 2) atuação de fundos de investimentos na aquisição de clubes e direitos econômicos: processo passível de lavagem de dinheiro por parte de especuladores. Eles compram frações de atletas que só rendem com uma troca futura (por isso foram criadas as janelas de transferências, com o propósito de evitar uma circulação desenfreada no mercado de contratações); 3) o capital especulativo patrocinando clubes/atletas e o mercado

de apostas: o que atualmente é o mais emblemático, já que as casas de apostas virtuais estão presentes em boa parte das camisas dos clubes – grandes, médios e pequenos – estampando suas marcas em forma de patrocínio.

Destas três, no futebol em geral, mas principalmente no brasileiro, cabe um olhar cauteloso para a última delas. O capital especulativo das casas de apostas remete a inúmeros casos de manipulação de resultados. A Operação Penalidade Máxima, do Ministério Público de Goiás, iniciou em fevereiro de 2023 e até novembro do mesmo ano já havia registrado 13 casos de atletas punidos, com quatro deles sendo banidos permanentemente do futebol e os demais com afastamento por no mínimo 360 dias (Globo Esporte, 2023).

Outra questão que, em meio a um cenário de precarização, deve ser destacada é que diferentemente das bolsas de valores, as casas de apostas ficam “abertas” 24 horas, já que são acessadas via internet. Além disso, não é nada difícil para que um atleta possa se remunerar burlando o sistema, pois atualmente as apostas não ocorrem só em resultados e/ou placares, mas sim, em inúmeras possibilidades, tais como número de escanteios, número de cartões amarelos e vermelhos, minuto de uma expulsão ou gol, número de laterais, assim por diante.

Mesmo com uma diminuição do número de casos de 29% de 2023 para o ano anterior, o futebol brasileiro segue como líder mundial de jogos suspeitos de manipulação, o que escancara a busca por dinheiro de profissionais que não encontram na profissão uma remuneração satisfatória. Conforme a Tabela 7, realizado pela empresa líder global em tecnologia esportiva, o percentual de jogos suspeitos de manipulação em 2023 é o seguinte:

Tabela 7 – Percentual de jogos suspeitos em 2023

Organizador	Jogos suspeitos
Federações Estaduais	1,35%
CBF	0,72%
Brasil	1,21%
Futebol Mundial	0,63%

Fonte: Sportradar, 2024.

A busca por uma remuneração extra, mesmo que subversiva é um ato que configura o adoecimento da classe trabalhadora, nesse caso a profissão do jogador de futebol. Antunes

(2020, p. 147) enfatiza que “a origem desses processos de adoecimento tem também como pano de fundo, entre outros, o crescente processo de individualização do trabalho e a ruptura do tecido de solidariedade antes presente entre os trabalhadores”.

Esse cenário sombrio, permeado de contravenções, conta com o protagonismo de atletas que estão distantes dos altos salários pagos no mundo do futebol espetacularizado e se encontram inseridos na precarização existente na profissão jogador de futebol. Assim como a espetacularização ameniza as tensões das massas, no caso específico das casas de apostas esportivas, é permitido o acesso a valores que jamais serão investidos em atletas que não alcançam os holofotes. A sociedade e o futebol se misturam, eles coexistem.

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é a sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto com um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos (Damatta, 1982, p. 21).

E assim, desde meados década de 1970, as emissoras de TV maximizam seus lucros e possuem um controle social através do futebol espetacularizado. Esse futebol de espetáculo é promovido de maneira a gerar o máximo de receitas através dos direitos de transmissão. Patrocínios e marketing possibilitam a esse meio de comunicação, a TV mais especificamente, um controle na sociedade, já que ao ser transformado em um espetáculo, proporcionando distração como uma válvula de escape para as massas, o futebol afasta o olhar dos seus espectadores de questões mais profundas, como as sociais e políticas.

Isso foi visto nas ditaduras da América Latina nas décadas de 1970 e 1980, assim como atualmente acontece no Oriente Médio, com os clubes daquele local pagando os mais altos salários com o propósito de passar ao mundo uma boa imagem de seus países. Enfim, o espetáculo esportivo, no caso o futebol, tem a função de manter a coesão social, minimizando as contestações da sociedade, mantendo-a entretida e desinteressada em assuntos de maior importância.

Dorfman e Mattelart (2010), ao realizarem uma leitura crítica dos produtos televisivos da Disney²¹, sintetizam o funcionamento estratégico de como o entretenimento atinge a sociedade:

A diversão, tal como a entende a cultura de massa, trata de conciliar o trabalho com o ócio, o cotidiano com o imaginário, o social com o extrassocial, o corpo com a alma, a produção com o consumo, a cidade com o campo, esquecendo as contradições que subsistem nos primeiros termos. Cada um desses antagonismos, pontos nevrálgicos da sociedade burguesa, fica absorvido no mundo do entretenimento sempre que passe antes pela purificação da fantasia (Dorfman; Mattelart, 2010, p. 116).

A cultura, dentro do sistema capitalista, desempenha o papel de controle social. O futebol espetacularizado reflete isso criando ao ser consumido normas e valores predominantes. Pois, além do entretenimento que entrega, esse futebol como espetáculo reforça valores culturais e ideológicos. E, dentro desse modo de produção capitalista, o futebol propaga a ideologia dominante, como nacionalismo, competição e consumo, legitimando e naturalizando esses valores na mente dos seus espectadores (Adorno; Horkheimer, 1985).

Lipovetsky e Serroy (2013) acrescentam ainda que, a espetacularização atingiu um estágio tão avançado que levou à sociedade do hiperespetáculo. Ao compreender os mecanismos que geram essa sociedade, os autores destacam que:

A força deles é tamanha que essa dinâmica de espetacularização ganhou todo um conjunto de domínios e de atividades em que a própria noção de espetáculo era, até então, secundário em relação a outras finalidades. Desenvolve-se assim um mundo em que o hiperespetáculo não somente se torna dominante, mas, anexa setores da vida social cada vez mais amplos (Lipovetsky; Serroy, 2013, p. 171).

Além disto, por mais que o jogador de futebol seja o objeto deste estudo, fica explícito que o futebol espetacularizado também se consolida. O início das transmissões televisivas são um marco no surgimento dessas duas mercadorias. E, para analisar a força-esportiva, o espetáculo gerado é de fundamental importância, pois é através dele que ocorre a alienação e o fetichismo. Debord (2003) expressa bem o consumo dessa mercadoria televisiva.

²¹ O Grupo Disney, conhecido pelas suas produções de desenhos animados, também é o proprietário dos canais ESPN, referência mundial no segmento televisivo dos esportes.

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por coisas supra-sensíveis embora sensíveis, que o espetáculo se realiza absolutamente. O mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo que se faz reconhecer como o sensível por excelência (Debord, 2003, p. 29).

Atualmente, o futebol provoca uma alienação não só em seus telespectadores, mas nos atletas da modalidade também. As transmissões da TV, ao concentrar a atenção nas imagens que promovem a espetacularização, transforma a disputa de um jogo em um produto para consumo, isolando dele próprio o seu caráter cultural e social original. Ademais, a glamorização do esporte remete diretamente para um cenário que tem valor por sua capacidade de gerar lucro e entretenimento. Não é ao acaso que o sistema clubes-emissoras de tv-anunciantes se retroalimenta.

Assim, como já mencionado anteriormente, os clubes recebem significativos aportes em direitos de transmissão por parte das emissoras de TV, as quais, conseqüentemente, passam a ter um produto que permite com que importantes marcas façam altos investimentos em anúncios publicitários, os quais, por sua vez, atingem ao universo de espectadores fazendo com que as vendas de seus produtos aumentem.

Debord (2003, p. 31) aponta para a intenção do neoliberalismo no trabalho-mercadoria: “O alargamento incessante do poderio econômico sob a forma da mercadoria, que transfigurou o trabalho humano [...] conduz cumulativamente a uma abundância na qual a questão primeira da sobrevivência está sem dúvida resolvida”.

É nesse sistema de busca incansável por acumular o máximo de capital possível que as emissoras de TV usam e abusam do futebol espetacularizado. Rodrigues e Montagner (2003, p. 14) afirmam que:

A difusão dos meios de comunicação é uma grande propulsora do esporte espetáculo. O consumo passivo intensificado pelos meios de comunicação de massa expande-se de forma significativa com o advento da televisão e da difusão de transmissões, contribuindo para a valorização do esporte como espetáculo e como veículo de propaganda e comunicação (Rodrigues; Montagner, 2003, p. 14).

Como detalhado no capítulo anterior, o futebol e os meios de comunicação surgiram juntos na metade do século XIX e suas trajetórias sempre coexistiram. Porém, esse futebol espetacularizado só existe por causa de um desses meios de comunicação em especial: a

televisão. O rádio, os jornais e as revistas informavam, interpretavam e opinavam sobre os acontecimentos do cotidiano de clubes e jogadores. Assim se davam as coberturas por esses meios e comunicação. A TV, além de todos esses elementos, espetacularizou a modalidade, transformando-a em mercadoria. Para Neves (2006, p. 2), “de facto, podemos recordar que o futebol antecede a sua representação televisiva. [...] Mas o certo é que hoje, de forma cada vez mais intensiva, o futebol existe através da televisão”.

A relação das emissoras de TV com o futebol apresenta uma dependência mútua, pois ambos necessitam um do outro. Martín-Barbero (1997) aponta para o fato de que, com a consolidação da televisão como principal meio de comunicação, a ela é permitida a produção de bens culturais, com linguagem própria, que determinam a manutenção ou mudanças que envolvem a sociedade em determinado espaço de tempo. Matias (2020) acrescenta:

Além de produzir a audiência, os espetáculos futebolísticos para as emissoras de televisão servem para valorizar outros produtos da sua grade de programação, procurando manter o público fiel aos produtos culturais que ela oferece dia após dia. Outra forma de os clubes conseguirem receitas com o espetáculo futebolístico é dando aos agentes do mercado o direito de utilizarem a imagem e os espaços nos uniformes, centros de treinamento e estádios para promoverem seus produtos. Nesse sentido, como dissemos, o espetáculo futebolístico é um veículo de valorização de outras mercadorias (Matias, 2020, p. 60).

A ênfase gerada pelas emissoras de TV visa sempre uma maior audiência, conseqüentemente aquela que lhe trará maior lucro. Se para isso os quesitos culturais e educacionais tenham que ser sacrificados, isso não é problema. O que interessa é o que vende, o que interessa é o espetáculo.

Os eventos e fatos são retirados do seu contexto histórico, sociológico, antropológico. A experiência global do ser-atleta é fragmentada. No caso da televisão, a descontextualização é mais sutil, o telespectador é vítima de uma ilusão: julga que está observando a realidade diretamente, como se a tela fosse uma janela. Na verdade, há diferenças profundas na experiência de assistir ao esporte como testemunha corporalmente presente nos estádios e ginásios e na sala de estar, pela TV (Betti, 2002, p. 2).

Destarte, as emissoras de TV são preponderantes em valorizar o futebol espetacularizado e, automaticamente, os jogadores que dele participam. Os atletas inseridos nesse ecossistema glamourizado recebem quantias astronômicas, que não condizem com a realidade da grande maioria dos atletas, os quais pouco ou sequer recebem para jogar futebol.

As Tabelas 8 e 9 demonstram os altos valores que essa pequena fatia, composta pelos jogadores que tiveram sua força-esportiva lapidada alcançaram no atual futebol.

Tabela 8 - Os 10 jogadores mais valiosos do mundo do futebol

Nº	Jogador	Clube	Valor (em euros)
1	Kylian Mbappé	Real Madrid (ESP)	233,2 milhões
2	Erling Haaland	Manchester City (ING)	190,7 milhões
3	Jude Bellingham	Real Madrid (ESP)	183,4 milhões
4	Vinicius Junior	Real Madrid (ESP)	175,6 milhões
5	Bukayo Saka	Arsenal (ING)	150,9 milhões
6	Phil Foden	Manchester City (ING)	145,8 milhões
7	Jamal Musiala	Bayern de Munique (ALE)	136,3 milhões
8	Florian Wirtz	Bayern Leverkusen (ALE)	133,7 milhões
9	Lamine Yamal	Barcelona (ESP)	124,3 milhões
10	Declan Rice	Arsenal (ING)	118 milhões

Fonte: CNN Brasil, 2024.

Tabela 9 – As 10 transferências mais caras de todos os tempos

Nº	Jogador	Clube	Valor (em euros)
1	Neymar	Barcelona – PSG	222 milhões de euros
2	Kylian Mbappé	Monaco – PSG	180 milhões de euros
3	Ousmane Dembélé	Borussia Dortmund – Barcelona	140 milhões de euros
4	Philippe Coutinho	Liverpool – Barcelona	135 milhões de euros
5	João Félix	Benfica – Atlético de Madrid	127,2 milhões de euros
6	Enzo Fernández	Benfica – Chelsea	121 milhões de euros
7	Eden Hazard	Chelsea – Real Madrid	120,8 milhões
8	Antoine Griezmann	Atlético de Madrid – Barcelona	120 milhões de euros
9	Jack Grealish	Aston Villa – Manchester City	117,5 milhões de euros
10	Cristiano Ronaldo	Real Madrid – Juventus	117 milhões de euros

Fonte: Goal, 2024.

Dentre as inúmeras análises que podem ser estabelecidas cruzando os dados destas duas tabelas, vamos nos deter, por enquanto, apenas naquelas onde o valor da força de trabalho do atleta pode ser visto e compreendido.

Notoriamente os nomes listados nas duas tabelas estão inseridos naquele percentual baixíssimo que alcança a fatia dos grandes salários, porém nem todos são nomes tão conhecidos assim. As listas contêm jogadores novos e que foram muito bem lapidados para atingirem altos valores de troca. O futebol de cada um – a força esportiva concreta - por si só, não é o que atrai o interesse de clubes e grupos econômicos, mas sim, a força esportiva abstrata. É só notarmos que nomes conhecidos no mundo inteiro como Messi e Cristiano Ronaldo não fazem parte das nominatas. Além disso, a ausência de boa parte dos atletas finalistas da última Copa do Mundo é mais uma demonstração do que o que interessa ao mercado é a força esportiva abstrata, principalmente aquela onde a mídia pode melhor difundir o futebol de espetáculo.

De tão forte que alguns atletas moldam suas imagens, eles são procurados por grupos econômicos, pois os produtos vinculados a eles, através da espetacularização do futebol, agregam valor e podem ser trocados por preços ainda maiores. A força esportiva abstrata do jogador acrescenta nos produtos dos grupos econômicos, via um trabalho imaterial, um valor de troca e um aumento no preço final para troca no mercado. Adorno e Horkheimer (1985) bem discriminam essa relação:

A heroificação do indivíduo mediano faz parte do culto do barato. As estrelas mais bem pagas assemelham-se a reclames publicitários para artigos de marca não especificada. Não é à toa que são escolhidas muitas vezes entre os modelos comerciais. O gosto dominante toma seu ideal da publicidade, da beleza utilitária. Assim a frase de Sócrates, segundo o qual o belo é o útil, acabou de se realizar de maneira irônica (Adorno; Horkheimer, 1985, p.129).

Um exemplo disto foi a contratação do atacante Cristiano Ronaldo pela Juventus da Itália, em 2018. Na ocasião, três dias após o anúncio da sua contratação, o clube italiano já havia chegado à marca de 520 mil camisas vendidas com o nome do seu novo jogador. As vendas deste período resultaram em 54 milhões de euros, o que representa mais da metade do que foi pago para que o atleta rescindisse seu salário com o Real Madrid, seu clube anterior, e pudesse vestir a camisa da Juventus (Gazeta Press, 2018).

A força esportiva abstrata é fundamental e principal responsável pelo futebol que hoje se vê. O resultado da força esportiva é mais importante que a criação de um atleta com suas pernas, o que reproduz perfeitamente a lógica capitalista. Assim sendo, no modo de produção capitalista de hoje, a espetacularização do futebol passou a ser a principal fonte de receita para os clubes. Isto porque ocorre um consumo imediato do público presente nas arquibancadas de um estádio, mas também de outro contingente de pessoas muito grande que assiste aos jogos através das emissoras de TV. Neste caso, a audiência é a mercadoria produzida através da força esportiva que é comprada e vendida no mercado.

As emissoras de TV, através do futebol espetacularizado, fazem a modalidade ser consumida como ópio do povo. Logicamente que essa expressão pode ser interpretada de diversas formas, portanto, a que melhor representa o objeto deste estudo é trazida por Debord (2003, p. 34), onde “o espetáculo é uma permanente guerra do ópio para confundir bem com mercadoria; satisfação com sobrevivência, regulando tudo segundo suas próprias leis”.

Por isso se faz necessária cautela para entender o futebol como um ópio do povo que existe somente para reproduzir o sistema capitalista, defendendo os interesses da classe dominante. Isso ocorre, é bem verdade. Mas, ele também é responsável por manter viva dentro de quem o acompanha a chance de crescer na vida, ou seja, de uma ascensão social e financeira através do esporte.

A importância do futebol para a televisão é contada pela história. Dois meses após a Copa do Mundo de 1950 no Brasil, a TV Tupi iniciava suas transmissões trazendo o futebol em sua programação. Duas décadas depois, em 1970, a Copa do Mundo disputada no México e vencida pelo Brasil foi transmitida ao vivo para todo território nacional. Nesses dois momentos, o primeiro de uma recente e amarga derrota na final de um Mundial e o segundo da disputa de um torneio em meio ao regime militar brasileiro, a TV sempre se preocupou em potencializar heróis. Independentemente do que acontece na sociedade esse é um dos papéis dela, forjar heróis que através do futebol irão fazer com que seus interesses e demandas sigam sendo atendidos.

O exército de reserva é indispensável para que o modo de produção capitalista, através da espetacularização do futebol possa seguir alimentando a ilusão de um menino em se tornar jogador de futebol. Galeano (2024, p.167) destaca que “Em todo o mundo, por meios diretos

ou indiretos, a televisão decide onde, quando e como se joga. O futebol se vendeu à telinha de corpo, alma e roupa. Os jogadores são, agora, astros da televisão”.

Atualmente, 91,6% dos lares em território brasileiro possuem TV. Este número corresponde a 65,5 milhões de residências. O rádio, outro meio de comunicação que tradicionalmente acompanha e transmite jogos de futebol, ficou com 56% de casas que possuem um ou mais aparelhos (Abert, 2023). Com o passar dos anos, o futebol se tornou cada vez mais rentável para as emissoras que compram e vendem a mercadoria. Em um levantamento realizado no início de 2024, onde se comparou quem dá mais lucro à Rede Globo, se o futebol ou o reality show Big Brother Brasil, foi constatado que futebol está bem a frente. O faturamento da emissora Globo em 2024 será de 2,08 bilhões com futebol, enquanto com o Big Brother Brasil de 1,03 bilhão (Lance, 2024).

Com todo esse incontestável alcance, após eleger aqueles que poderão vir a se tornar celebridade, a TV acrescenta na força-esportiva de um jogador o principal ingrediente para aqueles que buscam ascender nessa profissão: uma falsa meritocracia. É esse elemento que faz com que o exército de reserva siga buscando o sonho de ganhar a vida chutando uma bola e é esse mesmo elemento que alimenta a precarização existente no futebol em sua totalidade, seja em nível local, estadual, nacional ou mundial. Essa é a temática analisada no tópico seguinte.

4.2 A PRECARIZAÇÃO NO MUNDO DA BOLA

O modo de produção capitalista, entre seus auge e crises, sempre se moldou com a finalidade de preservar sua essência, a de acumulação. O fordismo foi superado pelo toyotismo, que descentralizou a produção para pagar salários menores em diferentes lugares. Os capitalistas enxergaram em meados da década de 1970 e se aproveitam até hoje da grande mão-de-obra excedente existente. O trabalho foi flexibilizado, espalhado pelos quatro cantos do mundo. A lógica é pagar o menor preço, produzindo cada vez mais, e em maior quantidade, acumulando o máximo possível de capital. Na sociedade de agora, com a desindustrialização, o imaterial é o que está em alta. O objetivo de acumulação segue o mesmo, mas nunca antes se viu uma sociedade consumir tanto quanto a de agora produtos imateriais.

Esses elementos levam à precarização do trabalho, própria do modo de produção capitalista e ainda mais acentuado, primeiramente no período após a Época de Ouro do Capitalismo e, atualmente, nessa sociedade que convive mutuamente com o digital. Antunes (2020) retrata desta maneira:

Em sua lógica destrutiva, o capital não reconhece nenhuma barreira para a precarização do trabalho. A exploração sem limites da força de trabalho é em si expressão das contradições estruturais de dada forma de sociabilidade, que, ao mesmo tempo que não pode prescindir do trabalho vivo para sua reprodução, necessita explorá-lo ao extremo, impondo-lhe o sentido mais profundo de sua mercantilização: a abreviação de seu tempo de uso como resultado do aprofundamento, pelo adoecimento, de sua característica de mercadoria de alta descartabilidade (Antunes, 2020, p. 155).

Standing (2014) aponta de maneira mais radical que o neoliberalismo promove, ao aumentar a flexibilidade do mercado de trabalho, riscos e inseguranças para os trabalhadores e seus familiares. Isso acarreta na criação de um precariado global, com milhões de pessoas sem estabilidade alguma. O futebol, provavelmente, seja um dos cenários onde mais visível é a identificação desse grupo, o precariado.

Um levantamento da CBF publicado em 2016, apontou que apenas 4% dos 28.203 mil jogadores profissionais têm salário superior a 10 mil reais. Além disso, o estudo mostrou que 80% destes atletas não ganhavam sequer mil reais por mês (Pires, 2020). Num comparativo com outras profissões, o jogador de futebol em 2016, segundo o Ministério do Trabalho, tinha remuneração inferior a outras atividades bem menos badaladas, tais como: servente de obras, ascensorista, catador de material reciclável, chapeleiro de senhoras, garçom e tratador de porcos (Capelo, 2016).

Mesmo com todo esse cenário, os clubes usam e abusam de manobras no cotidiano do esporte, afinal, “a precariedade da maioria parece não importar às elites que distribuem a acumulação e a escassez” (Canclini, 2021, 155). A ideia de mais-valia absoluta, já que não se pode reduzir jornada de trabalho, segue como um mantra para o capitalista. No caso do futebol, os clubes se utilizam de mecanismos para pagar sempre o menor preço possível ao atleta. Uma das estratégias mais corriqueiras é a de assinar a carteira de trabalho de um jogador por um valor baixo, sendo o restante da quantia acertada com o atleta paga em direito

de imagem. Assim o clube foge de pagar encargos trabalhistas e previdenciários, porém esta artimanha leva à precarização do trabalho.

Outra estratégia própria do modo de produção do capitalismo é a economia do capital fictício, concentrado em monopólios e oligopólios. Segundo Carcanholo e Nakatami (2015, p. 34), pelos meados da década de 1970, “o capital industrial converte-se em capital especulativo e sua lógica fica totalmente subordinada à especulação e dominada pelo parasitismo”. Deste modo, o mercado investe em capital fictício, como juros, especulações e ações. Assim como a maior parte das movimentações financeiras do mundo, o futebol também faz uso em demasia da compra e venda de papéis.

No entanto, mesmo com toda esta precarização constatada, atendendo a lógica do neoliberalismo, o Estado socorre ao mercado e não ao trabalhador, que acaba ficando cada vez mais sem direitos à medida que alterações na legislação acontecem para que o fundo público possa salvar monopólios e oligopólios durante as crises do capitalismo. O Estado tem lado, ele protege os capitalistas em detrimento do trabalhador. Engels (1984) no século XIX, já enxergava este cenário:

O Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu em meio ao conflito delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, se converte em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida. Assim, o Estado antigo foi, sobretudo, o Estado dos senhores de escravos para manter escravos subjulgados; o Estado feudal foi o órgão de que se valeu a nobreza para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes; e o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado (Engels, 1984, p. 193).

As políticas sociais se voltam a atender a acumulação do capital, pois geram mais consumidores no mercado, mais impostos a serem pagos ao Estado e cada vez mais pessoas endividadas. No futebol, a partir da década de 1970, o Estado sustenta as condições de produção e reprodução do capital daqueles envolvidos, e boa parte disso é impulsionado pelas transmissões de TV.

Novamente cabe ressaltar que, no modo de produção capitalista atual, a economia e a cultura caminham juntas. A mercadoria é central na produção cultural. Matias (2020) traz o seguinte entendimento:

Registra-se que para tornar os produtos desse campo mais palatáveis e voláteis desenvolveu-se uma complexa “indústria cultural”, composta de um notável avanço tecnológico do cinema e da televisão aliados aos antigos meios de comunicação – jornais e revistas impressos e o rádio -, associados às várias possibilidades de entretenimento da internet. Eles disponibilizam uma infinidade de itens para a sociedade, muitos com a produção e o consumo sendo simultâneos (Matias, 2020, p. 99).

Mais uma vez, ao fazer uso da categoria de totalidade, é possível visualizar uma nova dimensão a partir do final do século XX, onde se nota que o comércio internacional e sua vasta produção cultural não só manteve as culturas locais, mas também as colocou em seu guarda-chuva, subordinando-as aos itens estrangeiros. No mercado do futebol, mais do que nunca se constata a busca incessante de jovens atletas que almejam desempenhar sua profissão longe de casa (Galeano, 2024).

Essa é a realidade do jogador de futebol, principalmente da América do Sul. Porém, cabe acrescentar que nos dias de hoje não só a Europa é vista como o sonho de todo menino que quer vencer na vida com a bola nos pés. Novos mercados se constituíram, e para estes novos territórios que adentram ao mundo do futebol, assim como para o Velho Continente, o que interessa é o que se vende. Adorno e Horkheimer (1985) apontam que, ao se produzir um bem cultural, no caso um jovem jogador de futebol, para o momento da troca se aniquila o valor de uso, pois o que importa é a venda desse atleta no mercado.

Cada jogador ao atingir um clube grande ou do estrangeiro persegue também uma carreira de “popstar”, pois ele passa a ser responsável por propagar marcas e produtos. Nesse contexto, as quantias pagas por essas campanhas publicitárias são astronômicas e nada condizem com o futebol à sombra, vivido pela grande maioria dos jogadores.

O desejo de ser um jogador de futebol persiste na sociedade de agora. Dias (2017) sobre o porquê de jogadores oriundos de famílias com baixa renda buscarem ascensão social no futebol:

Modelos publicitários de inegável reconhecimento mundial, assim como na religião são dignos de idolatria e admiração destinadas aos Deuses das arenas modernas. As enormes quantias pagas e amplamente veiculadas nos meios de comunicação fazem com que os indivíduos menos favorecidos pelo capital almejem essa ascensão social. Acham que esse caminho esportivo será acessível, visto que a maioria dos jogadores veio de uma origem sofrida e humilde, passando pelos obstáculos nos quais boa parte da população pobre passa todos os dias (Dias, 2017, p. 53).

Essa ascensão sob a tutela da meritocracia tão bem difundida pela mídia é o que faz meninos de todos os lugares insistirem na carreira de jogador de futebol. Durante esse percurso muitos obstáculos acontecem. Assim como em alguns a força-esportiva forjada leva ao mundo do futebol espetacularizado, em outros a não existência dela ou percalços como lesões e outros obstáculos fazem com que a carreira jamais tenha início. Damo (2005) atenta para a diferença entre carreira e trajetória, onde a carreira é tida como um projeto coletivo e não individual, assim sendo um projeto familiar. Já a trajetória é aquela realizada individualmente por todos os atletas, até mesmo por aqueles que sequer terão uma carreira.

Para um melhor entendimento desse percurso, este estudo analisou um dos casos mais emblemáticos do futebol brasileiro, o qual iniciamos a observar através do Quadro 1:

Quadro 1 – Comparativo das carreiras de jogadores do Santos

	Proprietário/a Meios de Produção	Forma de apropriação – Produto Social	Controle do trabalho	Posição Social
Proletariado	Não	Salário	Não	Dominado/a
Campesinato	Sim/Não	Produção mercantil simples	Sim/Não	Dominado/a
Pequena burguesia	Sim/Não	Salário- Produção mercantil simples	Sim/Não	Dominado- Dominante
Proprietário/a Fundário/a	Sim	Renda	Sim	Dominante
Burguesia	Sim	Lucro/Juros	Sim	Dominante

Fonte: Elaborado na disciplina Cultura Política e Movimentos Sociais da América Latina do PPG-PSDH, 2024.

Portanto, tendo o quadro acima como referência analítica e através da trajetória de três jogadores de futebol com origem, posição e consciência de classe similares, este estudo buscou apontar o (s) por quê (s) da mobilidade/ascensão ocorrer de forma distinta entre eles ou até mesmo de não ocorrer.

Os atletas analisados são contemporâneos em relação a suas idades e iniciaram na mesma categoria de base do mesmo clube. Atualmente, um deles é uma celebridade de nível internacional, o outro é um jogador famoso em território brasileiro e o terceiro deles já não tem mais espaço algum no mundo da bola. Vale o registro que este último era considerado o mais promissor dos três no início da carreira.

Figura 1 - Gabriel Barbosa (à esquerda), Jean Chera (ao centro) e Neymar (à direita).



Fonte: Diário do Peixe, 2023.

À época, os três meninos eram vistos como promessas do Santos Futebol Clube, instituição reconhecida mundialmente pelas conquistas dos mundiais de 1962 e 1963 e, principalmente, por ter sido responsável por revelar Pelé para o mundo. Considerado por muitos como o maior jogador de todos os tempos. No Santos, Pelé disputou 1.116 partidas e marcou 1.091 gols²².

Portanto, mesmo oriundos de subúrbios e periferias, já nas categorias iniciais, os atletas analisados Gabriel, Jean Chera e Neymar tiveram a oportunidade de treinar e jogar em

²² Informação extraída do site oficial do Santos Futebol Clube. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/pele/> Acesso: 04 set. 2024.

um clube que é referência no esporte já em suas infâncias. Nesse ponto é possível identificar que, naquele momento, os três estavam mais ao sol do que à sombra, já que a maioria dos meninos quando iniciam no mundo da bola jogam nas equipes dos seus bairros por muito tempo até despertarem interesse em algum clube mais bem organizado e conhecido no cenário do futebol.

Para um melhor entendimento desse comparativo, foram utilizados os números da carreira de cada um desses três atletas publicados no site Ogol²³. Abaixo, além das estatísticas produzidas dentro de campo também estão as conquistas financeiras desses jogadores.

Gabriel Barbosa jogou em quatro clubes, dois no Brasil (Santos e Flamengo) e dois na Europa (Inter de Milão e Benfica). No exterior foram apenas 15 jogos e dois gols marcados. Já em território nacional foram 498 jogos e 240 gols. Além disso conquistou títulos importantes vestindo a camisa do Flamengo, clube de maior torcida no país²⁴.

As estatísticas de Gabriel Barbosa apontam nitidamente que seu valor de uso (concreto) jogando no Brasil foi muito superior ao apresentado na Europa. Além disso, o seu valor de troca forjou uma força esportiva que serviu para que alcançasse o cenário europeu, mas não foi suficiente para que se mantivesse por lá. Já no Brasil, especialmente no Flamengo, foi e continua sendo lapidado, para que mesmo quando seu rendimento em campo não seja satisfatório, sua imagem fora dele (trabalho imaterial) dê conta de atender a demanda para que os torcedores sigam consumindo os produtos do clube, direta e indiretamente. Portanto, depende e muito de estar jogando para seguir em evidência. Salário atual no Flamengo: R\$ 1,5 milhão por mês. Gabriel Barbosa também é sócio de uma empresa que gerência a loja oficial que faz uso da marca do jogador.

Neymar, o mais conhecimento dentre os três, atualmente é uma celebridade mundial. Detentor de um dos mais altos salários do mundo, os números do jogador condizem com seu estrelato. No Brasil, Neymar fez 225 jogos, marcando 136 gols. Todos esses jogos e gols foram com a camisa do Santos. Já no exterior, o atleta defendeu três clubes (Barcelona, Paris SG e Al Hilal). Atuou em 364 partidas e fez 224 gols. Diferentemente dos outros dois jogadores, Neymar logrou sucesso também com a camisa da Seleção Brasileira, sendo o

²³ Dados consultados no portal OGOL. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/> Acesso em: 04 set. 2024.

²⁴ Em pesquisa realizada pela AtlasIntel, o Flamengo possui 20,1% entre os clubes que disputam as Séries A e B do Brasileirão. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2024/08/21/maiores-torcidas-do-brasil-pesquisa-mostra-flamengo-na-ponta-e-palmeiras-mais-perto-do-sao-paulo.ghtml> Acesso: 04 set. 2024.

jogador que mais gols marcou defendendo o selecionado brasileiro. Foram 79 gols anotados, superando nomes como Pelé, Ronaldo, Romário e Zico.

No caso de Neymar, sua força esportiva foi lapidada cuidadosamente. Seu valor concreto, ou seja, o que apresentava dentro de campo conduzindo e chutando uma bola, foi moldado com muito investimento para aumentar seu valor de troca, possibilitando assim a feitura de uma força-esportiva do mais alto grau para troca no mercado. Seus números atrelados com o capital variável investido pelo seu clube formador, o Santos, através de assessoria de comunicação, anúncios publicitários, fisiologistas e operações de ordem médicas, resultaram em um verdadeiro diamante para desbravar novos horizontes. Obviamente que, com isso, deixou um lucro exponencialmente maior do que aquilo que foi investido por seu clube de origem. Salário atual no Al Hilal: R\$ 45 milhões por mês.

Ademais, o pai do jogador possui duas empresas em seu nome. A Neymar Sports e a N&N Consultoria. Através delas, o atleta recebe num período de 10 anos o valor de R\$ 100 milhões pelo uso da sua imagem. Em troca, seu pai explora e lucra com a sua imagem durante esse período.

O terceiro caso, o de Jean Chera, é aquele que representa o futebol à sombra. Com o mesmo início dos outros dois jogadores, o currículo dele é bem diferente. Teve uma passagem relâmpago no inexpressivo Paniliakos da Grécia com 4 jogos e nenhum gol. No Brasil foram 14 jogos e apenas 2 gols marcados, ambos pela Portuguesa Santista. Além deste clube, atuou nacionalmente pelo Cuiabá, Sinop e São Bernardo. Havia encerrado a carreira em 2017, mas retomou as atividades em 2023, porém foi utilizado em apenas uma partida. Atualmente encontra-se sem clube e sem salário.

Jean Chera representa a maior fatia dos jogadores registrados no Ministério do Trabalho do Brasil. São aqueles atletas que não conseguem deslanchar no mundo da bola, não alcançam os holofotes dos meios de comunicação e, na maioria das vezes, optam pela dupla carreira (normalmente recorrem à uberização) ou pelo fim da carreira precocemente. Os motivos? Podem ser vários, poucos ou apenas um.

Chera teve a mesma origem, posição e consciência dos outros dois utilizados nesse estudo. Teve acesso aos mesmos treinamentos, competições e oportunidades dos demais. Teve sua força-esportiva lapidada para atender ao mercado, que visava principalmente as transferências para clubes europeus. Porém, nesse meio do caminho, através de uma pesquisa

documental, se chega num ponto crucial: o fetiche da mercadoria absorvido pela família do menino.

O trecho a seguir é de uma reportagem de Guilherme Lesnok do portal Diário do Peixe e traz um elemento importante à análise:

Considerado uma estrela, o pai do garoto, Celso Chera, acabou se desentendendo com a diretoria santista e saiu em litígio com o clube, quando ainda tinha 16 anos, sem nem jogar pela equipe principal. O pai pediu um aumento de salário pelos próximos três anos que viriam: R\$ 70 mil no primeiro ano, R\$ 90 mil no segundo, e R\$ 120 mil no terceiro. Havia também a exigência de luvas de R\$ 1 milhão. O Peixe recusou e liberou o jogador (Lesnok, 2023).

Interferências ocorrem e é muito comum a família mais atrapalhar do que ajudar no processo de formação de um atleta, principalmente quando está envolvida a questão financeira tão propagada com as altas cifras no futebol espetacularizado. Sendo assim, com esta análise é possível estabelecer o posicionamento de cada um dos três atletas conforme demonstrado no Quadro 2, utilizado para a análise. Cabe ressaltar que outros fatores não abordados e/ou desconhecidos podem fazer com que a posição de cada um deles na tabela sofra alteração. Por exemplo, além dos salários recebidos pelos atletas, nos casos de Neymar e Gabriel Barbosa, outras fontes de receitas são consideradas, como anúncios publicitários e percentuais em lucros com as vendas de produtos das equipes que defendem.

Quadro 2 – Onde fica(m) cada um dos atletas analisados

	Proprietário/a Meios de Produção	Forma de apropriação – Produto Social	Controle do trabalho	Posição Social
Proletariado	Não (Jean Chera)	Salário (Jean Chera)	Não (Jean Chera)	Dominado/a (Jean Chera)
Campesinato	Sim/Não	Produção mercantil simples	Sim/Não	Dominado/a
Pequena burguesia	Sim/Não (Gabriel Barbosa)	Salário- Produção mercantil simples (Gabriel Barbosa)	Sim/Não (Gabriel Barbosa)	Dominado- Dominante (Gabriel Barbosa)
Proprietário/a Fundário/a	Sim (Neymar)	Renda (Neymar)	Sim (Neymar)	Dominante (Neymar)
Burguesia	Sim (Neymar)	Lucro/Juros (Neymar)	Sim (Neymar)	Dominante (Neymar)

Fonte: Adaptado pelo autor, 2024.

A reflexão acima apresentada serve como ponto de partida para a análise apresentada no próximo capítulo deste trabalho: a pesquisa realizada junto ao Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul.

5. PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS

No final do mês de outubro de 2024, o programa Esporte Espetacular exibiu uma série denominada “No máximo o mínimo”²⁵, que acompanhou três clubes de futebol espalhados pelo Brasil onde os atletas têm por média o recebimento de um salário mínimo por mês como renda. A produção desse documentário colheu junto à CBF um levantamento que aponta que 35,63% da população brasileira recebe até um salário mínimo por mês, o que representa 34,7 milhões de brasileiros. Atualmente, a CBF tem 10.036 jogadores registrados, sendo que 45,3% deles não recebe mais do que R\$ 1.421,00²⁶. A estatística corresponde a 4.545 atletas.

Porém, o cenário abordado neste capítulo apresenta a realidade ainda mais precária do que esta trazida pelo documentário ‘No máximo o mínimo’, pois ela aborda e dá voz a atletas que estão sem vínculo empregatício com algum clube. São jogadores de futebol que buscam se inserir ou retornar ao mundo do futebol profissional. São trajetórias repletas de complexidades que, através de uma coleta de dados junto ao projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul, foram analisadas e possibilitaram constatações e contribuições a este estudo.

5.1 NOTAS SOBRE A PESQUISA

No ano de 1973 foi criada a Associação de Atletas Profissionais no Rio Grande do Sul. Na ocasião, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) acolheu a ideia e cedeu um espaço físico em sua sede para a entidade recém inaugurada. Mesmo com o reconhecimento e auxílio da FGF, a nova entidade enfrentou inúmeros obstáculos em seus primeiros anos de existência, já que os clubes e demais instituições não compreendiam com positividade a ideia de uma associação de jogadores. Em 1978, a carta sindical foi entregue ao Palácio Piratini, sendo homologada meses depois pelo governador Sinval Guazzelli²⁷.

²⁵ Documentário exibido pelo programa Esporte Espetacular da Rede Globo em três episódios, nos dias 29/09, 06/10 e 13/10 de 2024. A série narrou o dia-dia de três clubes – Dorense (Sergipe), Laranja Mecânica (Paraná) e Amazonas Legis (Amazonas) – além das histórias de vida de alguns dos atletas dessas equipes.

²⁶ Valor correspondente ao salário mínimo do ano de 2024.

²⁷ Governador do Estado do Rio Grande do Sul por duas ocasiões (1975-1979) e (1990-1991).

O grande responsável pela criação da Associação de Atletas Profissionais do Rio Grande do Sul foi o ex-jogador Cláudio Duarte. Em entrevista à revista do Siapergs ele comentou o momento enfrentado nos primeiros anos da entidade.

Na década de 70, tínhamos um grupo de atletas que de alguma forma preocupava-se com a condição da atividade. Naquela época nós não tínhamos a categoria atleta profissional de futebol reconhecida ou regulamentada. Os contratos de vínculos eram malucos e criavam dificuldades enormes. Tudo estava atrelado ao clube e, em muitas situações, os atletas tinham dificuldades nas renovações dos contratos em função de que poderiam ter sua carreira paralisada (Revista do Siapergs, 2021, p. 3).

O relato descrito acima retrata pontualmente o momento do futebol no país na época da criação da entidade. Durante a análise crítica realizada, a qual perpassou todos os capítulos deste estudo, ficou evidenciado a importância das categorias de historicidade e totalidade para a compreensão da análise traçada. Era um momento que um agrupamento de jogadores pensando e defendendo direitos de uma profissão que sequer estava regulamentada, atingia diretamente os interesses dos clubes, ressaltando, mais uma vez, a relação de dominação existente desde sempre no mundo do futebol, inserido através do modo de produção capitalista.

Uma das principais conquistas do Siapergs se deu em conjunto com os Sindicatos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Juntos, no ano de 2000, eles conseguiram a garantia que os atletas passassem a receber o direito de arena²⁸. Em 2011, o Siapergs, novamente com outros sindicatos, conseguiu judicialmente manter o pagamento de direito de arena aos jogadores, mecanismo que estava sendo excluído da legislação vigente.

Outra conquista importante do Siapergs ocorreu em 2016, quando representando toda a categoria, assinou um acordo com a CBF o qual estabelecia que os atletas tivessem um intervalo mínimo de 66 horas entre uma partida e outra, garantindo assim um repouso mínimo necessário para a recuperação das condições físicas dos jogadores.

Em 2020 foi eleita e empossada a atual direção do Siapergs. O ex-atleta Gabriel Schacht assumiu a presidência da entidade tendo como uma de suas principais bandeiras a expansão do projeto Atletas Livres, que tem por objetivo a recolocação de atletas

²⁸ O direito de arena é a prerrogativa que o atleta possui de impedir que terceiros, sem a sua autorização, divulguem sua imagem através de transmissões televisivas ou outros meios, durante a disputa de jogos e competições onde o acesso ao público não é gratuito.

profissionais no mercado de trabalho, através de treinamentos semanais e a realização de partidas amistosas contra equipes profissionais.

O projeto Atletas Livre teve início no ano de 2001, quando o técnico de futebol Milton Pedrozo da Silva, o Miltinho, identificou a necessidade de treinar os jogadores que estavam sem clube e procurou o São José Futebol Clube de Porto Alegre para a disputa de uma partida amistosa. O jogo aconteceu em abril daquele ano e contou com a presença de nomes renomados junto a maioria desconhecida que compuseram o time. João Antônio²⁹ (ex-jogador do Grêmio) e Dunga³⁰ (ex-jogador do Internacional) disputaram a partida pela equipe do Sindicato, o que despertou interesse da mídia local e proporcionou uma ampla divulgação do projeto.

Ao longo desses 23 anos, o projeto promoveu partidas amistosas com várias equipes da capital e do interior gaúcho. Essa rotatividade fez com que muitos atletas se tornassem conhecidos e chegassem à assinatura de seu primeiro contrato profissional, e também, que jogadores já profissionais, mas desempregados, pudessem se recolocar no circuito ao readquirir vínculo empregatício com algum clube.

Sob a atual gestão do presidente Gabriel Schacht, o projeto recebeu investimentos e passou a abarcar um número maior de participantes. Num primeiro momento o Projeto Atletas Livres era exclusivo para jogadores que já tivessem contrato de trabalho com clubes registrados na CBF. Na gestão de Schacht, meninos que buscam a carreira de jogador de futebol, mesmo sem nunca ter tido vínculo profissional com nenhum clube, passaram a participar dos treinamentos e jogos do projeto.

O presidente do Siapergs destaca que cada vez mais “o projeto está sendo o cartão de visitas de muitos colegas, que mesmo sem contrato com os clubes, mantém o nível de preparação em dia” (Revista do Siapergs, 2021, p. 8). Assim, o objetivo de disponibilizar uma vitrine aos atletas envolvidos no processo está obtendo êxito, pois para estar empregado é preciso ser visto jogando, e, atualmente no Rio Grande do Sul, o projeto Atletas Livres é uma

²⁹ Jogador com passagens por diversos clubes do futebol brasileiro, mas com destaque no Paraná e no Grêmio, onde marcou o primeiro gol da final da Copa do Brasil de 1997, contra o Flamengo no Maracanã, no empate em 2x2 que deu o título da competição ao Grêmio.

³⁰ Jogador revelado pelas categorias de base do Internacional. Jogou por diversos clubes no Brasil e no exterior, sendo conhecido mundialmente como o capitão que levantou a taça da Copa do Mundo de 1994, na conquista do tetracampeonato do Brasil.

referência para os jogadores sem contrato e aos clubes que estão sempre monitorando jovens para contratações.

É importante frisar que, os jogadores desse projeto interessam aos clubes, num primeiro momento, apenas como força de trabalho. A mercadoria força-esportiva, aquela forjada pelas agremiações para colocar seus produtos no mercado de troca, ocorre num outro estágio mais adiante, quando mensurada a possibilidade de lucrar com uma possível transferência. Em suma, esses jogadores do Projeto Atletas Livres interessam de imediato para completar elenco, suprir carências pontuais (normalmente ocasionadas por lesões) ou investir em algum “menino” muito novo com indícios de uma carreira promissora.

Com a evolução e os resultados satisfatórios do projeto ao longo do seu percurso, o Siapergs entendeu, em 2023, que aquele era o momento de expandir suas ações, as quais até então estavam concentradas em Porto Alegre e região Metropolitana. Então, a localidade escolhida pelo Sindicato para o pioneirismo do projeto no interior do Estado foi a Zona Sul, mais precisamente os municípios de Pelotas e Rio Grande. A escolha dessas cidades se deu em virtude delas, tradicionalmente, serem expoentes do futebol gaúcho. Afinal, em número de títulos do campeonato estadual, as equipes de Pelotas e Rio Grande lideram quando comparadas com clubes das outras regiões do estado, exceto a capital. A Zona Sul possui seis títulos³¹, a região da Campanha tem cinco e a Serra Gaúcha apenas dois. Além disso, cabe ressaltar o número expressivo de jogadores que saíram das categorias de base de clubes dessas duas cidades e fizeram carreira no futebol nacional e internacional.

Portanto, após a decisão tomada pela direção do Siapergs da expansão e implementação do projeto na Zona Sul do Estado, foi definida uma comissão técnica - composta por um treinador, um preparador físico e um treinador de goleiros - que seria responsável pelos treinamentos, agendamentos de jogos e seleção dos atletas interessados para atuar em dois polos, um em Pelotas e outro em Rio Grande. Sendo assim, a comissão técnica seria a mesma nos dois polos, porém com grupos de jogadores distintos.

No início do mês de agosto de 2023 iniciaram os treinamentos nos dois polos, sendo o polo de Pelotas – estudo de caso desta pesquisa – marcado por um lançamento oficial, que

³¹ Os seis títulos das equipes da Zona Sul do Estado se encontram assim distribuídos: Brasil de Pelotas (1919), Pelotas (1930), São Paulo de Rio Grande (1933), Farroupilha (1935), Rio Grande (1936) e Riograndense (1939).

também datou o primeiro treino físico, o qual foi realizado em uma academia e acompanhado pelos veículos de comunicação locais.

Figura 2 – Card de convite para a inauguração do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Revista do Siapergs, 2023.

Portanto, no dia 10/08/2023 foi dado início às atividades do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas. Ficaram definidas que suas atividades aconteceriam nas tardes das segundas-feiras e terças-feiras, das 15h30min às 17h 30min. Porém, no primeiro mês de funcionamento, sem ter um campo disponível para a prática da modalidade, os trabalhos foram intensificados na parte física, sendo realizados em academia.

Figura 3 – Primeiro treino do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

A primeira semana de treinos do projeto contou com a presença de apenas três atletas. Na segunda semana foram sete, terminando o mês inicial das atividades em Pelotas com onze jogadores. No mês seguinte, setembro, a direção do Siapergs ainda não havia concluído a negociação de aluguel de um campo para os treinamentos, o que só veio a ocorrer em outubro, sendo a primeira atividade no campo de jogo realizada no dia 10/10/2023, conforme a Figura 4.

Figura 4 – Primeiro treino do Projeto Atletas Livres no campo do SESI



Fonte: Autor, 2024.

A locação do campo situado no complexo do SESI³² em Pelotas, apesar da morosidade na negociação, foi fator preponderante para que mais atletas se somassem ao projeto. Conforme apresentado nas Figuras 3 e 4, mostradas anteriormente, de apenas três atletas na primeira atividade, o projeto avançou para o número de 17 jogadores no primeiro treinamento no gramado, demonstrando a importância de se contar com uma estrutura básica razoável para despertar o interesse de um contingente maior.

Conforme as semanas passavam, o projeto crescia em seu número de atletas participantes. Porém, tecnicamente para a comissão técnica e estruturalmente para os jogadores, se fazia necessário a disputa de jogos para que o trabalho fosse avaliado e, enfim, os atletas pudessem ser vistos com objetivo de despertar interesse em algum clube. Então, no dia 05/12/2023, no gramado do Campo do SESI, ocorreu o primeiro jogo amistoso do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.

Figura 5 – Primeiro amistoso do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

O adversário da partida amistosa foi a equipe local amadora Amigos da Bola e teve como vencedor a equipe do Siapergs – Polo Pelotas pelo placar de 6x1. O resultado e o

³² O complexo do SESI conta com um estrutura para diversas modalidades. A parceria entre o Siapergs e o SESI permite ao Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas a utilização do gramado do campo de futebol e os vestiários do ginásio poliesportivo.

desempenho dentro de campo foram considerados satisfatórios pela comissão técnica que deliberou pela realização de outros amistosos contra equipes profissionais nas semanas seguintes. Essas partidas necessitavam se encaixar no calendário de competições oficiais da FGF. Para melhor entendimento, as Figuras 6 e 7 apresentam os calendários de 2023 e de 2024, pois as atividades do projeto precisaram se adequar ao fim das competições de um ano e do início daquelas do ano seguinte.

Figura 6 – Calendário das competições oficiais da FGF em 2023



Fonte: Federação Gaúcha de Futebol, 2023.

Figura 7 – Calendário das competições oficiais da FGF em 2024



Fonte: Federação Gaúcha de Futebol, 2023.

Através das datas apresentadas nos dois calendários, é importante a visualização daquelas que compõem o período entre um ano e outro, pois, além de demarcar o fim e início das competições, caracterizam o período de contratações de jogadores para a disputa de competições oficiais. É onde o “exército de reserva” passa a ter a atenção dos mais diversos clubes. No caso do Rio Grande do Sul, aqueles de maiores investimentos necessitam de jogadores com o perfil do projeto para completar elenco e treinamentos. Já de médio e baixos investimentos, buscam moldar uma equipe para iniciar as competições, sendo que, caso os resultados das primeiras rodadas não sejam satisfatórios, uma nova imersão nesse exército de reserva é realizada em busca de novas forças de trabalho.

Cabe salientar novamente que, nesse estágio das contratações o que interessa é a força de trabalho do atleta e não a força-esportiva, até mesmo porque, para estar compondo o projeto Atletas Livres, esses jogadores ainda não tiveram força-esportiva forjada em suas trajetórias ou aqueles que a tiveram, não a possuem em condições de despertar interesse.

Portanto neste período, compreendido entre o final de 2023 e o começo de 2024, foi aquele onde o campo do SESI, nos dias dos treinamentos, recebia visitas constantes de dirigentes e agentes/empresários de Pelotas e região. As principais saídas de atletas que acertaram vínculo contratual com algum clube se deram nesse intervalo de tempo. No caso dos empresários, Damo (2005) atenta para o seguinte:

A péssima reputação entre os formadores e os mediadores especializados, em sua maioria portadores de diploma universitário, e egressos de camada média/média-baixa, deriva, em boa medida, da capacidade que os agentes/empresários desenvolveram de manipular os códigos tanto dos grupos populares, de onde boa parte deles é egressa, quanto dos boleiros, na medida em que muitos deles também o foram. Trocando em miúdos, a má reputação dos agentes/empresários pode ser atribuída, entre outros motivos, justamente à razão de seu sucesso: o domínio dos códigos de reciprocidade vigentes entre os grupos populares ou, para encurtar o argumento, a capacidade de manipular o dom, sobretudo aquele que é sinônimo de dádiva (Damo, 2005, p. 362).

Conforme mencionado nos capítulos anteriores, mas principalmente no que fez o comparativo das carreiras dos jogadores oriundos da base do Santos, Gabriel Barbosa, Jean Chera e Neymar, a figura do agente/empresário é constante e, por inúmeras vezes, tem sido atrelada a responsabilidade em fazer um atleta viver do futebol e ascender social e economicamente na vida.

Porém, tão logo encerrado esse período entre os calendários, com as competições já em andamento, os jogadores do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas que não conseguiram clubes para jogar campeonatos oficiais se dividiram em dois agrupamentos. O primeiro deles é composto por aqueles que seguirão insistindo na busca pela profissão jogador de futebol e o segundo contém os que abandonam de vez o projeto pelos mais diversos motivos, os quais foram explorados no tópico seguinte deste trabalho.

Antes, porém, uma última nota se fez necessária. O projeto Atletas Livres, assim como boa parte da população do Rio Grande do Sul, passou pela maior enchente³³ ocorrida nesse Estado desde 1942. As cidades de Pelotas e Rio Grande – polos do projeto no interior – foram severamente castigadas no mês de maio de 2024. Os treinamentos e demais atividades do projeto foram suspensas no intervalo entre 06/05 e 07/05, ou seja, por 5 semanas consecutivas.

Após o período de inatividade, o projeto retomou os treinamentos com a participação de 14 atletas. A comissão técnica tomou o cuidado de fazer, dentro de suas limitações, um acompanhamento com aqueles atletas que foram fortemente acometidos pela enchente. Por fim, as atividades voltaram ao normal, assim como as partidas amistosas contras clubes que disputavam o início da Divisão de Acesso e equipes que participariam de estaduais e categorias de base nos meses seguintes. A média de atletas participantes nesse período foi de 25 jogadores, a mesma que o projeto apresentava antes da suspensão das atividades durante as enchentes.

³³ As enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul entre as últimas semanas de abril e as primeiras de maio de 2024 atingiram 471 municípios, ocasionando mais de 170 mortes e expulsando 600 mil pessoas de suas casas. Entre as áreas mais atingidas se encontravam Pelotas e Rio Grande, devido a proximidade com a Lagoa dos Patos.

Figura 8 – Primeiro treino após as enchentes de maio de 2024 em Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

No tópico a seguir, este trabalho apresentou a análise dos dados coletados junto ao projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, estudo de caso da pesquisa desenvolvida. Nele, foram utilizadas abordagens quantitativas e qualitativas. Já quanto aos procedimentos, foi realizada a aplicação de uma entrevista semiestruturada com 11 (onze) jogadores que estiverem compondo o projeto por, no mínimo, mais de três meses. Cabe ressaltar que, a pesquisa acompanhou *in loco* o projeto desde sua inauguração e de suas primeiras atividades pelo período de um ano. Por isso, no que se refere à observação, é válido destacar que, segundo Lakatos e Marconi (2017), ela foi realizada de maneira assistemática, não-participante, em equipe e com trabalho de campo. Salientando, assim, a ressalva de Gil (2021), em que as pessoas podem ocultar seus comportamentos quando estão sendo observadas e por essa razão a observação enquanto técnica de pesquisa pode anotar modalidades diversas. Deste modo, todas as entrevistas e observações foram feitas com atletas pertencentes ao projeto no maior espaço de tempo possível de cada um deles.

5.2 RESULTADOS: O CONTEXTO ATUAL DO JOGADOR LOCAL

A pesquisa junto ao Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas foi realizada entre o período de 10/08/2023 e 12/08/2024. O número de atletas entrevistados foi de 11, sendo que a quantidade de jogadores observados compreendeu todos aqueles que participaram do projeto no período descrito, ou seja, chegando a aproximadamente de 60 atletas. O roteiro da entrevista aplicada nos participantes do projeto encontra-se no Apêndice I deste trabalho.

Os resultados atingidos pela pesquisa corroboram com a necessidade de uma análise crítica acerca da incidência da espetacularização na profissão de jogador de futebol ao constatar a manifestação da precariedade existente nas relações de trabalho dessa categoria. Além de conhecer o perfil dos participantes do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, este estudo apresentou, através de uma análise textual discursiva, interpretações dos próprios jogadores sobre o cenário atual do futebol local.

A fim de compreender e interpretar as informações colhidas durante a realização da pesquisa, mas ao mesmo tempo garantindo o anonimato da identidade dos entrevistados, os 11 participantes das entrevistas foram representados por letras do alfabeto, ficando assim denominados: Atleta A, Atleta B, Atleta C, Atleta D, Atleta E, Atleta F, Atleta G, Atleta H, Atleta I, Atleta J e Atleta K.

Quanto à faixa etária, quase a totalidade dos atletas pesquisados tem mais de 18 anos, os quais ficam distribuídos de maneira bastante similar até os 28 anos, conforme apresentado no Gráfico 1:

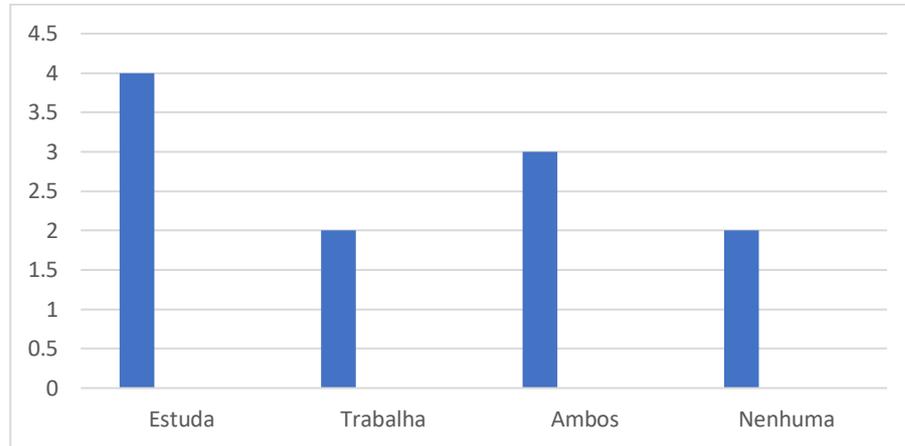
Gráfico 1 – Faixa etária Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

Em relação à atividade que desempenham, além de participar do projeto, os atletas foram questionados se estudam, trabalham, ambos ou nenhum dos dois. O resultado foi expressado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Perfil ocupacional do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

O autor Damo (2005, p. 342) afirma que a mercadorização dos atletas é “parte do processo de emergência e consolidação da própria profissão, sendo que, o duplo estatuto de pessoa e coisa tornou-se um dos elementos constitutivos da identidade social destes profissionais”. Como demonstrou o Gráfico 2, uma boa parcela dos jogadores do projeto estuda e trabalha. Isso remete à dupla carreira, que é:

[...] um fenômeno social que atravessa a vida dos atletas em formação para o alto rendimento esportivo ou para aqueles que já atingiram esse patamar de excelência. O fenômeno consiste na tentativa do atleta conciliar rotinas obrigatórias que constituem seu projeto de vida, seja nas instituições esportivas, educacionais ou laborais (Brasil, 2024).

O próprio governo brasileiro evidenciou a necessidade de políticas públicas para tratar desse assunto. Está na agenda do Ministério do Esporte a realização do I Fórum Internacional sobre Transição e Dupla Carreira³⁴, na cidade de Fortaleza, ainda no ano de 2024.

Um dos participantes do projeto ao ser entrevistado demonstrou a necessidade que um bom segmento de jogadores que buscam seu lugar no mundo do futebol enfrenta. Conciliar

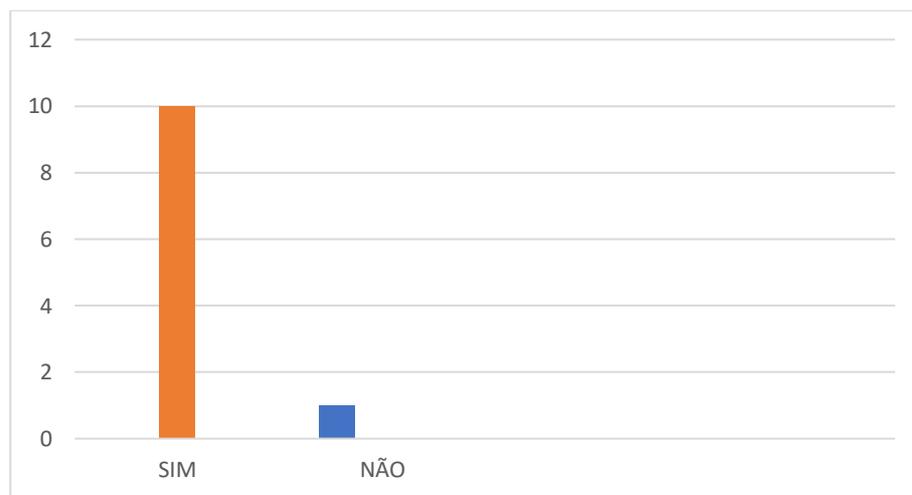
³⁴ O evento está agendado para ocorrer de 21 a 23 de novembro na capital cearense.

duas ou mais atividades para ganhar a vida com o futebol é uma realidade mundial, a qual é fortemente vista no território brasileiro.

Eu trabalho porque tenho um filho, né? Eu também tenho um gurizinho pequeno. Aí eu jogo futebol, mas eu preciso trabalhar à noite. Faço uns bicos numa pizzaria de vez em quando. Assim eu vou me mantendo, né? Não tem como só ficar treinando. Eu preciso ajudar com as coisas de casa (Atleta J, 2024)

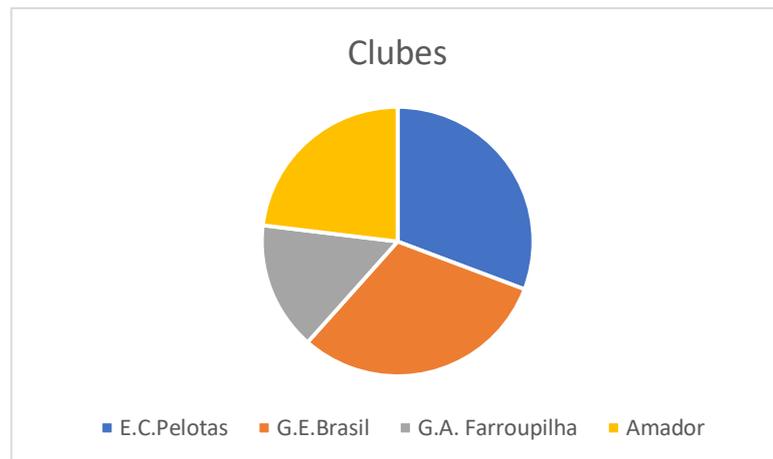
A dupla carreira no processo de formação é entendida pelos clubes e agentes/empresários como obstáculo e, até mesmo, como condicionante para investimentos e futura contratação. Já a passagem pelas categorias de base é um atributo que, além de encurtar caminhos, é vista como pré-requisito básico para aqueles que almejam ganhar a vida com o futebol. Quando questionados sobre a dedicação em ter praticado a modalidade junto a alguma categoria de base os resultados foram os seguintes, conforme apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Participação em categorias de base



Fonte: Autor, 2024.

Dentre os entrevistados, apenas o atleta menor de idade respondeu não ter passado por uma categoria de base. Os demais, não só tiveram passagens, como todos disseram ver como positiva a função que as categorias de base têm na formação de um atleta. Por isso, um outro questionamento foi feito com o intuito de mensurar o interesse desses atletas na preferência por categorias de base de clubes profissionais locais, sendo apresentada a disposição dessas escolhas no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Escolha por categorias de base de clubes profissionais

Fonte: Autor, 2024.

Nota-se que o Gráfico 4 mostra uma simetria entre os clubes da cidade de Pelotas, mas também com equipes do futebol amador. Cabe, ainda, o registro de que metade dos dez atletas que participaram de alguma categoria de base passaram por ao menos duas distintas equipes. No caso dos pesquisados, essas passagens foram pelo Esporte Clube Pelotas e Grêmio Esportivo Brasil.

É nesse estágio da trajetória de um atleta que, costumeiramente, ocorre a primeira frustração. Após um breve período de treinamentos nas categorias de base de um clube profissional ou amador, desde que com certa tradição na formação de jogadores, os membros de comissões técnicas, em especial os treinadores, acabam direcionando para a desistência de boa parte desses atletas. Segundo Toledo (2002), “uma estatística relevante [...] é que em relação ao ingresso no mercado do futebol a estimativa dos jovens que desejam adentrar no mercado da bola e que conseguem se tornar jogadores de futebol não chega a 1%”.

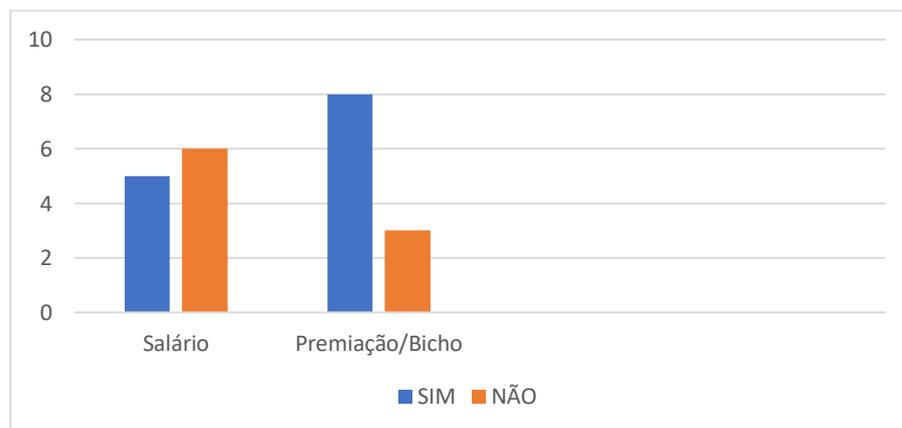
Soares *et al.* (2011) salienta que, mesmo com essa dura realidade da maioria dos jogadores não sendo aproveitados, a formação de atletas no Brasil serve como uma indústria que atende aos interesses do mercado – interno e externo – e que tem como matéria-prima jovens na faixa etária de 12 a 16 anos. Sendo assim, as categorias de base são o primeiro e único degrau antes da profissionalização ou do desemprego no cenário do futebol atual. No caso do estudo de caso com o projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, todos os participantes maiores de 18 anos frequentaram alguma categoria de base e isso não foi suficiente para garantir um vínculo empregatício.

Esse primeiro degrau, correspondente à participação em categorias de base, também apresenta aos atletas a questão do esporte atrelado ao dinheiro, a uma remuneração. As categorias de base também têm a primazia de preparar para o mercado, atendendo, logicamente, ao modo de produção capitalista da sociedade contemporânea.

No contexto do futebol, à medida que a preparação para o mercado de trabalho nas categorias de base vai se aproximando da profissionalização, a exigência de esforço e empenho vai se intensificando. As cobranças por melhorar o desempenho e a performance esportiva, de certa forma, acabam por exercer uma pressão e um tipo de controle sobre os jovens. Esses elementos estão ligados à reformulação adotada pelo capitalismo, a chamada racionalidade neoliberal, que está associada a construção de um modo de ser e de agir em que os valores presentes na lógica de mercado vão sendo internalizado dia a dia nos sujeitos, inclusive em sua forma de pensar (César; Scherer, 2023, p. 10).

Porém, o futebol para os atletas que estão fora do mercado, ou seja, sem vínculo contratual com algum clube, também apresenta a faceta do dinheiro por fora, da “grana fácil”, aquela advinda de meios desburocratizados. Na pesquisa junto ao projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, esse tipo de pagamento é mais presente do que a remuneração formal, contratual. O Gráfico 5 trouxe um comparativo entre elas.

Gráfico 5 – Remunerações dos atletas do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas



Fonte: Autor, 2024.

O comparativo apresentado no Gráfico 5 demonstra o quão mais fácil é alcançar a remuneração no mundo da bola sem vínculos contratuais e empregatícios. Existem regiões, em todos os estados brasileiros, onde o futebol amador ou colonial também desperta interesse

nos jogadores desempregados. Afinal, nessa situação, os pagamentos costumam ser realizados antes mesmo das partidas iniciarem e caso o desempenho dentro de campo seja acima do esperado é possível uma quantia extra em forma de premiação.

Por vezes, há insegurança quanto ao não recebimento do pagamento no ambiente profissional, já que no futebol brasileiro não receber o salário em dia tornou-se algo natural. Por isso torneios amadores e coloniais não escapam do radar dos atletas. Ademais, com todas as inseguranças e falta de garantias, muitos jogadores confiam em promessas de agentes/empresários que nem sempre se cumprem, aumentando, assim, a frustração sofrida no início de uma trajetória. Acerca disso, um dos entrevistados relatou que:

Quando eu saí daqui ele falou que ia assinar o nosso contrato lá, né? Só que aí eles mentiram pra mim. Falaram e mentiram. Aí não ajudaram nós com nada, nem ajuda de custo. Eu já tinha meu filho tinha um ano já e eu precisava manter ele aqui também, né? Como ia me manter lá também? (Atleta G).

O mesmo atleta ainda complementou que, quando esse tipo de situação acontece, para ressarcir os gastos com os quais teve que arcar, a maneira mais rápida é recorrer ao futebol amador. “Quando é assim eu retorno e vou pra Colônia. Jogo uns “campeonatinhos” e consigo levantar uma grana” (Atleta G).

Dentro dessa realidade fica evidenciada a concepção de que o atleta, mesmo sem remuneração alguma, precisa investir em si. É o momento de arriscar para garantir esse primeiro passo, o primeiro contrato. Nesse percurso, via categorias de base, nem todos têm o apoio familiar. Por mais que em caso de êxito, muitos dos seus parentes venham a ser beneficiados, esse é um espaço de tempo em que o atleta sabe que pode contar muito pouco com terceiros.

Eu já pedi dinheiro pra comprar chuteira. Depois tive que vender essa chuteira pra ajudar em casa. É difícil, mas uma hora dá certo. A gente sabe que ninguém vai nos ajudar se a gente não jogar bem. O treinador gosta e escala os melhores. Ele tem que ganhar jogo, não vai ajudar esse ou aquele (Atleta C).

Esse último relato demonstra dois quesitos importantes nessa busca pela carreira de jogador de futebol. O primeiro deles, um pouco romantizado, ao apontar que o treinador irá escalar os melhores. Nem sempre é assim. Em diversas situações jogam aqueles que

agentes/empresários precisam empregar no mercado com mais celeridade ou, até mesmo, aqueles que tem alguma negociação já em andamento e necessitam apenas de uma vitrine.

Ainda quanto às remunerações dos atletas entrevistados, entre os cinco que responderam que já receberam salário, o maior valor mencionado foi de R\$ 1.800,00 reais e, mesmo assim, por um período que compreendeu apenas três meses. Ademais, esse atleta disse ter recebido o valor do último mês somente 90 dias após o final da competição. Já o menor pagamento foi o de R\$ 350,00 reais, sendo que, por lei, nenhum jogador com contrato junto à clube profissional pode receber menos que o piso estipulado pelo Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado. O jogador, disse então, que esse valor era o que o clube repassava a ele, pois o empresário era quem realizava o pagamento.

Essa é uma prática muito usual, porém, que vai à contramão do que rege as leis trabalhistas no Brasil. O que acontece é que a figura do agente/empresário possui um contingente de jogadores que ele precisa manter no mercado, em circulação, afinal são mercadorias. Com isso, ele é quem paga ao clube um valor que é dividido em dois, onde uma parte fica com o clube para pagar as inscrições e taxas para vinculação do atleta e a outra, no caso descrito acima, para o próprio jogador. Em boa parte dos casos, essa segunda parte sequer existe. O atleta joga sem receber nada, mas, como forma de agradecimento ao agente/empresário por estar em uma vitrine, assina os recibos como se houvesse recebido, no mínimo, o piso da categoria jogador de futebol.

Já em relação às premiações e bichos, onde o cenário apresentou que a maioria dos entrevistados já recebeu esse tipo de pagamento, a maior quantia foi de R\$ 1.000,00 reais para a disputa de 6 jogos num período de dois meses e a menor foi de R\$ 80,00 reais para jogar um campeonato durante um final de semana.

“Antes mesmo de chegar no futebol profissional, os jovens podem se deparar e vivenciar situações de violação de direitos, que incluem o afastamento da convivência familiar e comunitária e a dificuldade de conciliação com os estudos” (César; Scherer, 2023, p. 14). Assim, é o momento que o atleta tem a confirmação que ele é o único que pode mudar o seu futuro e, mesmo sem grandes ajudas de terceiros, ajudar a família é um desejo de consenso dentre os atletas que buscam a profissionalização.

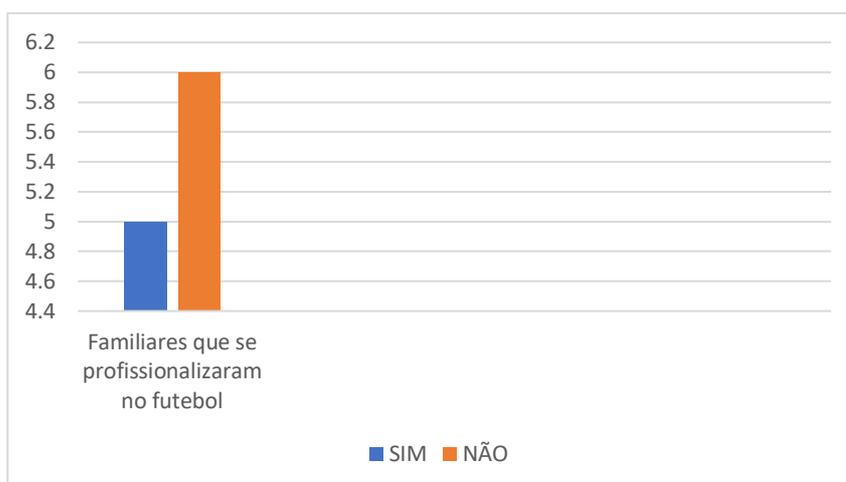
A questão familiar, para um jogador de futebol, perpassa a trajetória e carreira, daqueles que a atingem, da origem à aposentadoria. Os motivos são os mais diversos, porém

mesmo com o futebol tendo sofrido inúmeras transformações, inclusive a espetacularização, um deles continua intrínseco ao seio familiar. As mudanças na modalidade não diminuiram a busca pela profissão.

Percebe-se uma relação direta entre o mundo do trabalho e o esporte (futebol), visto que, com o passar do tempo, as alterações ocorridas em ambas às categorias foram no sentido de programar novos conceitos como, por exemplo, a flexibilização e a polivalência nesses contextos e no próprio perfil de trabalhador preconizado pelo mercado de trabalho ao longo da história. Portanto, nota-se que essas importantes mudanças que aconteceram tanto no futebol (esporte) quanto no mundo do trabalho, foram desenhadas/trabalhadas visando à perpetuação e reprodução das atuais/antigas relações (in) justas do trabalho capitalista (Gomes; Souza, 2022, p. 12).

A sociedade e as mais diversas relações existentes nela sofrem transformações, porém na esfera esportiva, principalmente no futebol, todas essas mudanças não alteram a cultura que transpassa gerações, encantadas com a modalidade ou não, de persistir na carreira de jogador de futebol. Em muitos casos, é costumeiro a utilização de que isso é um dom que passa de pai para filho.

No Gráfico 6, foi analisada a questão da influência nos atletas pesquisados em relação a algum membro da família já ter alcançado a profissionalização através da prática do futebol. Através dos relatos é possível identificar peculiaridades distintas em cada caso, no entanto, todos apontaram para que, quanto maior a força-esportiva, maior foram os valores atingidos.

Gráfico 6 – Atletas com familiares que atingiram a profissionalização com o futebol

Fonte: Autor, 2024.

Nota-se que o fato do histórico familiar em relação a presença ou existência de algum parente que tenha alcançado a profissionalização não é, nem um pouco, encarado como um delimitador para a busca dos atletas entrevistados quanto ao tema. Porém, se levados em conta, os números apresentados nas respostas que consideram as disputas de competições do futebol amador/colonial, as estatísticas apontam para outro resultado. Quando consideradas essas competições, apenas um dos onze atletas entrevistados, não mencionou um único parente que já tenha disputado essas competições.

Entre as respostas dos entrevistados, uma chamou atenção, pois através da análise desse discurso, fica mais uma vez evidenciado que nessa fase à sombra no mundo do futebol – de um atleta desempregado - não se pode contar com grandes ajudas externas. Ao responder o questionamento se tem ou teve algum parente que chegou à profissionalização, um dos jogadores pesquisados disse que “sim, eu tenho na família um primo de terceiro grau que jogou futebol. Ele é bem conhecido até. É o Emerson³⁵, aquele que foi capitão da Seleção Brasileira, sabe? Sou primo dele” (Atleta H).

O relato acima demonstra, mais uma vez, o quão solitário se encontra um atleta nesse período de busca pela profissionalização. No caso específico do Atleta H, ele mencionou o

³⁵ Emerson Ferreira da Rosa é natural de Pelotas e jogou futebol profissional entre os anos de 1994 e 2009. Teve destaque nacionalmente atuando pelo Grêmio e no exterior defendendo Bayer Leverkusen, Roma, Juventus, Real Madrid e Milan. Pela Seleção Brasileira disputou 75 partidas, marcando 6 gols. Foi titular do Brasil na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha.

parentesco com uma pessoa que alcançou não só a profissionalização, mas o mundo espetacularizado do futebol. Afinal, o ex-atleta Emerson foi proprietário de um centro de formadores de futebol, o Fragata Futebol Clube³⁶, e mesmo com o parentesco mencionado na resposta do entrevistado, não foi possível uma oportunidade mais arrojada, que permitisse o olhar de possíveis investidores, sejam clubes ou agentes/empresários.

Já o Atleta B e o Atleta C, mencionaram que seus familiares atuaram profissionalmente por equipes locais. Um deles pelo Grêmio Atlético Farroupilha e o outro pelo Esporte Clube Pelotas. Em ambos os casos, foram atletas que atuaram na década de 1990, competindo em estaduais e torneios citadinos, porém sem grandes protagonismos, o que remete à inexistência de interesses de terceiros e acarreta no desenvolvimento de uma curta carreira. Nos dois casos mencionados, nenhum desses dois jogadores da década de 90 atuou por mais de 5 anos em seus clubes.

Deve-se destacar que a década de 1990, não só no Brasil, mas principalmente na Europa, foi o período de maior transformação do futebol, já que foi nessa época que os direitos de televisão e os patrocínios das multinacionais passaram a cifras até então nunca vistas. Para uma melhor compreensão, em 1995 quatro emissoras³⁷ disputavam os direitos de tv do Campeonato Brasileiro. Na época, segundo Simon (2020), a Rede Globo e a Band pagaram R\$ 11,28 milhões de reais para poder transmitir a competição. Para transmitir o Campeonato Brasileiro de 2023, a Rede Globo pagou R\$ 2,13 bilhões, distribuídos em seus veículos de TV aberta, TV fechada e Pay-per-view (Lance, 2024). Assim, em um comparativo, o Campeonato Brasileiro de 2023, foi vendido por um valor 187 vezes maior do que aquele pago em 1995.

As emissoras de TV já existiam e estavam consolidadas como o principal meio de comunicação nas transmissões dos jogos, porém os altos investimentos que vieram nos anos e décadas seguintes por parte dos patrocinadores dos clubes e anunciantes publicitários nas TVs fizeram e fazem com que o futebol seja um negócio cada vez mais caro.

³⁶ Fragata Futebol Clube foi fundado em 2011 com sede na cidade de Pelotas. Participou de inúmeras competições da Federação Gaúcha de Futebol nas mais diversas faixas etárias das categorias de base. Em 2018 deixou de competir tais competições e encerrou suas atividades.

³⁷ As emissoras de TV envolvidas no processo de disputa pelos direitos televisivos do Campeonato Brasileiro foram a Rede Globo, o SBT, a Bandeirantes e a Record. Ao final, a Rede Globo e Band compraram os direitos para transmitir a competição.

Canclini (2010) ressalta que, na sociedade contemporânea, o existir enquanto cidadão está atrelado ao consumo. É preciso consumir algo para pertencer a algo. E, no caso dos pesquisados do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, o consumo deles está fortemente relacionado com o acompanhamento do que a TV apresenta desse futebol espetacularizado, mais especificamente os jogos.

Quando perguntados sobre o que assistem acerca de futebol na televisão, tendo como alternativas jogos, programas de notícias, ambos ou nenhum. As respostas ficaram dispostas como mostra o Gráfico 7:

Gráfico 7 – O que consomem acerca de futebol na televisão



Fonte: Autor, 2024.

Apenas um entre todos os entrevistados não acompanha nada sobre futebol na TV e o motivo, segundo o Atleta I, é “porque só tem uma TV lá em casa e o pessoal prefere ver novela. Coisa de mulher, né?”. A resposta, cheia de significados, quando analisada somente no cunho do consumo esportivo, demonstra que o não acompanhamento de jogos ou programas esportivos não se dá por falta de interesse, mas sim pelo fato do número de pessoas ser maior do que o número de aparelhos de TV na residência.

Para estar encaixado no ecossistema do mundo da bola, o atleta precisa se sentir parte daquilo, não interessa, no momento do consumo, a existência ou não de um vínculo empregatício. Basta o atleta se entender como parte daquilo.

Assim a indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo. Não somente suas categorias e conteúdos são provenientes da esfera liberal, tanto do naturalismo domesticado quanto da opereta e da revista: as modernas companhias culturais são o lugar econômico onde ainda sobrevive, juntamente com os correspondentes tipos de

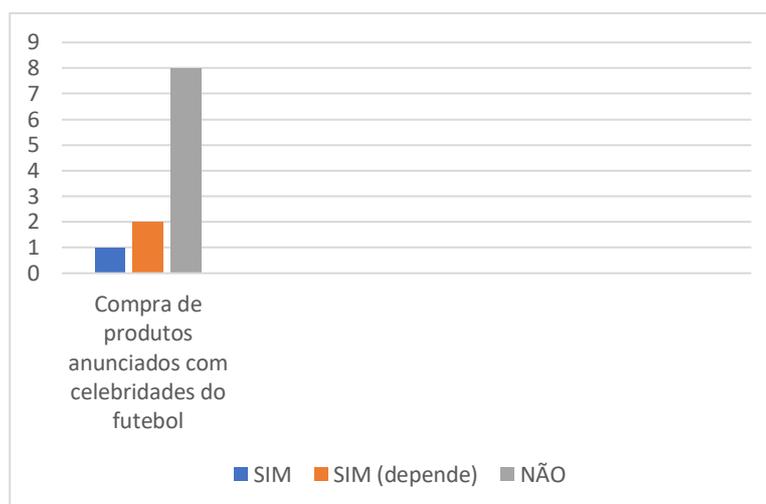
empresários, uma parte da esfera de circulação já em processo de desagregação. Aí ainda é possível fazer fortuna, desde que não se seja demasiado inflexível e se mostre que é uma pessoa com quem se pode conversar. Quem resiste só pode sobreviver integrando-se (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 108).

Essa integração no contexto em sua totalidade é evidenciada nas respostas colhidas junto aos atletas pesquisados. Com exceção do jogador mencionado anteriormente que não tinha a possibilidade de assistir futebol na TV, em razão do número de pessoas em relação ao de aparelhos de TV, os demais, além de unânimes quanto a esse consumo, enxergam como um pré-requisito estar minimamente informado sobre o que acontece no mundo da bola. Duas respostas que corroboram com a importância desse engajamento no entendimento dos próprios atletas foram: “Eu assisto muito futebol na TV, assisto tudo. Eu tô sempre por dentro do que acontece no mundo do futebol porque eu sei que vou viver disso um dia” (Atleta H); juntamente com “Eu assisto bastante os jogos daqui e de fora. Gosto de ver a diferença de um lugar pro outro. Se um dia eu for pra qualquer país eu sei mais ou menos se é um lugar bom pra driblar ou pra passar a bola. Essa diferença tem nos estados daqui também” (Atleta J).

O consumo imaterial das coisas do futebol é de fácil alcance. Como mencionado ao perpasso dos capítulos deste estudo, a partir de década de 1970, a FIFA juntamente com empresas multinacionais, transformou o futebol em um grande balcão de negócios altamente lucrativo para poucos, mas que expande sistematicamente um exército de reserva para a perpetuação desse sistema na modalidade. Contudo, o consumo material desse universo futebolístico está alijado, ao menos, para os jogadores do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.

Ao serem questionados se compram ou comprariam produtos anunciados na TV e internet em publicidades onde aparecem grandes celebridades do futebol, as respostas foram na contramão de um consumo como aquele de acompanhar jogos pela TV.

Gráfico 8 – Consumo de produtos materiais dos atletas do projeto



Fonte: Autor, 2024.

Analisando esses resultados fica evidenciado que o perfil dos atletas do projeto não é o público alvo dessa indústria multimilionária. A maioria dos jogadores sequer titubeou para responder com um ‘não’ ao questionamento. Diferentemente do consumo imaterial (jogos e programas na TV), a realidade econômica desses atletas, além de não permitir a aquisição para esse tipo de consumo, faz com que inexista o interesse para tal, tamanho o hiato existente entre as realidades deles para com o público alvo daqueles anúncios.

Por muito tempo o objetivo da publicidade foi realçar os méritos objetivos e psicológicos dos produtos. Rejeitando esse primado do objeto, afirmou-se uma nova publicidade que visa distrair, surpreender, seduzir, fazer sonhar, comover, criar uma mitologia: a publicidade se pretende inovadora à maneira da arte, descolada como a moda, divertida como uma festa, onírica como cinema. Apartada do registro de valorização do produto, a publicidade tende assim a se tornar um espetáculo e um divertimento em si (Lipovetsky; Serroy, 2013, p. 179).

E desse espetáculo, os atletas do projeto estão alijados, apartados por completo. Dos poucos que responderam que compram ou comprariam produtos publicizados através do uso da imagem de celebridades da modalidade, 66% deles fizeram questão de frisar que depende mais do produto do que da celebridade que está aparecendo no vídeo. Para o Atleta C “o que interessa é se o produto é bom. Tem muito jogador famoso fazendo propaganda de muita porcaria”. Na mesma linha o Atleta G disse que “depende mesmo é o produto, nem a marca

importa. No meio do futebol a boleiragem se fala e a gente sabe o que é bom e o que não presta”.

Fica, destarte, evidenciado que aos atletas do projeto, o que realmente importa nessa etapa é estar jogando, estar empregado. Afinal, “para quem pertence as camadas mais baixas da pirâmide social, ser jogador de futebol é a única possibilidade de ascensão social e conquista de bens materiais para esses meninos” (Souza *et al.*, 2005, p. 106).

Outra interessante constatação da pesquisa é de que a busca pela profissionalização no caso daqueles que nunca assinaram um contrato com algum clube, em nada se difere de um novo vínculo para aqueles que estão momentaneamente desempregados. Realmente, o que importa é estar jogando.

Aos entrevistados foi realizada uma pergunta sobre jogar futebol em países sem tradição nesse esporte. Foi salientado durante esse questionamento que não se tratava somente de ir jogar no exterior, mas sim, em países raramente lembrados no cenário futebolístico, como exemplo os países do Caribe, do Oriente Médio e da Ásia. Ratificando o anseio e desejo frenético por ganhar a vida chutando uma bola de futebol, as respostas para essa pergunta foram de 100%, expressando, assim, que não importa os obstáculos do percurso, a profissionalização ou o fato de estar empregado é a garantia de que todo esforço valeu e vale a pena.

Em uma das respostas já mencionada anteriormente nesta pesquisa – do Atleta G - apareceu um situação corriqueira no mundo do futebol, mas, que mesmo sendo comum não desmotivou o jogador em ter respondido que jogaria em qualquer lugar, mesmo que com mínima visibilidade. A passagem relatada ocorreu na cidade de Brasília em 2023, onde o atleta viajou para o destino combinado, sem garantia alguma, apenas com promessas e a esperança que dessa vez tudo daria certo.

A fuga do desemprego explicitada na situação acima, além de ser uma realidade junto às trajetórias de vida dos jogadores do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas, leva a naturalização de que, mesmo quando estão empregados, os jogadores precisam render bem dentro de campo e contar com a sorte de que clubes e agentes/empresários cumpram com aquilo que foi combinado.

Durante o período entre 10/08/2023 e 12/08/2024, intervalo de tempo em que foi realizada esta pesquisa, 65 jogadores tiveram passagens pelo projeto. Destes, 60 conseguiram

se colocar em alguma equipe profissional, sendo que alguns deles, mesmo treinando, não chegaram a assinar contrato com os clubes. Os destinos foram os estados do Pará, Mato Grosso, Rondônia, Alagoas, Santa Catarina, Uruguai e categorias de base dos clubes de Pelotas. As competições disputadas foram estaduais, Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro Série D, Divisão de Acesso do Rio Grande do Sul, estadual sub-17 e sub-20. Cabe, ainda, ressaltar que 95% dos atletas moram em Pelotas ou em cidades vizinhas, como Santa Vitória do Palmar e Capão do Leão. Todos esses atletas voltam ao projeto quando estão sem contrato ou de férias.

Contudo, esses dados demonstram o quanto à circulação sem garantias contratuais e trabalhistas persistem em habitar no futebol. A participação no projeto Atletas Livres torna-se uma constante em meio a tantas inseguranças, mesmo assim, os jogadores não abandonam a ideia de ascender social e financeiramente jogando futebol.

Por sua vez, o projeto Atletas Livres – Polo Pelotas cumpre com seu principal objetivo, que é o de dar visibilidade para atletas assinarem seu primeiro contrato profissional e recolocar jogadores desempregados no mercado da bola. Foi constatado o êxito nessas duas frentes, porém a precarização existente faz com que esses vínculos não se mantenham, fazendo assim com que esses atletas – visto como exército de reserva – não atinjam seu objetivo, mas persistam buscando a profissão tão bem difundida por um esporte espetacularizado.

Todos os atletas que participaram da entrevista disseram que ficarão no projeto Atletas Livres – Polo Pelotas até aparecer uma oportunidade. De certo modo, como mostram os números, as oportunidades aparecem, porém estão distantes de serem condizentes com o que verdadeiramente almejam esses jogadores. Em uma das respostas identificasse a credibilidade do projeto na trajetória de vida desses meninos.

Pra mim, como falou ali o professor Rudi – técnico do projeto – eu, tipo, tô um pouco precisando que me vejam jogar. O projeto é sério. Já saiu um monte cara daqui pra jogar fora. Infelizmente a maioria acaba voltando, mas, assim, a oportunidade aparece pra quem tá aqui. Eu fico sempre ligado, no momento que eles me mostrarem que é uma oportunidade boa, que essa porta que se abriu vale a pena, eu entro nessa porta (Atleta F).

Por fim, o último questionamento da entrevista aplicada foi também respondido de forma unânime. Ao serem perguntados qual o motivo que os levam a buscar pela profissão

jogador de futebol, todos os atletas responderam que se trata de um sonho de criança. Aqui, pode-se traçar diversas análises, dos mais distintos caminhos e saberes, porém, com tudo aquilo que foi apresentado e analisado neste estudo, ao passo que mudanças tenham ocorrido ao longo da trajetória do futebol, o jogador sem muitas vezes sequer saber, corre atrás, na verdade, de se tornar uma mercadoria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica desenvolvida nesta dissertação busca contribuir com os estudos acerca do futebol na esfera acadêmica. Como mencionado anteriormente, o número de produções inseridas na área das Ciências Sociais Aplicadas vem crescendo ao longo dos últimos anos, porém ainda está muito aquém se comparada com as áreas das Ciências da Saúde e das Ciências Biológicas. O futebol, quando visto como sob a perspectiva das relações sociais, apresenta inúmeras lacunas para novos aprofundamentos.

Neste trabalho o objeto em análise foi o jogador de futebol enquanto uma mercadoria. Através do materialismo histórico dialético, o estudo perpassou em todas as suas etapas por categorias fundamentais para a compreensão estabelecida: a historicidade e a totalidade. Além disso, os capítulos desta pesquisa buscaram estabelecer relações entre mediações e contradições que acompanham o mundo da bola dentro do modo de produção capitalista, afinal, o futebol com regras, nasceu em meio a uma sociedade onde o capitalismo já estava consolidado e, com o passar dos anos, foi sendo moldado para sempre perpetuar a lei máxima desse modo de produção: a acumulação.

Essa acumulação no futebol ocorre através da mercantilização da força de trabalho do jogador de futebol e da espetacularização da modalidade. Com esses elementos se cria um exército de reserva vitalício em meio a uma acentuada precarização nas relações de trabalho com os personagens envolvidos, em especial os atletas que buscam ganhar a vida através do futebol profissional. Portanto, compreender a mercantilização dessa força de trabalho é ponto crucial para a análise aqui realizada.

Por isso, para que não se tome por definição de mercadoria o próprio jogador de futebol, foi utilizada a denominação força-esportiva (Brohm, 1982). Afinal, não se pode distinguir os atletas como meras mercadorias. Caso assim fosse a diferenciação, teríamos jogadores que prestam e que não prestam, de alta qualidade e estragados. Já se utilizando da força-esportiva como a mercadoria que tem finalidade de troca, é possível estabelecer o entendimento de que nela, a força-esportiva, outros atributos são inseridos para que ela receba o máximo de valor possível para uma troca ainda mais lucrativa no mercado.

Matias (2020, p. 306) destaca que, “o lugar que determinado atleta ocupa no mercado é o resultado da sua força-esportiva, trabalhada e adquirida ao longo de sua carreira, desde as

categorias de base”. Essa concepção vai na contramão de um esporte que, originalmente, possuía um cunho recreativo e cultural. Porém, ao mesmo tempo, segue o fluxo intenso onde a espetacularização da modalidade assume um valor predominante frente a dimensão futebolística em si.

Principalmente após meados da década de 1970, o futebol, com toda a espetacularização promovida pelos meios de comunicação, em especial a televisão, e sob a chancela da FIFA, fez com que a vida cotidiana dos atletas fosse mercantilizada, a aparência tem prioridade perante a substância. A carreira dos jogadores, ou melhor, sua força-esportiva é forjada não mais considerando apenas suas habilidades dentro de campo com a bola nos pés, mas sim, criando uma imagem que possa ser vendida e que seja atraente ao mercado global. O futebol espetacularizado remete a uma intensificação da exploração desses atletas, os quais ficam estereotipados como ativos financeiros e mercadorias.

A espetacularização do futebol através da televisão faz com que o esporte não seja apenas consumido como entretenimento, mas também como um produto fetichizado, além de suas condições do processo de produção, ou seja, das relações de trabalho precárias que nele existem. Conforme apresentado neste estudo, mais da metade dos jogadores de futebol registrados no Ministério do Trabalho vivem com apenas um salário mínimo e, num contingente de 360 mil atletas, 25% não têm o esporte como principal fonte de renda.

Assim, é possível enxergar que, ao mesmo tempo que uma pequena fatia desses atletas alcançam os grandes salários, a fatia maior vivencia a precarização das relações de trabalho no mundo da bola. Ademais, cabe, mais uma vez, o registro de que a maior parte das competições, os estaduais, possuem curta duração, ou seja, o tempo com algum vínculo empregatício para a maioria está longe do que eles gostariam.

A dupla carreira para os jogadores de futebol já é uma realidade. Motivada pela precarização das relações de trabalho, a dupla carreira consiste em fazer com que muitos desses atletas, representados por aqueles que vivem com menos de um salário mínimo, busquem combinar o futebol com outras ocupações devido aos salários insuficientes, uma realidade bem diferente daquela propagada pelos meios de comunicação - principalmente pela TV - com o futebol espetacularizado, num mundo de glamour.

Bourdieu (2004) e Harvey (2010) contribuem com a discussão ao estabelecerem um ponto convergente do atleta no futebol espetacularizado. Eles apontam para um campo social

onde o capital econômico e o cultural são acumulados e disputados. Esse capital conquista novas áreas e novos mercados. A acumulação por espoliação explica o porquê do futebol ter sido incorporado pelo modo de produção e circulação capitalista global. Assim, imerso a esse contexto, está o jogador de futebol, cada vez mais distante de suas próprias condições materiais.

A espetacularização do futebol faz com que os jogadores fiquem alienados de suas próprias experiências no esporte. Eles compõem uma engrenagem, onde são peças importantes para o aumento de lucro e de audiência. É um sistema onde todos ganham, menos a grande maioria dos jogadores. Os clubes se servem dos patrocínios e da venda dos direitos de TV, as emissoras de televisão lucram com a venda de cotas de anúncios e os anunciantes, por sua vez, lucram ainda mais com a audiência que promove a venda massiva dos seus produtos publicizados.

Esse circuito, próprio de um futebol espetacularizado, altera não só a forma de se consumir o futebol, mas também de como os jogadores são concebidos pela audiência. O foco midiático, costumeiramente, desvia a atenção das questões mais graves enfrentadas pelos jogadores, como lesões, obstáculos de ordem psicológica e as brutais desigualdades existentes na modalidade.

O futebol acompanhou a desmaterialização da economia, onde o que interessa não está no físico, no material. O que interessa atualmente é o imaterial, serviços e produtos intangíveis. A desmaterialização reproduz a mudança de como o valor é criado e entendido, com ênfase nos aspectos simbólicos de imagem ao invés do valor material real (Kurz, 2017). Por mais que as evidências sejam contrárias, o que importa no mundo da bola é o superficial, é a aparência. Por isso, ao forjar a força-esportiva no atleta, que é o que realmente interessa na venda, são realizados inúmeros investimentos das mais diversas ordens. Como mostraram as tabelas 8 e 9 deste trabalho, nem sempre o que mais vale é o que melhor joga. Atualmente, no futebol de espetáculo, um jogador que vende mais um determinado produto passou a valer mais do que aquele que resolve uma partida, seja com um gol ou uma grande defesa.

Porém, antes de vislumbrar alcançar esse futebol espetacularizado e seus altos salários, é necessário pisar num primeiro degrau: a categoria de base. Nesse momento, o atleta passa a viver um projeto bilateral, pois ao mesmo tempo que está sozinho tentando vencer na vida através das jogadas que seu corpo executa, ele também carrega um sonho de toda uma

família. Lograr um contrato no futebol profissional pode ser a porta de entrada para uma mudança, não só da vida desse atletas, mas, sim, de toda a sua família. Por isso é um projeto, em parte, coletivo.

Para compreender como a espetacularização da profissão jogador de futebol incide sobre o fenômeno do mercado de trabalho dos atletas de forma subjetiva e objetiva foi realizado um estudo de caso junto ao Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Siapergs. Durante o período de um ano foi realizada uma observação assistemática, não participante, em equipe e com trabalho de campo com os jogadores que pelo projeto passaram. Ademais, no último mês de acompanhamento foi aplicada uma entrevista semiestruturada em 11 atletas. Esse número foi definido em conjunto com os coordenadores do projeto, os quais entenderam que esse agrupamento representava jogadores que estavam participando de, no mínimo, três meses dos treinamentos.

Durante esse convívio, da inauguração à última entrevista aplicada, 65 atletas haviam participado do projeto. Nas mais diversas trajetórias, muitas peculiaridades e vários pontos em comum. O principal é a notória alienação desses jogadores que se autocompreendem como uma força de trabalho separada dos resultados do seu trabalho e da essência humana. A passagem prévia por categorias de base antes de chegarem ao projeto faz com que esse atletas carreguem consigo um pensamento internalizado bastante nocivo, mas que serve ao modo capitalista e a futebol de espetáculo. Esse pensamento, de forma coletiva, gera a ideia de que o jogador é um meio para alcançar o sucesso financeiro e a ascensão social, quando na realidade ele deixa de se entender como um fim em si mesmo.

Afinal, cabe ressaltar, que esses jovens fazem parte de um exército de reserva, no qual existe uma vasta força de trabalho excedente capaz de promover uma substituição permanente no sistema. Essa dinâmica de alta rotatividade faz com que a exploração seja intensificada, já que a maioria dos jogadores não consegue se profissionalizar, não alcançando salários e garantias contratuais que os jogadores empregados atingem.

Essa meritocracia apresentada pela indústria da bola, de um futebol espetacularizado, foi identificada como aquilo que os atletas do projeto Atletas Livres – Polo Pelotas perseguem. A ilusão da mobilidade social em ascender economicamente, brutalmente propagada pela indústria do futebol espetacularizado, esconde as reais condições que vivenciam os jogadores, recheadas de incertezas, condições precárias e exploração. Para que o

futebol resgate sua essência emancipatória é necessário desromantizar as condições de trabalho que nele existem. Ao contrário do desserviço promovido pelos meios de comunicação, em especial a TV, os números apresentados neste estudo dão conta de que nem 1% daqueles que participam de uma categoria de base chegam à profissionalização. Aos que chegam, mais da metade ganha menos do que um salário mínimo e fica, em média, empregado por apenas quatro meses.

Diante disso, os elementos apresentados permitem que o problema de pesquisa deste estudo possa ser respondido através da compreensão de que a produção econômica e as relações do modo de produção existente forjam superestruturas culturais. Isso ocorre com o futebol analisado, que está inserido num cenário espetacularizado. Essa espetacularização incide nas relações de trabalho do futebol precarizando-as, ao passo que simultaneamente aponta a profissão de jogador de futebol como um dos poucos caminhos viáveis para a ascensão social dos jovens, especialmente aqueles oriundos das periferias e regiões empobrecidas. Todavia, essa jornada é caracterizada por inúmeros obstáculos estruturais e desiguais.

O campo de jogo que expressa diversas facetas materiais e imateriais é responsável também por expressar a lógica capitalista no campo esportivo. Os atletas do Projeto Atletas Livres - Polo Pelotas não se diferem dos tantos outros do futebol brasileiro que enfrentam um cenário de oportunidades escassas e limitadas a poucos destinos. Caem nas mãos de clubes e empresários que os querem como uma mercadoria passível de atender um espetáculo lucrativo. É visível que esses clubes e empresários se utilizam da exploração de mão de obra juvenil, ou melhor dizendo, pés de obra juvenis. Assim, essa exploração é resultado de um sistema que subordina a formação e a educação desses jovens atletas ao imperativo do capital, do lucro.

A precarização no mundo da bola constatada neste estudo pôde ser evidenciada através da trajetória de vida dos jogadores do projeto Atletas Livres - Polo Pelotas. Os integrantes do projeto relataram que, ao se alçarem ao futebol e dele tentarem fazer uma profissão, de imediato – nas categorias de base – lidam com condições precarizadas, nas quais as mais apontadas durante a entrevista realizada com eles foram: insegurança nos contratos; necessidade de treinamentos intensos, pois se faz necessário para compor esse circuito; pressão acima do comum para apresentar resultados dentro de campo desde a adolescência.

Desta maneira, fica exposta que a dedicação ao futebol por parte desses atletas ocorre em detrimento da educação formal, limitando assim as oportunidades caso suas carreiras como jogador profissional não se concretizem. Estariam, então, estereotipados como mercadorias descartáveis para o mercado, já que não alcançaram o nível minimamente exigido requerido pela demanda desenfreada do futebol atual. Pode-se, assim, apontar que os obstáculos e dificuldades enfrentados durante a jornada desses atletas não são nem incidentais e nem individuais, mas sim consequências das condições estruturais e dos interesses econômicos daqueles que se servem do mercado do futebol como parte do modo de produção capitalista.

Esse contexto do futebol espetacularizado e precarizado traz à discussão uma contradição: os jovens são incentivados a buscar um ideal de sucesso amplamente propagado pelos meios de comunicação, em especial a TV, mas a estrutura que o suporta é marcada pela lógica da exploração e pela insegurança trabalhista. Assim sendo, boa parte desses jovens acabam vestindo uma só camisa, a do time do exército de reserva no mundo esportivo, sendo explorados em nome do futebol espetacularizado, o qual, ao mesmo tempo, dificulta sua estabilidade e desenvolvimento profissional e pessoal.

Como contribuição este estudo, através de uma análise crítica, aponta que para enfrentar essa espetacularização e precarização existente no futebol contemporâneo é necessário questionar o modelo econômico que submete o esporte a lógica da exploração e do lucro. Esse enfrentamento só será possível com o surgimento de regulamentações trabalhistas mais severas que visem combater a informalidade e a falta de proteção social enfrentada pelos atletas desde as categorias de base. Seria um primeiro e importante passo para mitigar os resultados de toda a precarização nas relações de trabalho contidas no futebol.

Além disso, urge a ampliação do debate sobre os efeitos da espetacularização na saúde física e mental dos atletas. O super rendimento promovido pela mídia e seus anunciantes, contribui para o desgaste físico e mental dos atletas ainda jovens. As soluções para este problema perpassam os calendários com jogos e treinamentos em demasia. Diretrizes no sentido de valorizar o bem-estar dos atletas ao invés da lucratividade do espetáculo carecem de estudos para concretizarem soluções.

Por isso, é necessário repensar o futebol do hoje, o futebol de agora. É necessário dar condições justas ao atletas desde as categorias de base, promovendo um desenvolvimento por

completo enquanto ser humano e garantindo oportunidades caso não se profissionalizem. O bem-estar e o ser humano precisam estar acima do lucro. Uma reorganização priorizando o atleta urge como necessária. As realidades apresentadas neste estudo reproduzem discursos de atletas que buscam ganhar a vida com seus pés, jogando futebol. Ademais, esses discursos forjam realidades e as que encontramos nada se parecem com as da televisão, desse futebol espetacularizado. Fica aqui uma contribuição para que os desportistas em geral – jogadores, dirigentes, espectadores, torcedores, meios de comunicação, patrocinadores – reflitam e salvem o futebol. Em um mundo cada vez mais digitalizado, onde o imaterial se sobrepõe ao material, o esporte mais popular do mundo pode estar com os dias contados.

REFERÊNCIAS

- ABERT. **IBGE: Rádio e TV marcam presença nos lares brasileiros.** ABERT, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://www.abert.org.br/site/imprensa/noticias/ibge-radio-e-tv-marcam-presenca-nos-lares-brasileiros#:~:text=As%20informa%C3%A7%C3%B5es%20revelam%20que%20o,%2C5%20milh%C3%B5es%2C%20em%202022> Acesso em: 06 mar. 2024.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANTUNES, R. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** 2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.
- BAZANINI, R.; SANTOS, R.; RIBEIRO, H.; BAZANINI, H. **Empreendedorismo na sociedade do espetáculo: gestão do futebol no universo globalizado.** In: *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 135-160, jan./jun. 2014.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEHRING, E. **Brasil em Contra-Reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BETTI, M. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** *Motrivivência*, v. 17, p. 107-111, Florianópolis, 2002.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 8.672 de 06 de julho de 1993.** Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Brasília – DF, 1993. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=8672&ano=1993&ato=ca7k3ZU5ENFpWT75c> Acesso em: 20 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998.** Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília – DF, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm Acesso em: 20 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Brasília – DF, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10671-15-maio-2003-496694-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASIL. **Ministério do Esporte reúne especialistas e gestores para discutir transição e dupla carreira esportiva.** Ministério do Esporte. 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/ministerio-do-esporte-reune-especialistas-e-gestores-para-discutir-transicao-e-dupla-carreira-esportiva> Acesso em: 6 ago. 2024.

BROHM, J-M. **Sociología Política del Deporte.** México: Fondo e Cultura Económica, 1982.

BRUSCHI, V. **Mais Marx: material de apoio à leitura d`O capital, Livro I.** São Paulo: Boitempo, 2016.

CALDAS, W. **O pontapé inicial – memórias do futebol brasileiro.** São Paulo: Ibrasa, 1990.

CANCLINI, N. **Cidadãos substituídos por algoritmos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

CAPELO, R. **Que riqueza? Quatro em cada cinco jogadores de futebol no Brasil ganham até R\$ 1.000.** Época. 22 fev. 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/02/que-riqueza-quatro-em-cada-cinco-jogadores-de-futebol-no-brasil-ganham-ate-r-1000.html#:~:text=O%20servente%2C%20segundo%20o%20Minist%C3%A9rio,e%20o%20tratador%20de%20porcos>. Acesso em: 04 mar. 2024.

CARCANHOLO, R. Uma interpretação anti-ricardiana da teoria do valor de Adam Smith. **Revista Economia-Ensaios**, v. 13, n. 1, p. 153-180, Uberlândia, 1998. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/000140749ee93affb7aef> Acesso em: 04 mar. 2024.

CARCANHOLO, R.; NAKATANI, P. **O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização.** In: GOLMES, H. *Especulação e lucros fictícios: formas parasitárias da acumulação contemporânea.* São Paulo: Outras expressões, 2015. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/1947> Acesso em: 20 mar. 2024.

CASANOVA, P. G. **Colonialismo interno (uma redefinição).** In: **A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas.** Boron, A. A.; Amadeo, J. y Gonzalez, S. 2007. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715084802/cap19.pdf> Acesso em: 12 de jun. 2024

CEOLIN, G. F. Crise do capital, precarização do trabalho e impactos no serviço social. **Serv. Coc. Soc.**, n. 118, p. 239-264, São Paulo, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/yJQLmgRRmJ8XpYNmzYsP6kf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 06 de abr. 2024

CÉSAR, M.; SCHERER, G. Trajetórias juvenis em um campo de contradições: precarização do trabalho e violações no direito do futebol masculino profissional. **Textos e Contextos**, v. 12, n. 1, p. 1-16, Porto Alegre, Jan-dez, 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/44003> Acesso em: 13 ago. 2024.

CHADE, J. **Política, propina e futebol – como o padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CNN BRASIL. **Vinicius Jr. deixa “pódio” do ranking de jogadores mais valiosos do mundo**, 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_/id/14257395/vinicius-jr-deixa-podio-ranking-jogadores-mais-valiosos-mundo Acesso em: 18 abr. 2024.

CNN BRASIL. **Tipos de esporte: saiba quais são as categorias existentes e exemplos**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/tipos-de-esporte/> Acesso em: 16 abr. 2024.

DAMATTA, R. **Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**. In: **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, A. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5343> Acesso em: 12 jun. 2024.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. ebooksbrasil.com, 2003. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html> Acesso em: 10 jun. de 2024.

DIÁRIO DE PEIXE. **Ex promessa de “raio” do Santos e parceiro de Neymar volta ao futebol após seis anos**. Blog Diário de Peixe, 2023. Disponível em: <https://www.diariodopeixe.com.br/noticias/ex-promessa-de-raio-do-santos-e-parceiro-de-neymar-volta-ao-futebol-apos-seis-anos/> Acesso em: 25 out. 2024.

DIAS, E. **Da formação humana à espetacularização do esporte**. Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/22576/1/2016_EldernandosSantosDias.pdf Acesso em: 20 jul. 2024.

DORFMAN, A.; MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald – comunicação de massa e colonialismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

EDIÇÃO DO BRASIL: **Mais da metade dos jogadores de futebol vivem com um salário mínimo**. 09 jul. 2021. Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2021/07/09/mais-da-metade-dos-jogadores-de-futebol-brasil-vivem-com-um-salario-minimo/> Acesso em: 24 mar. 2024.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Civilização Brasileira, 9. Ed: Rio de Janeiro, 1984.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. **Divulgação FGF, 2023**. Disponível em: <https://www.fgf.com.br/calendario/> Acesso em: 6 mar. 2024.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes. vol. 1. O legado da raça branca**. São Paulo: Dominus Editora. 1965.

FIFA. **Relatórios e Documentos**. FIFA, 2024. Disponível em: <https://inside.fifa.com/about-fifa/official-documents> Acesso em: 20 mar. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. **FIFA atribuiu a Maradona o gol do século**. Folha de S. Paulo. 31 mai. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3105200227.htm> Acesso em: 25 jul. 2024.

FONSECA, G.; CONSOLI, P. **De sete mil jogadores, apenas um vira profissional: o estreito funil das categorias de base do futebol brasileiro**. Esquinas. Revista Digital Laboratório da Faculdade Cásper Líbero. 31 jan. 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/esportes/de-sete-mil-jogadores-apenas-um-vira-profissional-o-estreito-funil-das-categorias-de-base-do-futebol-brasileiro/> Acesso em: 06 jun. 2024.

GALEANO, E. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2024.

GAZETA PRESS. **Cristiano Ronaldo na Juventus: clube já faturou mais de R\$ 240 milhões em vendas de camisa, diz site**. Gazeta Press, 13 jul. 2018. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/4538311/cristiano-ronaldo-na-juventus-clube-ja-faturou-mais-de-r-240-milhoes-em-vendas-de-camisas-diz-site Acesso em: 06 mar. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO ESPORTE. **Operação contra manipulação de jogos chega à terceira fase e cumpre dez mandados de busca e apreensão em quatro estados**. Globo Esporte, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/go/futebol/times/goias/noticia/2023/11/28/operacao-contra-manipulacao-de-resultados-chega-a-terceira-fase-e-cumpre-dez-mandados-de-busca-e-apreensao-em-quatro-estados.ghtml> Acesso em: 04 mar. 2024.

GOAL. **Neymar, Coutinho e as 100 contratações + caras da história do futebol**, 2024. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/moiores-reforos-transferencias-neymar-cr7-bale-mbappe-griezmann/1t56pqr0k5jl31duvix28ge5fm> Acesso em: 18 abr. 2024.

GOMES, G.; SOUZA, M. Futebol e o mundo do trabalho: uma relação dialeticamente estabelecida. **Record**, v. 15, n. 1, p. 1-16, Rio de Janeiro, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/52791> Acesso em: 10 ago. 2024

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 19. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HOBSBAWN, E. J. E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **De 2010 a 2020, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões**. Agência IBGE. Notícias, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs%20chegou,foi%20de%200%2C52%25> Acesso em: 20 jan. 2024.

KOCH, R. **Bauman e a transformação dos jogadores de futebol em mercadorias**. 15 jul 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/bauman-e-a-transformacao-dos-jogadores-de-futebol-em-mercadorias/> Acesso em: 08 ago. 2024.

KURZ, R. **A crise do valor de troca**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LESNOK, G. **Ex-promessa de raio do Santos e parceiro de Neymar volta ao futebol após seis anos**. Diário do Peixe. 24 mai. 2023. Disponível em: <https://www.diariodopeixe.com.br/noticias/ex-promessa-de-raio-do-santos-e-parceiro-de-neymar-volta-ao-futebol-apos-seis-anos/> Acesso em: 5 ago. 2024.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo – viver na era do capitalismo artista**. Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, H. **De personal a motorista: fim dos estaduais expõe vácuo e faz atletas buscarem outras profissões**. Globoesporte.com 08 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/2024/04/08/de-personal-a-motorista-fim-dos-estaduais-expoe-vacuo-e-faz-atletas-buscarem-outras-profissoes.ghtml> Acesso em: 06 jun. 2024.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K. **O capital, Livro III, Tomo I**. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

MATIAS, W. **Futebol de Espetáculo**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistémica. Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidade. **Ediciones del Signo, Colección Razón Política**. Buenos Aires, Argentina, 2010. Disponível em: https://monoskop.org/images/9/9b/Mignolo_Walter_Desobediencia_epistemica_retorica_de_la_modernidad_logica_de_la_colonialidad_y_gramatica_de_la_descolonialidad_2010.pdf Acesso em: 20 ago. 2024

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona, Gedisa Editorial. 2005.

MONTAGNER, P; RODRIGUES, E. **Esporte-Espetáculo e Sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar**. Conexões – Revista da Faculdade de Educação Física – Unicamp. Campinas, v. 1, n. 1, 2003.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NEVES, J. **Uma economia do olhar: notas para uma história do futebol na era da televisão**. In: LOPES, F.; PEREIRA, S. (org.) A TV do futebol. Porto: Campo das Letras, 2006.

LANCE. **O que vai gerar mais dinheiro para a Globo em 2024: Futebol ou BBB? Compare os valores**. Blog Lance! 08 jan. 2024. Disponível em: <https://www.lance.com.br/lancebiz/mercado-do-esporte/o-que-vai-gerar-mais-dinheiro-para-a-globo-em-2024-futebol-ou-bbb-compare-os-valores.html> Acesso em: 03 mar. 2024.

OURIQUES, N. O gol contra do rei: a lei Pelé e suas consequências. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 11, n. 12, p. 37-64, Florianópolis, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14412> Acesso em: 10 jun. 2024.

PACIEVITCH, T. Federação Internacional de Futebol – FIFA. **Infoescola**. 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/esportes/federacao-internacional-de-futebol-fifa/> Acesso em: 25 ago. 2024.

PIO, J. **Em meio à regulamentação, patrocínios das bets no futebol já passam de R\$ 630 milhões.** Revista Exame. 1 out. 2024. Disponível em: <https://exame.com/marketing/em-meio-a-regulamentacao-patrocínios-das-bets-no-futebol-ja-passam-de-r-630-milhoes/> Acesso em: 3 out. 2024.

PIRES, B. **Desempregados da bola tentam driblar a crise de uma quarentena sem futebol.** El País, São Paulo, 31 mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-05-31/desempregados-da-bola-tentam-driblar-a-crise-de-uma-quarentena-sem-futebol.html> Acesso em: 04 mar. 2024.

PIZARRO, J. A Globalização e o Futebol: O processo da acentuação de desigualdade. (Syn)Thesis, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 39-59, 2021.

PODER SPORTS MKT. **Maiores patrocínios do futebol brasileiro, 2024.** Disponível em: <https://www.instagram.com/sportsmktbr/p/C-FeQw4O4JL/> Acesso em: 16 mai. 2024.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e esporte-empresa.** Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/170399> Acesso em: 20 mar. 2024.

PRONI, M. W. **Ética e futebol no Brasil: Argumentos para reflexão.** In: Esporte e Sociedade, ano 2, n. 5, mar/jun. 2007. Disponível em: <https://www.futebolesociedade.com.br/downloads/27e48f1a29aea926311c.pdf> Acesso em: 04 fev. 2024.

QUIJANO, A. **Colonialidad y modernidade-racionalidad.** In: Bonillo, H. (comp.) **Los conquistados.** Bogotá: Tercer Mundo Ediciones, Clacso, 1992.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** IN: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires, Clacso, 2005.

REVISTA DO SIPERGS. **Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul.** Mar. 2021 Disponível em: [RIBEIRO JÚNIOR, A.; CIPOLONI, L.; AZENHA, L. C.; DMASTMET. **O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo.** São Paulo: Planeta, 2014. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/605756/> Acesso em: 12 jun. 2024.](https://www.siapergs.com.br/revista-do-siapergs/#flipbook-df_2093/1/Acesso em: 6 jun. 2024.</p></div><div data-bbox=)

RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. **Esporte-espetáculo, televisão e pedagogia do esporte: o que crianças compreendem e as relações com um programa esportivo de televisão.** Buenos Aires, n. 10, ano 85, jun. 2003. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd85/tv.htm> Acesso em: 20 mar. 2024.

SCHINNER, C. F. **Manual dos locutores esportivos – como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. 1. Ed. São Paulo: Editora Panda, 2004.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, n. 22, p. 30-37, 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26956> Acesso em: 12 mar. 2024.

SILVA, D. N. **Futebol**. Mundo Educação. 07. jul. 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao-fisica/futebol-2.htm#:~:text=O%20futebol%20moderno%20surgiu%20na,coletivo%20mais%20popular%20do%20mundo> Acesso em: 23 fev. 2024.

SIMÕES, A. **“O maior raio-x do torcedor”: 79% dos brasileiros tem time; jovens são mais fanáticos**. CNN Brasil, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/o-maior-raio-x-do-torcedor-79-dos-brasileiros-tem-time-jovens-sao-mais-fanaticos/?hidemenu=true#:~:text=%E2%80%9CO%20Maior%20Raio%20DX%20do%20Torcedor%E2%80%9D%3A%2079%25,time%3B%20jovens%20s%C3%A3o%20mais%20fan%C3%A1ticos&text=Quatro%20em%20cada%20cinco%20brasileiros,perfil%20desse%20amante%20da%20boa> Acesso em: 29 jan. 2024.

SIMON, A. **Brasileirão: 1ª grande guerra por direitos de tv envolveu quatro emissoras há 25 anos**. Blog do Allan Simon. 3 fev. 2020. Disponível em: <https://allansimon.com.br/2020/02/03/brasileirao-1a-grande-guerra-por-direitos-de-tv-envolveu-quatro-emissoras-ha-25-anos/> Acesso em: 5 ago. 2024.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S. de; COSTA, F. R. da; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921 out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/g9HYjjT6gDFp9HgF9cmfYxy/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUZA, A. M. **Esporte e Espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111444> Acesso em: 25 abr. 2024.

SOUZA, F. A. P.. de. O fim do passe e seu impacto sobre o desequilíbrio competitivo entre as equipes de futebol. **Revista de Administração**, v. 40, n. 3, p. 280-288, São Paulo, jul./ago./set. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2234/223417392006.pdf> Acesso em: 18 ago. 2024

SPORTRADAR. **Brasil segue como líder mundial de jogos suspeitos de manipulação, mas número cai**. Globo Esporte. Sportradar, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/03/04/brasil-segue-como-lider-mundial-de-jogos-suspeitos-de-manipulacao-mas-numero-cai.ghtml> Acesso em: 16 mai. 2024

STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

THORPE, C. *et al.* **O livro da sociologia**. 2. Ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

UOL. **Chute no traseiro foi a mais famosa; confira frases de Valcke**. Portal Uol. 17 set. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/09/17/chute-no-traseiro-foi-a-mais-famosa-confira-frases-de-valcke.htm> Acesso em: 23 jul. 2024.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA APLICAÇÃO NOS JOGADORES DO PROJETO ATLETAS LIVRES – POLO PELOTAS

- 1. Quantos anos você tem?**
- 2. O que você faz? Estuda, trabalha, ambos ou nenhum dos dois?**
- 3. Já passou por categoria de base em algum clube? Onde e como foi a experiência?**
- 4. Já recebeu alguma remuneração mensal (salário) com o futebol?**
- 5. Se SIM, de quanto foi?**
- 6. Já recebeu dinheiro (premiação/bicho) jogando futebol? Como aconteceu o pagamento e o acerto do valor?**
- 7. Tem ou teve algum parente (pai, irmão, tio ou primo) que jogou ou joga futebol?**
- 8. O que assiste de futebol na TV? Jogos, programas esportivos em geral ou nenhum dos dois?**
- 9. Compra ou gostaria de comprar produtos anunciados por jogadores famosos?**
- 10. Jogaria em países que não são tão conhecidos no mundo do futebol, mas que buscam jogadores brasileiros (clubes da Ásia, América do Norte e Caribe)?**
- 11. Pretende treinar junto ao Projeto Atletas Livre - Polo Pelotas do Sindicato dos Atletas Profissionais do RS até quando?**

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “*Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola: o jogador de futebol enquanto mercadoria*”. Antes de participar deste estudo, gostaríamos que você conhecesse o que ele envolve.

OBJETIVO DO ESTUDO: Compreender o quanto o futebol divulgado pela mídia atinge as relações de trabalho no cenário da modalidade.

PROCEDIMENTOS: Entrevistas com a utilização de um gravador de voz com os atletas e coordenadores do Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas.

RISCOS: Como está assegurado o anonimato dos participantes este estudo não apresenta riscos.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar desta pesquisa está no fato de que os resultados coletados poderão servir para aprofundar as discussões sobre as relações de trabalho no mundo do futebol, fazendo com isso que tais relações possam vir a ter uma melhoria considerável no que atinge aos atletas.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: A participação neste estudo será voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo no atendimento oferecido.

DESPESAS: Não existe despesa financeira na aplicação desta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE: É garantido ao participante que ele não será identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados a este projeto de pesquisa.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste documento de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas.

ATENÇÃO: Caso o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCPel pelo telefone: (53) 2128 8050 ou através do e-mail cep@ucpel.edu.br, endereço: Rua Gonçalves Chaves, 373 – Sala 411C - Centro, Pelotas - RS, 96015-560, ou com o pesquisador responsável pelo telefone: (53) 984540243 e-mail: gabriel.ribeiro@sou.ucpel.edu.br

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável. Portanto, estou de acordo em autorizar a participação no estudo.

DATA: ____ / ____ / ____

Nome e assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável Legal,
quando for o caso.

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa.

Nome e assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

Gabriel Gonçalves Ribeiro
Pesquisador responsável

Universidade Católica de Pelotas
R. Gonçalves Chaves, 373 - Centro, Pelotas - RS, 96015-560, Telefone: (53) 2128-8050

ANEXO II – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO – Nº CAAE

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PELOTAS - UCPEL

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola: o jogador de futebol enquanto mercadoria

Pesquisador: GABRIEL GONCALVES RIBEIRO

Versão: 1

CAAE: 79266924.4.0000.5339

Instituição Proponente: Sociedade Pelotense de Assistência e Cultura (SPAC)

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 041694/2024

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola: o jogador de futebol enquanto mercadoria que tem como pesquisador responsável GABRIEL GONCALVES RIBEIRO, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Católica de Pelotas - UCPel em 24/04/2024 às 10:26.

Endereço: Rua Gonçalves Chaves, 373

Bairro: Centro

CEP: 96.015-560

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)2128-8050

Fax: (53)2128-8298

E-mail: cep@ucpel.edu.br